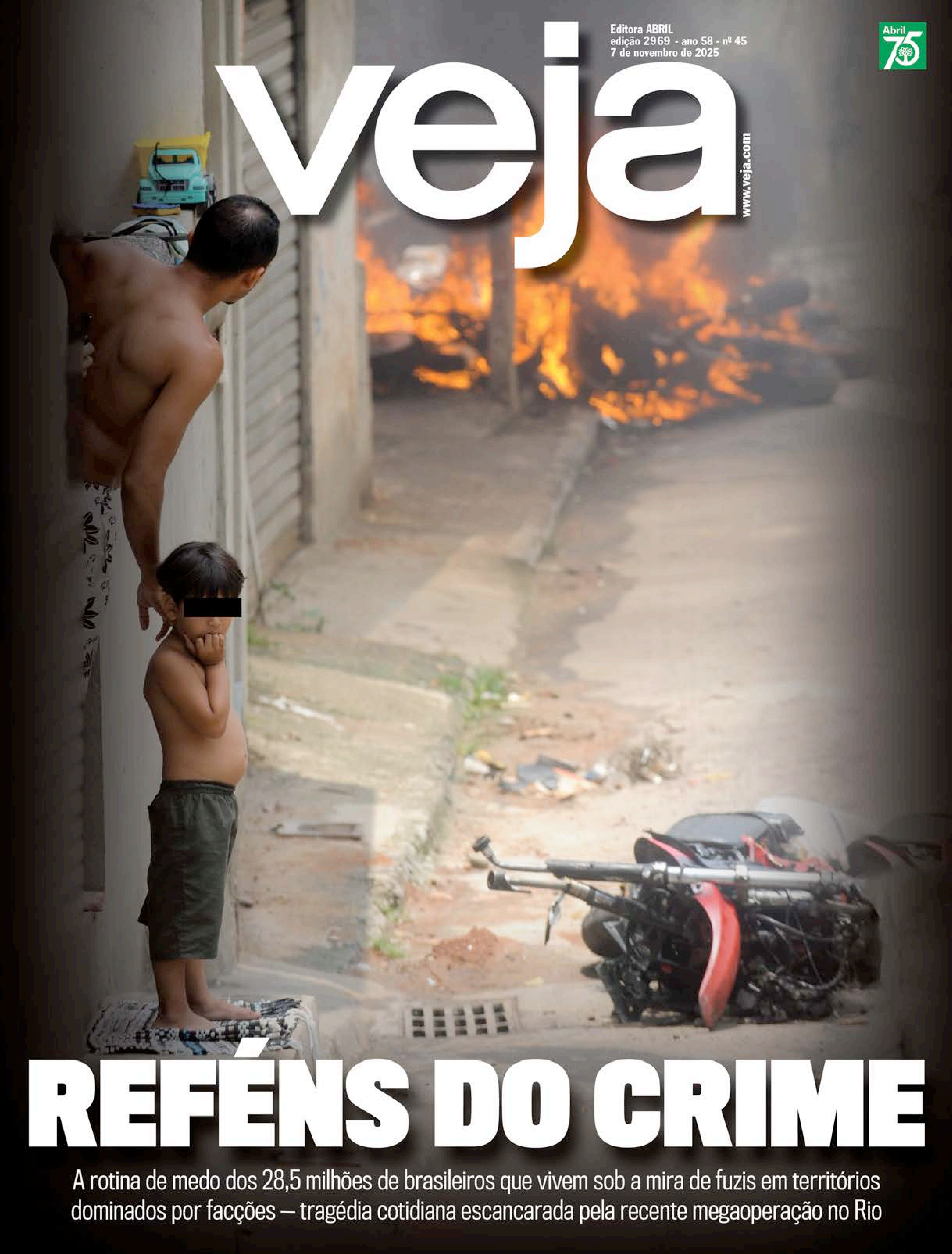
veja
Editora ABRIL
edição 2969 - ano 58 - nº 45
7 de novembro de 2025
www.veja.com



REFÉNS DO CRIME

A rotina de medo dos 28,5 milhões de brasileiros que vivem sob a mira de fuzis em territórios dominados por facções — tragédia cotidiana escancarada pela recente megaoperação no Rio

IOF

btg pactual
Ultrablue
mastercard

btg pactual

ZERO

Se você quer viajar
o mundo e não pagar
IOF nas compras,
o BTG é o seu Banco.

No BTG Pactual, você compra mais e paga menos: todos os cartões BTG têm IOF Zero em compras internacionais, sem limite de valor. Além disso, você tem acesso a mais de 1.000 salas VIP e um programa de benefícios completo, com pontos ou cashback, à sua escolha.

*Cartão sujeito à análise de crédito. A Campanha IOF Zero é válida exclusivamente para compras internacionais no crédito e no débito, por tempo indeterminado, e poderá cessar a qualquer momento sem aviso prévio. Não serão consideradas transações no cartão de débito internacional. Consulte o Regulamento.

JBS

Tudo começou com uma pequena porta de um açougue há mais de 70 anos.

Pode entrar.

E daquela porta surgiram muitas outras. Não foi sorte, nem acaso. Foi acreditando em coisas simples: descomplicar. Fazer sempre melhor. Cada porta veio com o trabalho de muita gente. Gente da fábrica, do campo, do balcão, do mercado. É assim que a JBS traz qualidade para a mesa. Abrindo portas para quem cresce ao nosso lado. E, assim, já estamos presentes em 5 continentes. Sem nunca esquecer a nossa origem, aquela pequena porta onde tudo começou.

Porque a chave de toda porta é a mesma: trabalho duro, humildade e simplicidade.

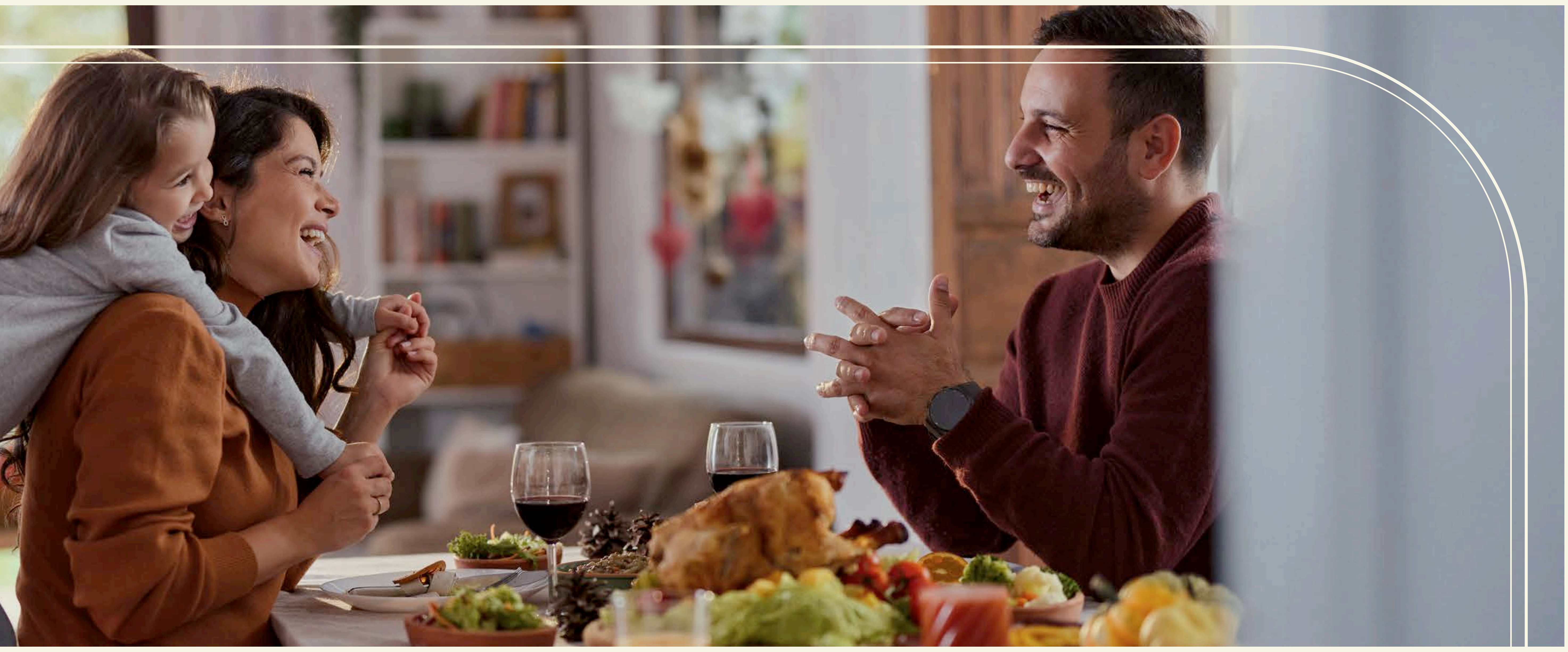
JBS. A gente alimenta um futuro melhor

jbs.com.br

Friboi · Pilgrim's · Richmond · Rigamonti · Seara · Huon · Delícia · Just Bare · Swift · Primo · Viv Era · Maturatta · Great Southern · Príncipe · Mantiqueira Brasil

CASA DE CARNE MINEIRA
ENTREGA À DOMICÍLIO

Conheça nossas marcas



ines249

veja

ÀS SUAS ORDENS

Assinaturas
www.assineabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Daniel Lopes Fernandes, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Anna Carolina Satie Suguihara Silva, Bruno Caniato Tavares, Camila Koester Pati, Carolina Neves Ferraz do Amaral, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Thiago Gelli Carrascoza, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro, Victória Ribeiro Carvalho **Sucursais: *Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editores-executivos:** Daniel Pereira, Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Anita Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Beatriz Haddad Ferreira, Flavio Pantoja Monteiro, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Natalia Tiemi Hanada, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br

YouTube www.youtube.com/@veja
@vejamais
linkedin.com/company/veja-com
@VEJA
facebook.com/veja
tiktok.com/@revista_veja

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes,
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto,
DIRETOR DE ASSINATURAS Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangirardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 2 969 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 45. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead

GRUPO Abril

www.grupoabril.com.br

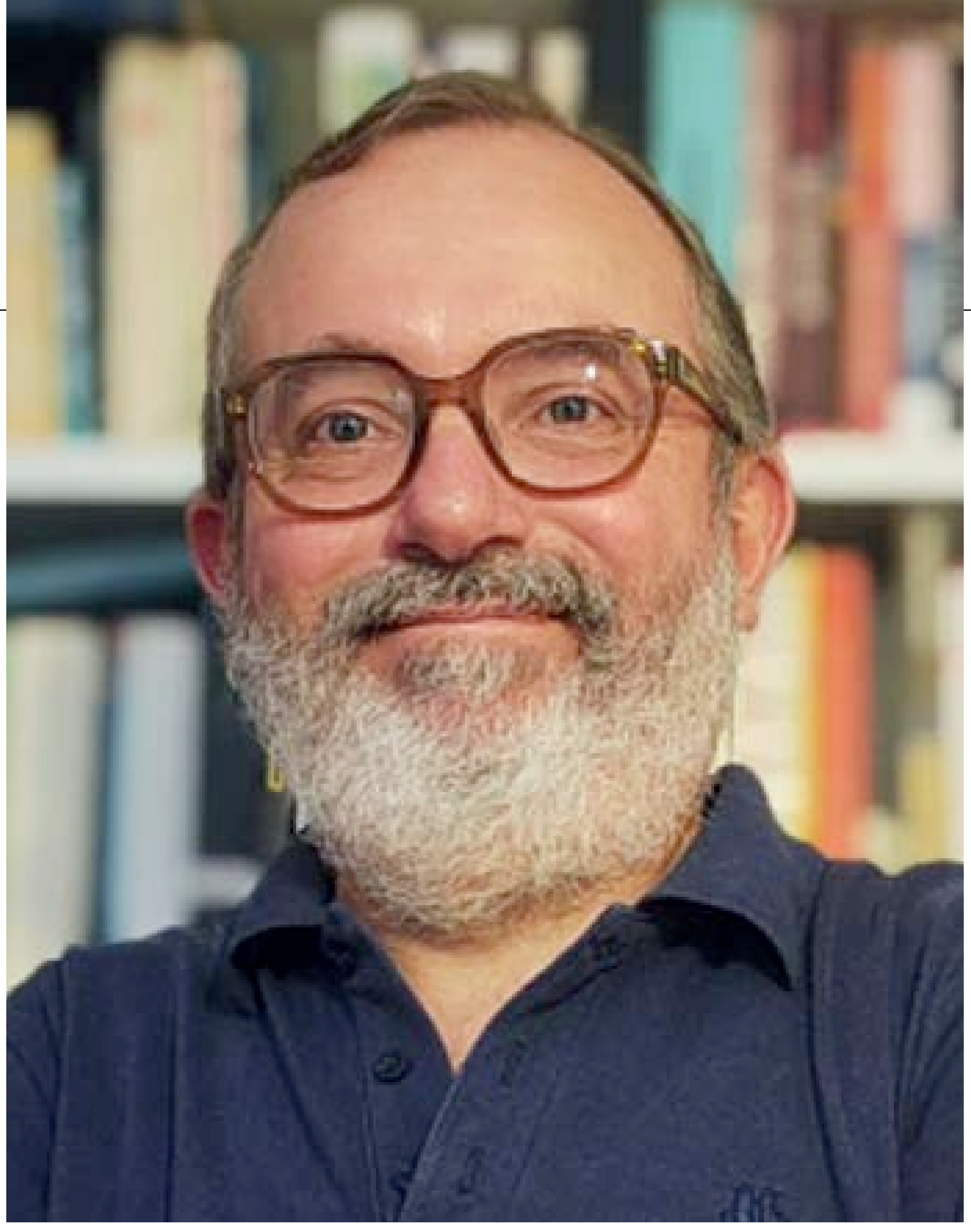
ines249

FLORIAN GAERTNER/PHOTOTHEK/GETTY IMAGES

ENTREVISTADO Sam Altman, o CEO da OpenAI: na revolução promovida pelo ChatGPT

A HISTÓRIA É AMARELA

AS PÁGINAS AMARELAS de VEJA são a mais prestigiada seção de entrevistas da imprensa brasileira. Na redação da revista, o espaço é carinhosamente tratado apenas como Amarelas. Desde junho de 1969, com a publicação da conversa inaugural, um pingue-pongue com o dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, ouvido por Luiz Fernando Mercadante, abriu-se a passarela pela qual caminharam personagens da história do Brasil e do mundo, mulheres e homens, entre líderes políticos, empresários, escritores, pintores, cientistas, economistas, poetas — quem quer que tivesse algo relevante a dizer aos leitores de VEJA.



ARQUIVO PESSOAL

ENTREVISTADOR
O editor Alessandro Giannini: persistência desde junho

O personagem desta edição é o empreendedor, investidor e executivo de tecnologia americano Sam Altman, CEO da OpenAI — empresa no centro de uma revolução, a inteligência artificial (IA) ao alcance de qualquer cidadão, a um toque no smartphone. Altman é um dos mentores do ChatGPT, o sistema que praticamente virou sinônimo de IA, em uma avalanche deflagrada em 2022 e que não para de crescer, alimentando a economia global e produzindo, por óbvio, mercuriais discussões éticas em torno do uso de informações que ajudam a encorpar os robôs na palma da mão. As Amarelas com Altman são resultado da persistência do editor Alessandro Giannini. Em junho, ao saber que a OpenAI abriria um escritório de representação em São Paulo, Giannini começou a trocar mensagens com profissionais de comunicação da companhia. O prêmio — o aviso de que Altman concederia o primeiro grande depoimento a um órgão de imprensa do Brasil — veio na semana passada. Por vídeo, de São Francisco, onde mora com o marido, o engenheiro Oliver Mulherin, o pai do ChatGPT não se furtou a nenhuma pergunta. “É um sujeito educado, claro e objetivo, com humor sutil”, diz Giannini. “Não parece ter a arrogância dos velhos capitães da indústria.”

ines249

ENTREVISTA PAUL THOMAS ANDERSON

ABAIXO OS EXTREMOS

O diretor que investigou a alma americana em *Magnólia* e *Sangue Negro* fala da polarização, da força da família e dos rumos do cinema ao lançar novo filme, *Uma Batalha Após a Outra*

RAQUEL CARNEIRO

EM 1998, Steven Spielberg foi questionado em entrevista a VEJA sobre o que pensava do futuro de Hollywood. Atento a uma nova leva de diretores independentes, ele cravou que o porvir pertencia a um jovem talento em especial: Paul Thomas Anderson. "Ele é brilhante", disse o cineasta. Herdeiro da Nova Hollywood, movimento dos anos 1960 que revelou Francis Ford Coppola, Martin Scorsese e o próprio Spielberg, o americano Anderson se impôs desde então como um crítico afiado do *American way of life*. Ele chamou atenção com o filme *Boogie Nights* (1997), um mergulho sem preconceitos na indústria pornográfica, e se consagrou com *Magnólia* (1999), drama psicológico sobre família, ambição e solidão. Ao narrar a corrida pela riqueza do petróleo em *Sangue Negro* (2007), conquistou oito indicações ao Oscar — incluindo a de direção. Hoje, aos 55 anos, Anderson transita entre gêneros retratando a ganância que gera violência, além de questões éticas sem respostas fáceis. A fórmula chega ao ápice em seu novo filme, *Uma Batalha Após a Outra*, que estreou nos cinemas na quinta 25 e já é forte concorrente ao Oscar de 2026. Na trama, um revolucionário de esquerda (Leonardo DiCaprio) trava disputa com um militar neofascista (Sean Penn), à sombra de um conflito paternal. A seguir, Anderson fala sobre a polarização atual, a resiliência da família e os rumos do cinema.

Toda a narrativa de seu novo filme, *Uma Batalha Após a Outra*, se dá ao redor de personagens posicionados em lados opostos e extremos da polarização política atual. Por que essa escolha? Usei essa disputa entre dois lados como um pano de fundo para a história que eu verdadeiramente queria contar. Meu ponto de partida é

ENTREVISTA DAN BROWN

"PENSEI EM DESISTIR"

O autor americano conta que quase abandonou o ofício antes do sucesso de *O Código Da Vinci*, analisa a força atual das teorias conspiratórias e opina sobre o impacto da IA na literatura

AMANDA CAPUANO

QUANDO Dan Brown lançou *O Código Da Vinci*, em 2003, tinha um único pensamento: se o livro não caísse no gosto dos leitores, procuraria outra profissão. A mudança de rumo, claro, não aconteceu. Protagonizado pelo herói Robert Langdon, o thriller que une Leonardo da Vinci e segredos do cristianismo virou best-seller instantâneo, irritou o Vaticano e fez de Brown um dos maiores autores das últimas décadas. Aos 61 anos, o americano já vendeu 250 milhões de livros, e filmes baseados em suas obras renderam mais de 1,4 bilhão de dólares em bilheteria. No recém-lançado *O Segredo Final* (Arqueiro) — que já domina as listas de mais vendidos e tem adaptação em andamento na Netflix —, ele mescla ciência e misticismo para explorar a hipótese de que a mente poderia interferir no mundo físico. A seguir, Brown fala sobre sua trajetória e de temas caros à sua obra, como religião, inteligência artificial e teorias conspiratórias.

***O Segredo Final* levou oito anos para ser escrito. O que explica a demora?** Eu trabalhei muito, mas o livro demorou porque era difícil de escrever. Esse livro é sobre o que chamamos de noética, o estudo da consciência, mais especificamente sobre a possibilidade de a mente humana afetar o mundo físico e a ideia de que os pensamentos podem alterar a matéria. É um tema fascinante, mas abstrato e difícil de ser encaixado em um thriller dinâmico.

O senhor perdeu sua mãe há alguns anos, e o enredo do novo livro abre discussões sobre a vida após a morte. Em que medida a história é pessoal? É bastante pessoal. Se me perguntassem há oito anos se eu acredi-

ENTREVISTA JOSEPH STIGLITZ

O DESASTRE DAS TARIFAS

O Prêmio Nobel de Economia alerta para os perigos do autoritarismo, critica o protecionismo de Trump e defende um novo modelo de capitalismo capaz de reduzir as desigualdades no mundo

PEDRO GIL

AOS 82 ANOS, o americano Joseph Stiglitz continua sendo uma das vozes mais influentes da economia mundial. Em entrevista exclusiva a VEJA, o ex-economista-chefe do Banco Mundial e ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 2001 fala sobre *O Caminho para a Liberdade*, livro lançado em 2024 e traduzido recentemente para o português. A obra nasceu em meio à intensa polarização política no mundo e ao avanço do autoritarismo nos Estados Unidos. Nela, Stiglitz procura recolocar a liberdade no centro do debate público, observando com preocupação o cenário dos Estados Unidos. "Estamos escorregando para o autoritarismo", afirma. Ainda assim, ele mantém certo otimismo. Stiglitz acredita que o desgaste do atual sistema político e econômico mundial pode abrir espaço para uma nova ordem, mais equilibrada, mais inclusiva e, afinal, mais democrática. Confira os principais trechos da conversa.

O que o motivou a escrever *O Caminho para a Liberdade*? Os Estados Unidos têm passado por muitas controvérsias em torno da noção de liberdade e quais são seus limites. Em todos os casos, fica claro que a noção de liberdade de uma pessoa interfere na de outra. Ou seja, não se pode ter uma noção de liberdade absoluta. Eu esperava que

31 DE OUTUBRO, 2025 13

DIÁLOGOS Paul Thomas Anderson *(à esq.),* Dan Brown e Joseph Stiglitz: o cineasta, o escritor e o Nobel de Economia na longa tradição inaugurada por VEJA em 1969

As Amarelas com Altman, enfim, seguem uma longa tradição de VEJA, a locomotiva que não perde tração, em nome da informação correta, no avesso das invencionices. Em setembro, o diretor americano Paul Thomas Anderson, do favorito ao Oscar *Uma Batalha Atrás da Outra*, falou com a editora Raquel Carneiro. Em outubro, a repórter Amanda Capuano colheu verdades e sorrisos do escritor Dan Brown, do best-seller *O Código Da Vinci*. Na semana passada, o destaque foi o Nobel de Economia Joseph Stiglitz, ouvido pelo repórter Pedro Gil. São figuras que honram as já míticas três páginas iniciais de VEJA, que ganharam o tom peculiar depois de uma curiosa circunstância. Em uma reunião rotineira, lá nos primórdios, deu-se a ideia de destacar o caderno de abertura com uma cor distinta. Havia, na gráfica, um estoque de papel amarelo, e brotou ali a coloração eternizada. Como informa um livro de coletâneas editado em 2017 com cinquenta das mais aplaudidas entrevistas até aquele momento, a história é amarela — e seguirá sendo. ■

veja FÓRUM

AGRO

AS SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS DO BRASIL PARA ALIMENTAR E PRESERVAR O PLANETA

PALESTRANTES CONVIDADOS

Carlos Fávaro
Ministro da Agricultura

Wanger de Alencar
Presidente Interino do BNB

Márcio Santos
Presidente da Bayer no Brasil

Tomás Manzano
Presidente da Copersucar

Liège Correia
Diretora de Sustentabilidade
da JBS

Bruno Barcelos Lucchi
Diretor Técnico da
Confederação da Agricultura
e Pecuária do Brasil (CNA)

Gabriel Moreira Pinto
Diretor de Energia
& Carbono na Atvos

Nadege Saad
Head da Plataforma E-agro
do Bradesco

Marcos Jank
Professor do Centro
Insper Agro Global

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO

ABERTURA

Palestra de Carlos Fávaro, Ministro da Agricultura

PAINEL 1

Investimentos verdes no agronegócio

PAINEL 2

O papel do agro brasileiro na transição energética global

PAINEL 3

As oportunidades trazidas pela agenda da descarbonização

PAINEL 4

O agro na floresta: como produzir sem desmatar

QUANDO?

24 DE NOVEMBRO

a partir de 07h30

ONDE?

CASA FASANO

SP

Acompanhe a transmissão ao vivo e a cobertura completa do evento pelos canais oficiais de Veja

/vejanoinsta

veja+ ACESSE PELO SITE DE VEJA

/veja

PATROCÍNIO

btg pactual empresas

APOIO

Banco do Nordeste

GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Fribal Especialistas em Carne

REALIZAÇÃO

Abril 75

DM9
JHSF
SURPREENDENTE
NASCE UMA
NOVA TRADIÇÃO
BOA VISTA
ESTATES
SAIBA MAIS
FOTO REAL DO BOA VISTA ESTATES

YOSHIKAZU TSUNO/GAMMA-RAPHO/GETTY IMAGES

É APENAS O COMEÇO

O CEO da OpenAI fala das transformações inevitáveis que a inteligência artificial ainda vai produzir, dos problemas de infraestrutura e dos planos de investimento no Brasil

ALESSANDRO GIANNINI

A INTELIGÊNCIA artificial (IA) é sonho humano de décadas, presente na boa literatura de ficção científica e em filmes de Hollywood. Em 2022, contudo — outro dia, portanto —, deu-se uma explosão cujos ecos ainda são ouvidos: o lançamento do ChatGPT por uma tímida empresa do Vale do Silício, a OpenAI. Não demorou para que o robô de IA crescesse em popularidade, quase sinônimo de uma era, e seu criador, Sam Altman, virasse um dos grandes nomes da tecnologia de nosso tempo, uma espécie de Steve Jobs da IA. A companhia cresceu, apareceu e, é claro, está no olho do furacão da economia global, mas também no palco de discussões éticas em torno dos direitos autorais das informações que alimentam os sistemas de IA. Altman, de 40 anos, ganhou seu primeiro computador aos 8. Em 2005, aos 19, fundou uma startup de geolocalização, e o resto é história. Envolto com as dificuldades de infraestrutura para fazer andar o ChatGPT, ele falou a VEJA, por videoconferência, de São Francisco, onde mora com o marido, o engenheiro Oliver Mulherin. A seguir, os trechos da entrevista exclusiva.

O senhor, que está no centro da atual revolução tecnológica, no olho do furacão, será um dia substituído na OpenAI por um robô de inteligência artificial (IA)? Espero que sim. Ficaria feliz em ver que a IA desenhou um CEO melhor do que eu sou. Em breve, é o que acontecerá, não há dúvida.

O que faria com tanto tempo livre a seu dispor, com uma máquina capaz de realizar as tarefas corporativas? Puxa, há tantas coisas que eu poderia fazer... Tenho interesse em muitas atividades. A IA tende a nos libertar para esse "espaço em branco", o tempo de ociosidade, que é fundamental e mal podemos imaginar como será.

Usa a IA no cotidiano? Claro, especialmente o ChatGPT, mas provavelmente deveria usar outros chatbots, que também devem ser bons.

O que faz no cotidiano, em suas interações com o ChatGPT? Deixa ver aqui o que consultei recentemente *(busca no computador)*. Ontem à noite, por exemplo, estava muito interessado em algo chamado *space dome (uma cúpula usada para projeções em 360 graus, quase sempre imersi-*

> "Temos mais de 50 milhões de usuários no Brasil, e o número não para de crescer. É um dos mercados ao redor do mundo onde as pessoas realmente se inclinaram para a IA"

vas, como a da Expo 2020, em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, segundo o ChatGPT). Planejei também minhas férias. Estava atrás ainda de informações sobre aceleradores de partículas e um carro novo, porque penso em trocar o meu. Tudo isso em poucas horas.

Para atividades comezinhas, em busca de conhecimento, portanto, a IA parece ser prática e decisiva. Mas como funcionará no futuro breve? Há uma lacuna enorme entre o que os modelos já são capazes de oferecer e o uso pelas pessoas. Robôs como o ChatGPT pensam, sim, como profissionais de diversas áreas, resolvem problemas difíceis de matemática e montam programas de computação sofisticados...

E o que falta para darem o grande salto? É incrível, mas há uma estrada imensa de crescimento. Ainda não descobrimos, é verdade, as infinitas possibilidades de produtos que podem ser criados com a IA — e que vão muito além de ferramentas como o ChatGPT. Ainda estamos nos estágios iniciais da revolução.

E quais são as dificuldades para o avanço mais imediato? A infraestrutura por trás da IA, com os data centers, é um obstáculo crucial. Por isso trabalhamos com parcerias, como a que costuramos com a Amazon, dias atrás. As pessoas, a rigor, querem usar muito mais IA do que são capazes de usar hoje. À medida que os modelos se tornarem mais inteligentes e também à medida que construirmos esses sistemas para permitir um uso maior, a demanda será astronomicamente grande, mas, agora, não podemos atendê-la.

Não é segredo que existem estimativas de que a Open AI tem 13 bilhões de dólares em receitas anuais e 1 trilhão de dólares em compromissos futuros de infraestrutura. O que fazer para equilibrar a balança? Honestamente? Aumentar a receita. Tivemos sorte em poder crescer muito rapidamente, e planejamos continuar fazendo isso. Passo boa parte de meu tempo pensando de onde virá esse crescimento. Mas agora que contratamos Fidji Simo, a CEO de aplicativos, ela está fazendo um trabalho magnífico que libera meu tempo para trabalhar em infraestrutura e outras necessidades.

Um dos planos é usar 25 bilhões de dólares para a construção de data centers na Argentina. Por que não no Brasil? O Brasil é um país muito interessante para data centers, em muitos aspectos. Ficaríamos entusiasmados em montá-los. Mas surgiu a oportunidade de fazê-los rapidamente na Argentina, e apenas decidimos aproveitá-la. Mas ficaríamos encantados em ir para o Brasil, claro.

O Brasil, enfim, está nos objetivos da OpenAI? É um mercado extremamente relevante para nós. Temos mais de 50 milhões de usuários brasileiros, e o número não para de crescer. É um dos mercados ao redor do mundo onde as pessoas realmente se inclinaram para a IA, tornando-a parte de sua vida diária, seus negócios e tudo mais. Obviamente, há muitas coisas que o Brasil ainda precisa acertar para ser uma das potências de IA no mundo, mas acho que ele tem o ingrediente mais decisivo, que é uma tonelada de pessoas que a usam e estão usando para construir coisas incríveis.

E qual é o próximo passo? Como eu disse e reafirmo, planejamos continuar investindo bastante. Estou animado porque estamos abrindo um escritório em São Paulo. Queremos continuar trabalhando com o Brasil para torná-lo um centro cada vez mais relevante.

Estamos à beira da COP30. Há preocupação em alinhar a expansão da infraestrutura em torno da IA com o zelo ambiental, atento especialmente ao uso consciente de energia? Sim, e penso muito nisso. A energia será o limitador de longo prazo da quantidade de IA que podemos ter no mundo. Minha crença pessoal é que as matrizes nuclear e solar acabarão sendo as duas fontes de energia dominantes. E são, eu acho, ótimas, seguras, ambientalmente amigáveis e podem ser muito baratas. Então é para lá que eu espero que as coisas caminhem.

Há hoje uma concorrência intensa entre as empresas de tecnologia envolvendo IA. Concorrência sempre é sau-

dável, e é bom que assim seja, mas há alguma virulência. Aonde chegaremos? A concorrência leva a produtos melhores e mais baratos na maioria das vezes, e muito provavelmente é o que teremos em torno da IA. Nós mesmos temos sempre melhorado o ChatGPT a cada nova versão, incluindo recursos e instrumentos de segurança.

A IA representa uma nova era da internet, e adeus ao que conhecemos até agora? Não acho que seja o fim da internet como a conhecemos, de forma alguma. A internet é extremamente durável e massiva. Mas, sim, haverá uma transformação fundamental, com agentes de IA trabalhando por nós. Mas não será, insisto, o fim da internet.

A internet é um lugar democrático e, em muitos aspectos, anárquico. É adequado estabelecer algum tipo de re-

“Talvez o melhor médico do mundo seja melhor do que o ChatGPT. Mas, se não há opção, se não dá para pagar por um médico, especialmente em regiões pobres, será muito melhor do que nada”

gulamentação? Precisamos de um arcabouço equilibrado. É vital ter proteções de uso, tanto para os consumidores quanto para as empresas. Haverá decisões erradas, até que cheguemos a bom ponto.

Quais serão, enfim, os próximos passos dessa revolução? Serão muitos, é difícil prever. Um dos mais notáveis será a capacidade de ter um modelo de IA rodando o tempo todo. Fazendo tarefas de todos os tipos, pensando por você, fazendo, olhando as informações recebidas, lendo as notícias do mundo, o que for, e o ajudando constantemente, de maneira sempre ativa, a ser melhor e melhor.

Nos últimos meses, diversas empresas de jornalismo entraram com processos contra a OpenAI, alegando uso indevido do conteúdo para treinar os modelos de linguagem. As reclamações são justas? As pessoas devem poder debater e protestar sobre o que quiserem. Acho justo. Só não tenho certeza se é inteligente. Em algumas indústrias, é esperado que a IA substitua as pessoas que trabalham nelas. Não espero isso para o jornalismo.

Espera que ocorra o quê, então? No jornalismo, as pessoas realmente querem uma conexão com quem está escrevendo a história. Elas querem saber se há um ser humano com julgamento humano, talvez alguém em cujo julgamento eles decidiram confiar. Eu esperaria que, em um mundo com uma tonelada de conteúdo gerado por IA, o valor de um bom jornalista aumentasse, e a conexão que as pessoas têm, o valor que elas atribuem a isso, aumentasse. Esse me parece ser o bom caminho ao lidar com informações.

Outra área em que há muito ruído é a da saúde, especialmente a das terapias mentais. A IA pode ser um bom psicólogo ou psicanalista? Pensemos de modo mais amplo. Um ótimo especialista em quimioterapia contra qualquer tipo de câncer é obviamente melhor que um chatbot. Mas, veja bem, nem todo mundo que quer um terapeuta consegue um ou pode pagar por um, ou talvez não haja o suficiente no mundo, ou talvez não haja bons o suficiente no mundo — então talvez seja muito melhor do que nada. Talvez o melhor médico do mundo seja muito melhor do que o ChatGPT. Mas, se não há alternativa, se não é possível pagar por um médico, especialmente em regiões mais pobres, será muito melhor do que nada.

Mas qual a responsabilidade dos robôs de IA? Trabalhamos com centenas de médicos no desenvolvimento dos recursos de medicina e saúde do ChatGPT. A ideia, agora, é que seja uma ferramenta para os clínicos usarem em suas práticas. Mas é inegável que os cidadãos se sintam atraídos pelos mecanismos de IA para cuidar do corpo e alma.

O senhor já usou? Sim, quando tive problemas de saúde em casa. ■

LIDE BRASIL ITÁLIA FÓRUM | LIDE BRASILE ITALIA FORUM

PATROCÍNIO

banco BRB
CNSaúde CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE
enel
TurisRio Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Turismo
GOVERNO DO ESTADO RIO DE JANEIRO
Light
PIRELLI
VALE
NSI NORTH STAR INVESTMENT GROUP
X-VIA

APOIO

acciona
Bauducco
emae
CONFINDUSTRIA
TECHNOGYM
GALÁPAGOS AMBIENTAL
GRUPOPETRÓPOLIS
Ternium
Gruppo Esponenti Italiani
teya
Sistema FIEMS

MÍDIA PARTNERS

JOVEMPAN
LIDE .com.br
REVISTA LIDE
TV LIDE

TRANSPORTADORA OFICIAL

AIRFRANCE

OPERADORA OFICIAL

Maringá Turismo

INICIATIVA

LIDE GLOBAL
LIDE ITALY

MAIS INFORMAÇÕES

24 - 25 DE NOVEMBRO

ROMA - ITÁLIA

HOTEL EDEN

PALESTRANTES CONFIRMADOS

MICHEL TEMER

PRESIDENTE DO BRASIL (2016-2018)

GILMAR MENDES

MINISTRO DO STF - SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

HUGO MOTTA

PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPUTADO FEDERAL (REPUBLICANOS-PB)

EDUARDO GOMES

SENADOR (PL-TO)
VICE-PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL

FABIANO CONTARATO

SENADOR (PT-ES)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE MEIO AMBIENTE DO SENADO

WEVERTON ROCHA

SENADOR (PDT-MA)
MEMBRO DA FRENTE PARLAMENTAR EM APOIO AOS INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS PARA O BRASIL

VENEZIANO VITAL DO REGO

SENADOR (MDB-PB)
PRESIDENTE DA FRENTE PARLAMENTAR DE RECURSOS NATURAIS E ENERGIA

EFRAIM FILHO

SENADOR (UNIÃO-PB)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS

DANIELLA RIBEIRO

SENADORA (PP-PB)
TITULAR DA COMISSÃO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

FELIX MENDONÇA JR

DEPUTADO FEDERAL (PDT-BA)
SECRETÁRIO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA CÂMARA FEDERAL

RICARDO BARROS

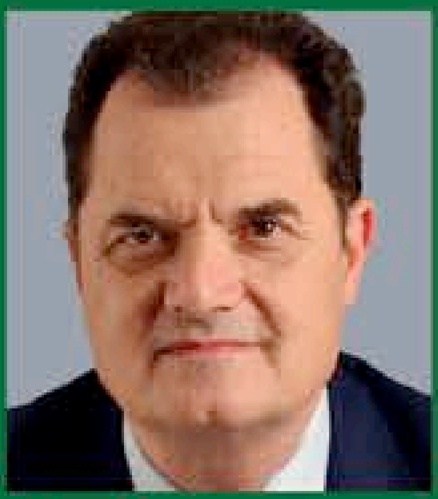
DEPUTADO FEDERAL (PP-PR)

GERVÁSIO MAIA

DEPUTADO FEDERAL (PSB-PB)

MARCO NOCIVELLI

VICE-PRESIDENTE CONFINDUSTRIA

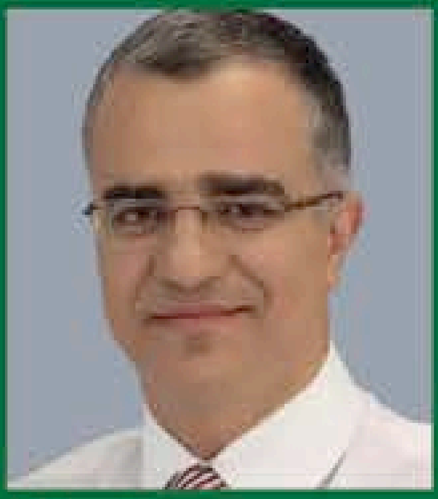


FABIO PORTA

DEPUTADO DO PARLAMENTO ITALIANO

ROBERTO GUALTIERI

PREFEITO DE ROMA



KENNEDY ALENCAR

DIRETOR DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS DA VALE

JEAN PAUL PRATES

HEAD DO LIDE ENERGIA
PRESIDENTE DA PETROBRAS (2023-2024)
SENADOR DA REPÚBLICA (2019-2023)

KÁTIA ABREU

SENADORA (2007-2023)
MINISTRA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (2015-2016)

ALEXANDRE NOGUEIRA

CEO DA LIGHT

JOSÉ BATISTA JÚNIOR

PRESIDENTE DA JBJ AGROPECUÁRIA

ROBERTO GIANNETTI

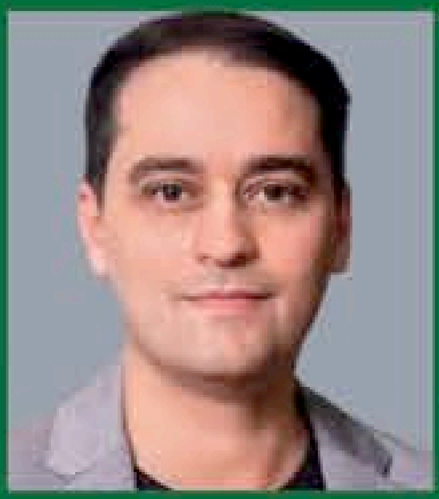
HEAD DO LIDE COMÉRCIO EXTERIOR

ANTONELLA CAVALLARI

SECRETÁRIA GERAL DO IILA - INSTITUTO ITALO-LATINO AMERICANO

SERGIO LONGEN

PRESIDENTE DA FIEMS - FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
VICE-PRESIDENTE DA CNI



MAGNO MACIEL

BOARD MEMBER DA X-VIA

FRANCISCO MATTURRO

HEAD DO LIDE AGRONEGÓCIOS
SECRETÁRIO DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DE SÃO PAULO (2022)

JOÃO DORIA

FUNDADOR DO LIDE
GOVERNADOR DE SÃO PAULO (2018-2022)
PREFEITO DE SÃO PAULO (2017-2018)

GIACOMO GUARNERA

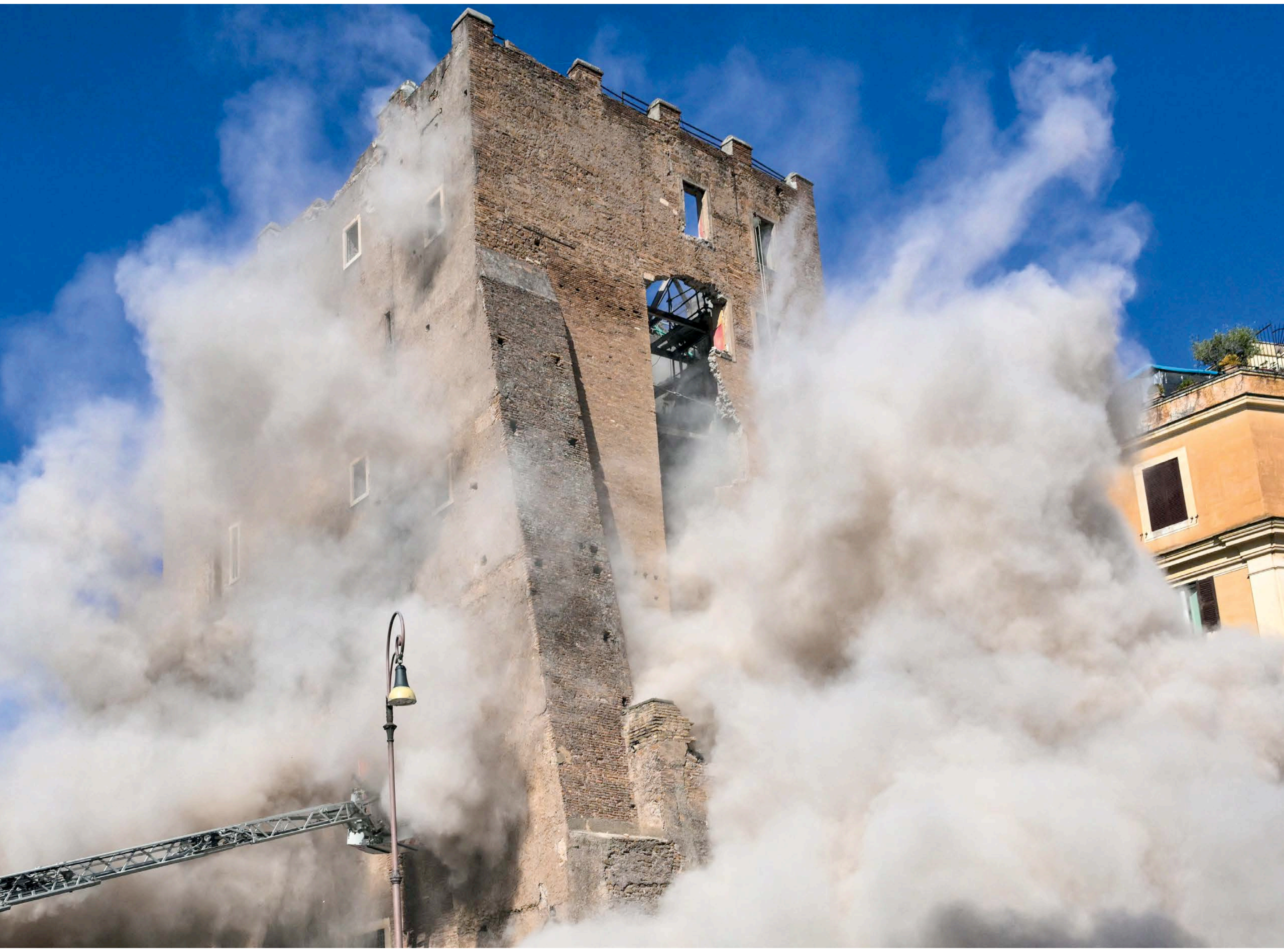
PRESIDENTE DO LIDE ITÁLIA

JOÃO DORIA NETO

CEO DO LIDE GLOBAL

IMAGEM DA SEMANA

NÃO FOI A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO



A TORRE DEI CONTI, em Roma, próxima ao Coliseu e ao Fórum Romano, é uma fortificação medieval construída em 1238 por Ricardo Conti, irmão do papa Inocêncio III, para servir de residência familiar. Ela tinha, no início, de acordo com arqueólogos, algo

TIZIANA FABI/AFP

ines249

como 50 ou 60 metros de altura, o que lhe valeu o apelido de Torre Maggiore. Ao longo dos séculos, a ação dos movimentos da natureza, em sucessivos terremotos, foi erodindo a construção, que então se reduziu a 29 metros — ainda assim celebrada com pompa, embora estivesse fechada para visitação desde 2006 e em trabalho de reforma desde 2022. Na semana passada, um **desabamento parcial a envolveu em fumaça** e provocou a morte de ao menos um operário, de origem romena. Houve comoção, porque a capital da Itália respira o passado e zela por ele como poucas cidades. Não demorou, contudo, em um mundo tão polarizado, em que as diferenças ideológicas permeiam tudo o que acontece, para o desastre ser banhado de ridícula camada de provocação, como se o Império Romano é que tivesse ruído. Nas redes sociais (e onde mais seria?), a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia foi irônica e escreveu: “Enquanto o governo italiano desperdiçar o dinheiro de seus contribuintes para apoiar a Ucrânia, a economia local e suas torres continuarão a desmoronar”. Houve crise diplomática, cartas de um lado para o outro, e o fogo apagou — mas é improvável que a sensatez resista como a Torre dei Conti. ■

Fábio Altman

ines249

“FAZER ARTE É FAZER JUSTIÇA”

Protagonista do filme *Honestino*, a respeito do líder estudantil morto pela ditadura, e produtor associado do projeto *Chico Vive*, o ator reflete sobre democracia e a função social de sua atividade

INSTAGRAM @BRUNOGAGLIASSO

FAMÍLIA

O que realmente o move: “O que ensino aos meus filhos vem das minhas ações”

O que o motivou a aceitar o papel de Honestino Guimarães, o presidente da União Nacional dos Estudantes, uma das vítimas do regime militar, sequestrado e morto em 1973? Foi uma escolha artística e política. O convite veio do diretor Aurélio Michiles, que me viu em *Marighella,* e não houve como recusar. Hoje, escolho projetos que façam sentido para a minha vida. Essas histórias são o maior legado que posso deixar para os meus filhos e para quem acompanha o meu trabalho.

O filme surge em um momento do país em que se discute a democracia, com um ex-presidente em prisão domiciliar condenado por tentativa de golpe. Qual é o papel da arte nessa discussão? A arte é a narradora da nossa história. É por meio dela que levantamos discussões e fazemos política. A democracia precisa ser reconquistada todos os dias, e o cinema é ferramenta poderosa nessa batalha constante.

Além de *Honestino,* você está à frente de *Chico Vive,* sobre Chico Mendes. O que torna essa história tão urgente? Chico Mendes falava sobre sustentabilidade há cinquenta anos, quando quase ninguém tocava no assunto. O filme se tornou uma plataforma com cinco frentes, incluindo um longa, um documentário e um prêmio para boas iniciativas.

Honestino e Chico Mendes são mártires de suas causas. O que significa dar voz a essas figuras hoje? É isso que me move como artista e ser humano. Fazer arte é levantar discussões e fazer justiça.

Acredito numa arte que incomoda, não apenas entretém. São histórias que tentam apagar o tempo todo, mas essas pessoas deram a vida para mudar o mundo, e recontá-las é uma forma de resistência.

Com a COP30 no Brasil, qual é a nossa responsabilidade como país? A COP30 é a nossa grande chance de mostrar que somos protagonistas nessa área. Precisamos dominar esse debate, conhecer nossas florestas e nossos projetos. Outros países devem ser parceiros, não "salvadores da pátria". Somos nós que temos o poder e a responsabilidade de preservar nossa biodiversidade, especialmente com o mundo nos observando.

Seu envolvimento com causas ambientais e sociais marca uma nova fase na sua carreira? Sempre busquei personagens que provocassem reflexão, desde um esquizofrênico, em *Caminho das Índias,* até o primeiro beijo gay na TV, em *América.* A diferença é que hoje, com mais autonomia, posso mergulhar de cabeça em projetos que me representam por completo. Tenho orgulho do tempo nas novelas, claro que sim, mas o cinema me dá essa liberdade.

O que, de fato, o move hoje: a arte ou a política? Minha família. Tudo o que faço é para eles, por eles e com eles. Talvez por isso eu fale tanto em legado — porque o exemplo é o que fica. O que ensino aos meus filhos vem muito mais das minhas ações do que das minhas palavras. ■

Simone Blanes

O FUTURO
ACONTECE
COM O BNDES

O mesmo vento que leva o balão de uma criança traz um futuro sustentável.

BNDES, o maior financiador de energia limpa do mundo, investe nos brasileiros e no planeta.

Saiba mais em
bndes.gov.br

Conheça esta linda história.

BNDES O banco nacional do desenvolvimento

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

CIETE SILVÉRIO/FOLHAPRESS

FRATERNIDADE Lô Borges: na gênese do Clube da Esquina, de Milton e seus amigos de Belo Horizonte

COMO O GIRASSOL

"Noite chegou outra vez / de novo na esquina os homens estão / todos se acham mortais / dividem a noite, a lua e até a solidão." Milton Nascimento conta que *Clube da Es-*

ines249

quina, a clássica balada da MPB que marcaria uma geração de geniais músicos de Minas Gerais, nasceu na casa da família Borges em Santa Tereza, em Belo Horizonte. “Lô me mostrou uma harmonia, eu peguei meu violão e comecei a improvisar”, disse o cantor. “Fechei os olhos e não via mais nada do que acontecia no mundo.” Quando voltou a si, a mãe dos irmãos Lô e Márcio chorava enquanto segurava uma vela, porque faltava luz.

Aquele clima, aquele ambiente de amor e arte, cercou Lô Borges desde a adolescência, ao se aproximar da trupe de Milton, que em Belo Horizonte se reunia na esquina das ruas Divinópolis e Paraisópolis. Tímido, no violão e no piano, sempre com papel em mãos, misturava poesia com rock, jazz com bossa nova, na criação de obras-primas dos anos 1970 — e que ainda hoje ecoam como retrato de um tempo feito de sonhos, de busca de liberdade e democracia no Brasil ferido pelo regime militar. Lô é autor ou coautor de *Para Lennon e McCartney, O Trem Azul* e *Um Girassol da Cor de Seu Cabelo,* do álbum *Clube da Esquina,* lançado em 1972, cujos versos sempre emocionam, associados ao lindo arranjo e ao piano inesquecível: “Se eu morrer, não chore, não / É só a lua / É seu vestido cor de maravilha nua, / Ainda moro nesta mesma rua / Como vai você? / Você vem? / Ou será que ainda é tarde demais?”. Lô morreu em 2 de novembro, aos 73 anos, em decorrência de uma intoxicação provocada por medicamentos. Estava internado havia duas semanas.

TUCA VIEIRA/FOLHAPRESS

PARCERIA Clara Charf: viúva de Carlos Marighella, morto pela ditadura

UM SÉCULO DE MILITÂNCIA

Filha de judeus russos que fugiram da perseguição antissemita no Leste Europeu, **Clara Charf** foi criada no Recife e, desde a meninice, teve contato com militantes comunistas. Comissária de bordo por profissão, de inglês fluente, preferia a lida com a política a ficar no ar. No início dos anos 1940, em atividades do Partido Comunista Brasileiro, conheceu o militante Carlos Marighella, com quem se casaria em 1947 e viveria até a morte dele, em 1969, assassinado pela ditadura. Forçada ao exílio, foi para Cuba, onde permaneceria até a anistia de 1979.

De volta ao Brasil, Clara atuou de modo firme na luta pelos direitos das mulheres. Candidata a deputada estadual em 1982, pelo PT, teve cerca de 20 000 votos, mas não conseguiu se eleger. A derrota não a afastou do tema que a fascinava, e que até o fim da vida mantinha aceso, como mantra: a lembrança do legado de Marighella. Morreu em 3 de novembro, aos 100 anos, completados em julho.

SOMBRA Cheney: a voz de George Bush

ETHAN MILLER/GETTY IMAGES

O VICE MAIS INFLUENTE

Para muitos analistas da política americana, **Dick Cheney** foi o mais poderoso vice-presidente da história dos Estados Unidos. Conselheiro mais próximo de George Bush, como secretário de Defesa, orquestrou a Guerra do Golfo, que expulsou os invasores iraquianos do Kuwait em 1991, e, uma década depois, já como vice-presidente, assumiu um papel de liderança na resposta aos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Cheney morreu em 4 de novembro, aos 84 anos, de problemas cardíacos. ■

A melhor preparação para o vestibular ou a melhor educação bilíngue?

AZ

bilingual school

Confira a disponibilidade em sua região!

GRUPO **SEB**

Agora a sua escola pode ter os dois.

Você, gestor escolar, sabe o quanto é desafiador manter sua escola competitiva e inovadora em um mercado cada vez mais exigente.

O **AZ Bilingual School** é o sistema de ensino bilíngue que transforma esse desafio em oportunidade — reunindo tudo o que uma **escola de vanguarda** precisa para atender às novas demandas da sociedade:

- **Alta performance acadêmica**, com resultados comprovados;
- **Educação bilíngue integrada**, com disciplinas em português e inglês;
- **Dupla certificação internacional**;
- **Educação socioemocional** que desenvolve as habilidades para a vida;
- **Tecnologia educacional** que potencializa o aprendizado;
- **Currículo de inovação** desenvolvido no Vale do Silício.

Com a força de um dos maiores grupos globais de educação, o AZ Bilingual School torna sua escola referência em educação bilíngue de alta performance.

azbilingual.com.br/parceria

AZBilingual_Oficial

“Acho muito atual a discussão sobre a intolerância ao estrangeiro, ao diferente. (...) Hoje em dia, aceitar outra opinião já é um problema.”

DAN STULBACH, protagonista da peça *O Mercador de Veneza,* clássico de William Shakespeare, em cartaz em São Paulo

RONALDO GUTIERREZ

“Como a gente diz no Brasil, eu tenho culpa no cartório, né? Mas, ao mesmo tempo, eu também não sou o monstro que as pessoas tentaram me pintar.”

GEORGE SANTOS, filho de brasileiros, ex-deputado republicano dos Estados Unidos que ficou três meses preso, acusado de fraude eletrônica e roubo de identidade

“Ataques estrangeiros, por mais ruidosos que sejam, não ameaçam uma corte tanto quanto o enfraquecimento da confiança entre seus juízes.”

CELSO DE MELLO, ministro aposentado do STF

“Me dá muito medo.”

HARRISON FORD, o Indiana Jones e o Han Solo do cinema, a respeito de Donald Trump

“Estou naquela, um dia de cada vez.
E me aprofundando no zen-budismo.”

TONY BELLOTTO, guitarrista dos Titãs, vencedor do Prêmio Jabuti pelo romance *Vento em Setembro,* que trata um câncer no pâncreas

“A cultura, os filmes,
as músicas são marcadores
do tempo, né? A gente ouve uma
música e se lembra do que
estava acontecendo na
nossa vida na época.”

KLEBER MENDONÇA FILHO, diretor de *O Agente Secreto,* representante do Brasil no Oscar

“Se o jornalismo vai
à sua essência, é único
e insubstituível.”

JAIME ABELLO BANFI, editor colombiano, diretor da Fundação Gabo

“Quando Elon Musk nos ataca,
as pessoas doam mais dinheiro.”

JIMMY WALES, criador da Wikipedia

“Às mulheres idosas
só é permitido ser duas coisas — velhas
sábias ou velhas bruxas malvadas.”

MARGARET ATWOOD, escritora canadense, autora de *O Conto da Aia*

ines249

GILBERT FLORES/VARIETY/GETTY IMAGES

“Sei como é ser subestimada e ver pessoas te definindo antes de você ter uma chance de se definir.”

SYDNEY SWEENEY, atriz americana, que interpreta uma pugilista no filme biográfico *Christy,* ainda inédito no Brasil. Na semana passada, fotos de Sweeney em um vestido transparente viralizaram nas redes sociais — e provocaram ruído

SOBE

ZOHRAN MAMDANI

Muçulmano, filho de imigrantes e socialista, o democrata de 34 anos foi eleito prefeito de Nova York e será o mais jovem a comandar a maior metrópole dos EUA em mais de um século.

LICENÇA-PATERNIDADE

A Câmara aprovou a ampliação do benefício de cinco para vinte dias, de forma escalonada, a partir de 2027 – a decisão precisa passar pelo Senado.

JANNIK SINNER

Campeão do Masters 1000 de Paris, o tenista italiano voltou ao topo do ranking da ATP menos de dois meses após perder o posto para o espanhol Carlos Alcaraz.

DESCE

CASAMENTO

O enlace formal civil e religioso atingiu a menor taxa histórica (37,9% do total) e foi superado pela união consensual, que foi a 38,9%, segundo o Censo 2022.

LUCAS BOVE

O deputado estadual do PL em São Paulo virou réu na Justiça sob a acusação de violência doméstica contra a ex-mulher, a influenciadora Cíntia Chagas.

IFOOD

A empresa teve de pagar quase 1 bilhão de reais em tributos depois que a Justiça considerou que ela usou benefícios fiscais na pandemia, apesar da alta da receita com delivery no período.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Marcelo Ribeiro, Nicholas Shores
e Pedro Pupulim

Intrigas na corte

Há um ano em tramitação no gabinete do ministro **Cristiano Zanin,** o inquérito sobre venda de sentenças está no centro de uma rebelião silenciosa do STJ contra o STF. Alguns ministros se dizem constrangidos em julgar no STJ casos de escritórios de advocacia de parentes de ministros do STF.

Um constrangimento

Num caso recente, o STJ mudou o rumo de um julgamento ao saber que uma das partes era defendida

GUSTAVO MORENO/STF

DURA MISSÃO Zanin: ministro é relator de casos sobre corrupção judicial por advogados do escritório de Valeska, mulher de Zanin. “O fato de Zanin investigar integrantes do tribunal e a banca da mulher dele advogar aqui dentro gerou desconforto nos pares”, diz um integrante do STJ.

É preciso investigar

Zanin tem conduzido o caso com discrição e de forma séria, mas as falhas na investigação, os vazamentos e a demora no desfecho irritam o STJ. Nesta semana, a PGR apontou várias falhas no relatório da PF, mas defendeu a continuidade da investigação, apontando graves indícios de crimes.

Vida que segue

Alexandre de Moraes completou recentemente três meses na temida lista de alvos da Lei Magnitsky.

Não precisava

Fachin não gostou do carnaval gerado pela viagem de Moraes ao Rio de Janeiro para fiscalizar ações de governo.

Comando discreto

Pouca gente percebeu, aliás, mas Edson Fachin completou um mês no comando do STF — quase sem polêmicas.

Tudo ou nada

Se não for escolhido por Lula para integrar o STF, o senador Rodrigo Pacheco já decidiu, segundo aliados, que deixará a política no fim de 2026.

Segue favorito

Chefe da AGU, Jorge Messias conseguiu consolidar o apoio da classe política — incluindo o Senado — para ser ministro do STF, diz um aliado.

Agenda recreativa

Em Belém há quase uma semana, Lula ainda não tomou um banho de rio nem conseguiu pescar, segundo auxiliares que estão com ele na cidade.

Mistério cinco estrelas

Divulgada pelo Planalto, a diária de 2 700 reais por pessoa no iate de Lula intriga empresários de Belém pelo baixo custo. O contrato está em sigilo.

Hóspede indesejado

Se dependesse só da Polícia Federal, Jair Bolsonaro cumpriria sua pena em casa. "A saúde dele recomenda a prisão domiciliar", diz um investigador.

Em silêncio

Preso há três meses, Bolsonaro tem resistido a apelos de aliados para que rompa o silêncio por meio de uma carta ou bilhete.

Filhos do barulho

A pressão aumentou desde que Eduardo e Carlos Bolsonaro passaram a atacar aliados e a incendiar o bolsonarismo em defesa de interesses próprios.

Mais um tiro no pé

Ao atacar Tarcísio de Freitas, Eduardo mina o nome da direita que teria mais chances de livrar o pai dele da prisão, em 2027, avalia um bolsonarista.

De olho no bagulho

Santa Catarina começou a multar em um salário mínimo quem é flagrado com maconha no estado. Em cinco dias, foram mais de 500 flagrantes.

A cidade da fumaça

Joinville, reduto bolsonarista que se orgulha de ser o "Texas brasileiro", foi a campeã de flagrantes. "Lugar público não é local pra ficar emaconhado", avisa o governador Jorginho Mello.

Quem manda

Dados da Ativaweb mostram que **Michelle** é hoje a grande força digital do clã Bolsonaro no Instagram. Ela tem 7,6 milhões de seguidores, à frente de Eduardo (7 milhões), Flávio (6,1 milhões) e Carlos (3,6 milhões).

Ainda é o mito

Com 24 milhões de seguidores, o clã, no entanto, está longe da força de Bolsonaro, que tem 27 milhões de seguidores só nessa rede. "O algoritmo ainda reverencia Bolsonaro", diz Alek Maracajá, da Ativaweb.

PARTIDO LIBERAL

É ELA Michelle: ela é hoje a grande força digital do clã Bolsonaro na rede

O mistério continua

O inquérito sobre sigilos de Lula na Presidência completou nove meses parado na PGR. Aberto em fevereiro, deveria investigar a ocultação de dados sobre gastos e visitas no Planalto.

Sob nova direção?

Discretamente, um gaúcho do interior do Rio Grande do Sul está tentando registrar no Inpi a marca “Instituto Lula”, como era conhecido o escritório de Lula nos tempos de Lava-Jato.

Sempre teremos Paris

Sem viajar aos EUA, Luís Roberto Barroso, agora aposentado, elegeu a França seu destino preferencial. Em janeiro, dará um curso na Sorbonne, em Paris, para onde tem viajado com frequência.

Só um susto

Sobre os problemas de saúde que enfrentou, ao sair do STF, Barroso brinca: “Foi um pouco de saudade e excesso de leveza”, diz o ex-ministro.

Virou bagunça

O MPF abriu um procedimento para impedir que a PF realize acordos de cooperação internacional sem o prévio aviso ao órgão. O clima é pesado.

Projeto réveillon

O governo começou a dar um banho de loja em algumas bases militares. Quer tudo arrumadinho para a festa da virada de Lula e Janja.

Oi, sumida!

O Carf vai julgar, nos próximos dias, um processo tributário da amiga de Lula, e ex-chefe de gabinete do petista em São Paulo, Rosemary Noronha.

ines240

INSTAGRAM @JULIANAPAES

NO CHÃO Juliana: o sonho do tapete novo virou pesadelo nos tribunais

Joga água benta!

Nesta semana, uma senadora caiu e bateu a cabeça, e um senador foi atingido no braço por um holofote no plenário. “É muita assombração”, brinca um parlamentar.

Tapete voador

A atriz **Juliana Paes** trava há quase dez anos uma luta na Justiça para receber de volta o dinheiro pago num tapete que não chegou. O caso — coisa de 30 000 reais — se arrasta nos tribunais. ■

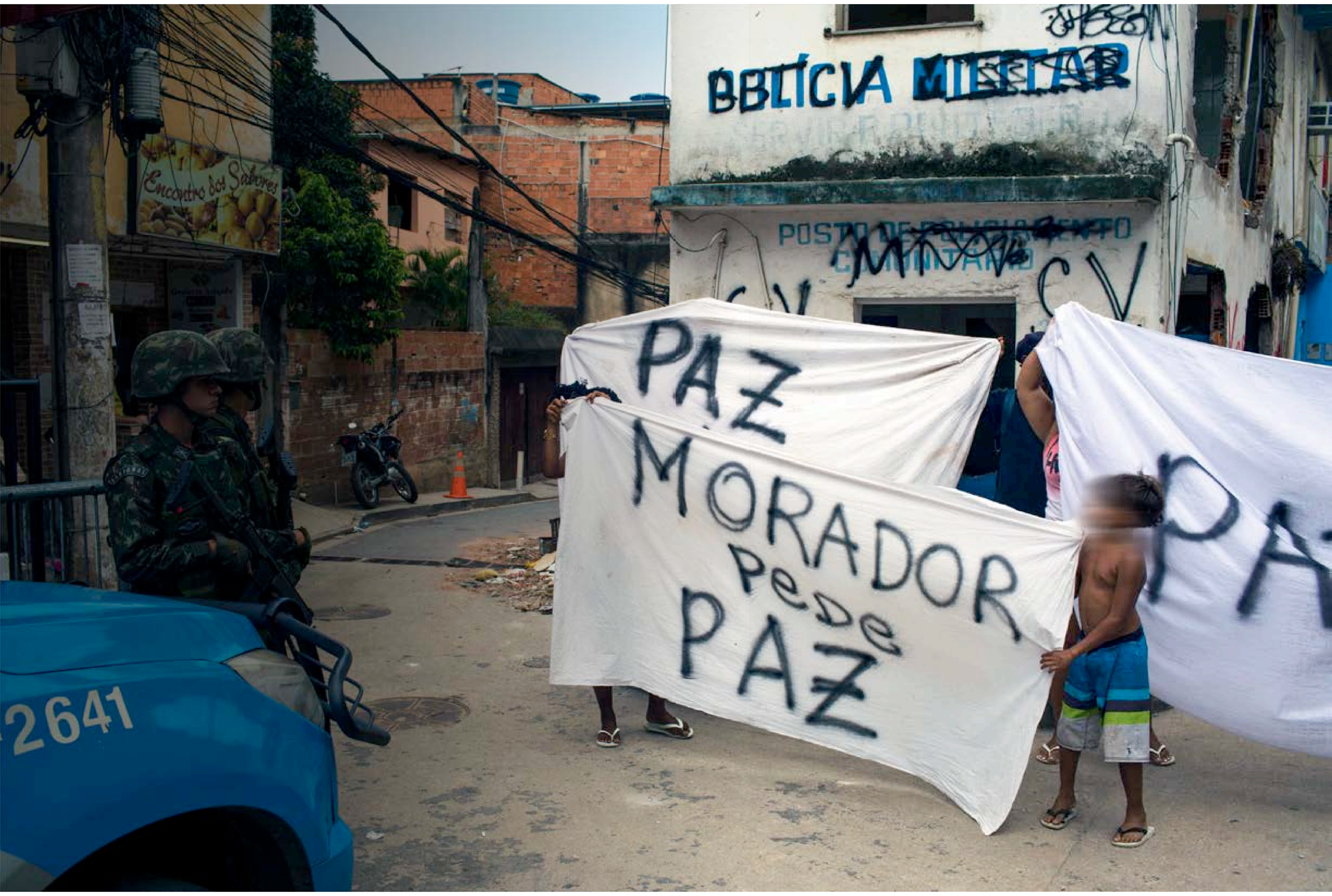
ines249

A VIDA COM MEDO

A megaoperação policial no Rio de Janeiro chamou atenção para a vasta população que precisa obedecer à cartilha do crime para sobreviver – tragédia cotidiana presente em todo o país

RICARDO FERRAZ, ANITA PRADO,
LUDMILLA DE LIMA E **HEITOR MAZZOCO**

LEO CORREA/AFP


Encontro dos Sabores
POSTO DE POLICIAMENTO COMUNITÁRIO
CV
CV
PAZ
MORADOR
Pede
PAZ
PA
2641

UM BASTA Moradores clamam por paz em favela carioca: o símbolo do Comando Vermelho ao fundo mostra quem manda

CAPA: FOTO DE FERNANDO BIZERRA JR./EFE

Carros queimados, estacas de ferro, trilhos de trem, cancelas — eis uma lista das barreiras que precisam ser cotidianamente vencidas por um naco expressivo da população do Rio de Janeiro para tão simplesmente chegar em casa. São obstáculos carregados do mais deletério dos simbolismos: fincados nas entradas de populosas favelas, eles têm o propósito de frear a polícia e demarcar onde termina o poder do Estado, com tudo o que embute, e começa o domínio do crime, que vem se apossando ao longo de décadas de vastos territórios à base da intimidação e do medo — medo não, pavor. Quem leva o dia a dia na mira dos fuzis sabe bem que a vida sob as regras das quadrilhas, seja do tráfico, seja da milícia, depende da régia obediência a uma cartilha que todo mundo conhece de cor. “Carro de aplicativo não sobe aqui, esquece. Somos obrigados a usar o sistema de mototáxis dos bandidos e, se recebo alguém, preciso ir buscar fora da comunidade, para não correr riscos”, diz uma residente de Itaboraí, na região metropolitana, que, como outras pessoas ouvidas pela reportagem de VEJA, não revela o nome e prefere nem dar as iniciais.

O avanço territorial dos criminosos não apenas no Rio, mas por todo o Brasil, espanta pela velocidade e a dimensão que tomou. Entre os especialistas, não há dúvida de que as barreiras dos marginais devem ser derrubadas e o terreno que eles mantêm à sombra da violência, retomados — medida essencial do ponto de vista dos que sofrem com os desmandos da bandidagem e sob o ângulo do funcionamento da sociedade de forma mais ampla. É tarefa de elevada complexidade, como se viu na Operação Contenção, no último dia 28, quando o governo Cláudio Castro despachou 2 500 agentes para os complexos da Penha e do Alemão, na Zona Norte carioca, onde está instalado o QG do Comando Vermelho, a maior facção do Rio. Os policiais foram recebidos com saraivadas de tiros de fuzis e até drones lança-granadas. No confronto, quatro policiais morreram. Do outro lado, as baixas foram muito maiores: 117 mortos (dos quais, 95% tinham vínculo comprovado como o CV, segundo o governo fluminense) e 99 prisões. Após essa ação que bateu recorde histórico de letalidade, uma questão essencial — que, aliás, mobiliza a classe política, de olho no impacto eleitoral do emergencial tema da segurança *(leia a reportagem "A segurança no palanque")* — segue candente: como extirpar de vez esse mal do castigado tecido social? Não há resposta única nem simples.

Na segunda-feira 3, na Penha, o cenário era de aparente normalidade — ao menos para os padrões de uma comunidade tutelada pelo crime. Uma funcionária de uma loja de celular, vizinha à praça onde corpos ficaram estirados no dia seguinte à operação, disse à reportagem, resumindo o tom geral de resiliência: "A vida tem que continuar". E, apesar do baque sofrido pelo Comando Vermelho (CV), ela continuava sob a vigília de olheiros monitorando o movimento e mototaxistas circulando sem capacete para facili-

POLÍCIA CIVIL RJ/REPRODUÇÃO

A TEIA DO PREJUÍZO Bandidos ingressaram no ramo da internet: ai do morador que contratar uma operadora

tar a identificação pelos soldados do crime. “Só hoje consegui dormir”, contava uma mulher a uma amiga que, mesmo calejada, constatou: “Nunca vi tanto fuzil”. Ninguém ousa pronunciar palavras comprometedoras nem lá nem em outras bandas onde as gangues sofisticam seus negócios, assim como seus métodos de coação. “O segredo para sobreviver é cabeça baixa e boca fechada”, resume a empregada doméstica V.D., 58 anos, residente de uma área de milícia na Baixada Fluminense, que comprou a duras penas seu apartamento e agora paga ágio de 50% no condomínio por incluir uma certa “taxa da portaria”, montante que, sabidamente, vai parar no bolso dos grupos armados. “Nossa se-

ELIAS JUNIOR /FOTOARENA/FOLHAPRESS

ORGANIZE SEU ÓDIO

DAQUI NÃO PASSA Carro queimado serve de barricada: os marginais é que autorizam a entrada

gurança é garantida por eles", justifica a síndica, que não ousa dar nome aos bois.

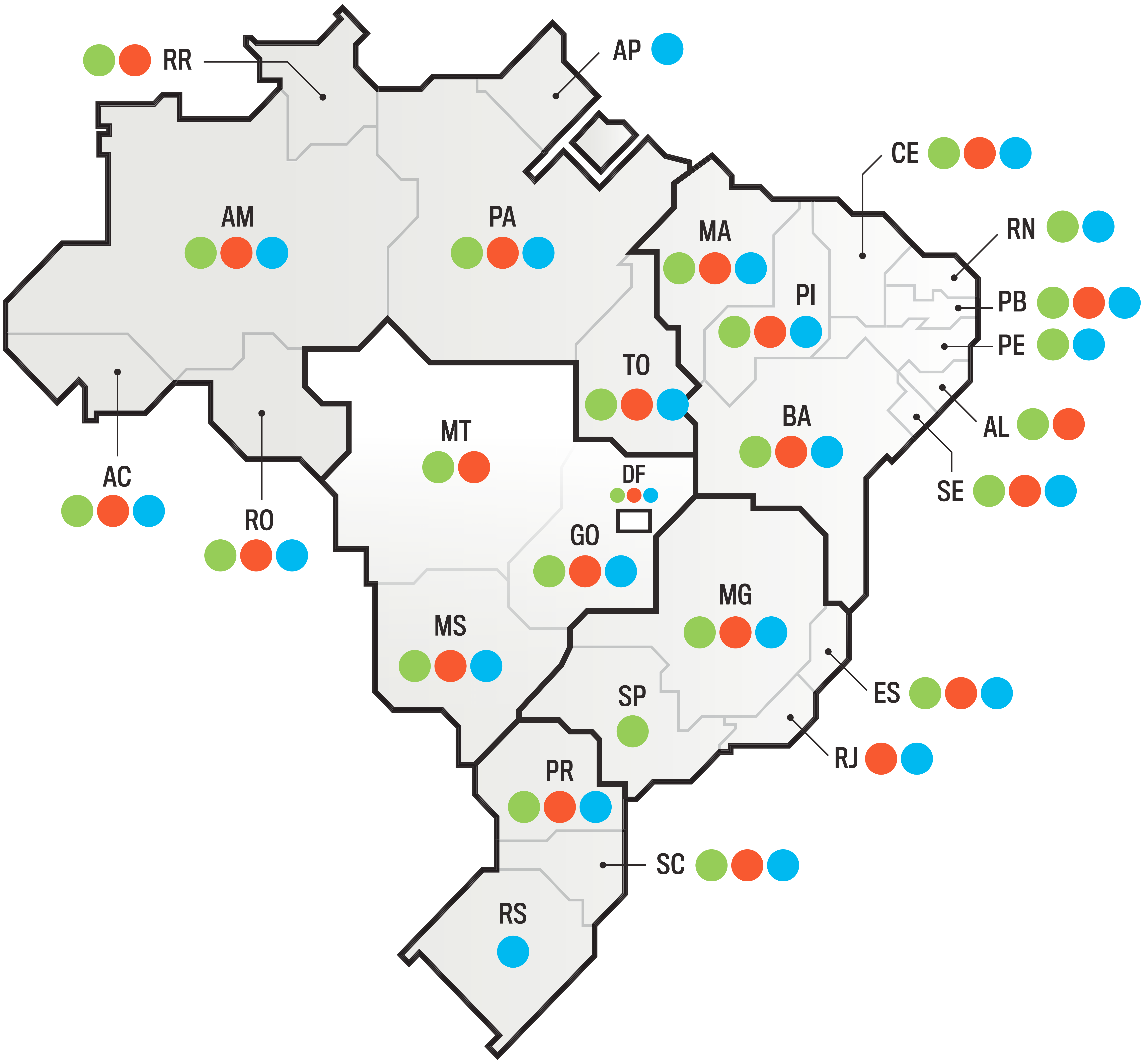
O domínio de imensas áreas pelo crime tem suas raízes plantadas no Rio de Janeiro dos anos 1980, quando o CV, nascido dentro de um presídio, tal como outras facções, alastrou suas atividades: dos roubos armados saltou para o tráfico de drogas, percebendo no aumento do fluxo de mercadoria vinda de países produtores uma oportunidade. "Como o tráfico exige o controle dos pontos de venda da droga, se fez necessário ter poder sobre os territórios", afirma o sociólogo Daniel Hirata, coordenador do Grupo de Estudos de Novos Ilegalismos da UFF. Dissidências internas dariam mais tarde origem a gangues como o Terceiro Comando Puro (TCP) e Amigo dos Amigos (ADA), o que fez ingressar no glossário da violência as "guerras por território", não raro sangrentas. Na década de 1990, as milícias, compostas de policiais e ex-policiais vistos no princípio com equivocada benevolência, escalaram um degrau ao tomar posse de bairros inteiros e monopolizar o fornecimento de serviços básicos como gás, transporte, moradia, internet e até água — prática que os traficantes depois assimilaram. "É consenso que, com a proporção que ganharam, os variados negócios do crime somados já dão mais lucro do que o comércio de drogas", pontua Hirata.

Não há um único estado brasileiro sem a presença de uma facção dando as cartas, quase sempre em áreas de maior concentração de pobreza e menor atuação do poder público. Sob seu jugo vivem atualmente 28,5 milhões de brasileiros, 19% da população (*veja no quadro ao lado).* Nessas áreas, é dura a vida de quem quer empreender. Um morador de Rio das Pedras, sede de uma milícia na Zona Oeste, inaugurou um pequeno mercado por ali que ia muito bem, mas tantas eram as extorsões — na linha de "se não pagar, leva bala" — que encerrou o negócio em questão de meses. "Me sinto refém em minha própria casa", desabafa G.H., 32 anos. Segundo o Atlas da Violência, as perdas anuais decorrentes dessas ilegalidades chegam a 5,9% do PIB do país, o que abrange desvalorização de imóveis, impactos no turismo e concorrência desleal na exploração de serviços.

ines249

TÁ TUDO DOMINADO

Não há um único estado brasileiro sem a presença de uma ou mais facções


RR 🟢🔴
AP 🔵
AM 🟢🔴🔵
PA 🟢🔴🔵
CE 🟢🔴🔵
RN 🟢🔵
MA 🟢🔴🔵
PI 🟢🔴🔵
PB 🟢🔴🔵
PE 🟢🔵
TO 🟢🔴🔵
AL 🟢🔴
BA 🟢🔴🔵
SE 🟢🔴🔵
MT 🟢🔴
DF 🟢🔴🔵
AC 🟢🔴🔵
RO 🟢🔴🔵
GO 🟢🔴🔵
MG 🟢🔴🔵
MS 🟢🔴🔵
SP 🟢
ES 🟢🔴🔵
RJ 🔴🔵
PR 🟢🔴🔵
SC 🟢🔴🔵
RS 🔵

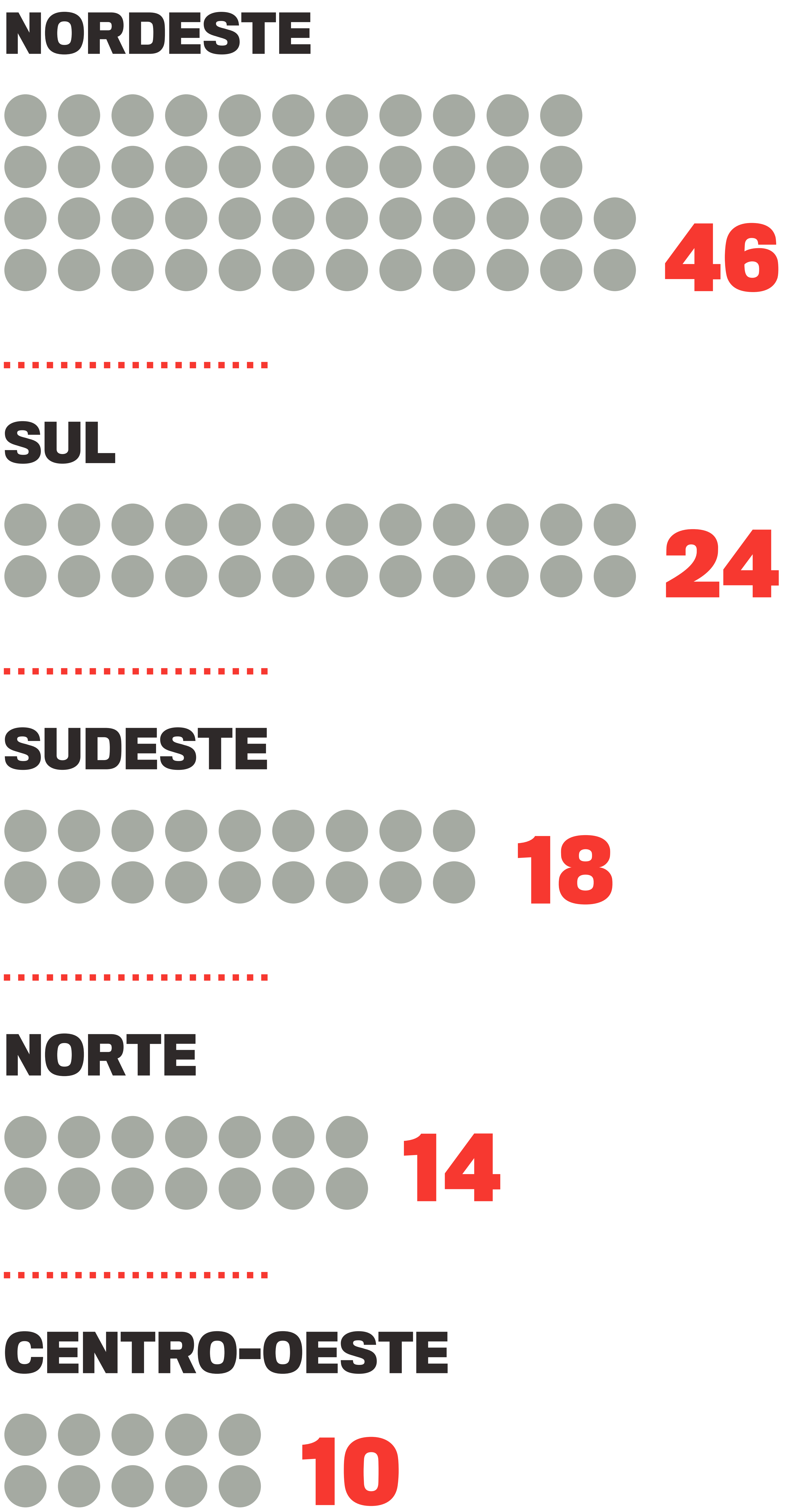
🟢 **PCC** *(Primeiro Comando da Capital)*

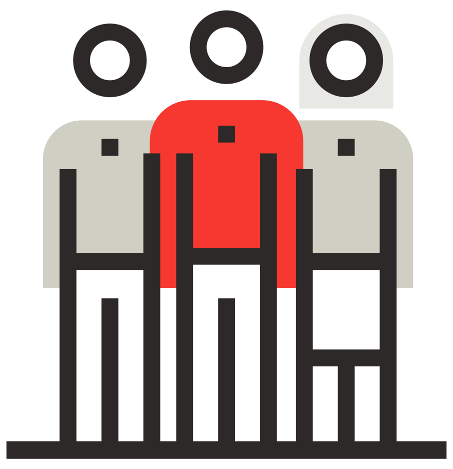
🔴 **CV** *(Comando Vermelho)*

🔵 **Quadrilhas locais e regionais**

POR REGIÃO

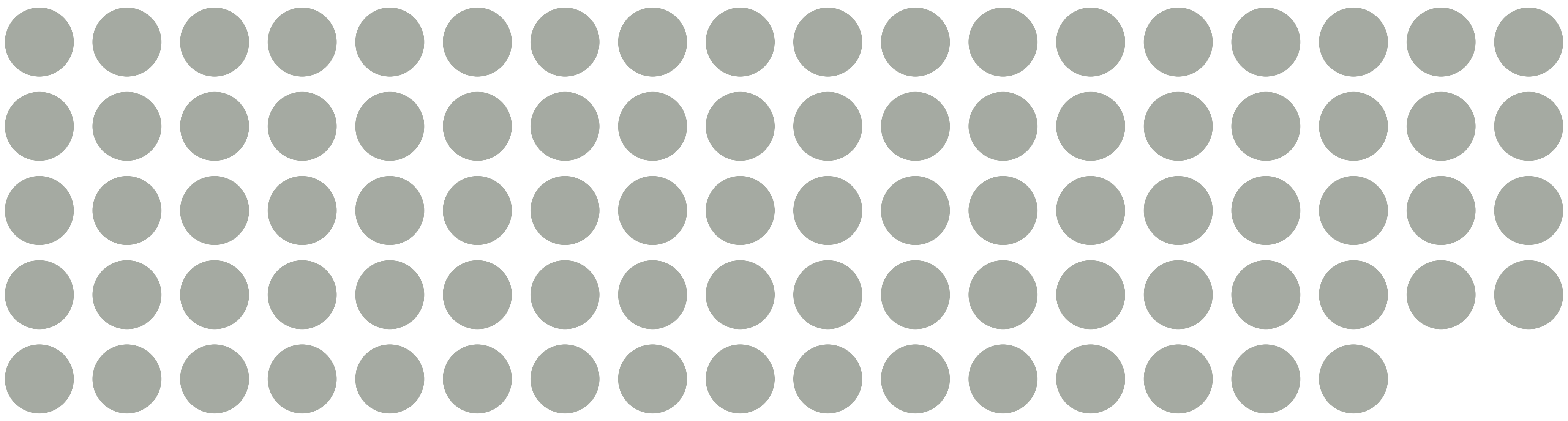
(número de quadrilhas rastreadas)





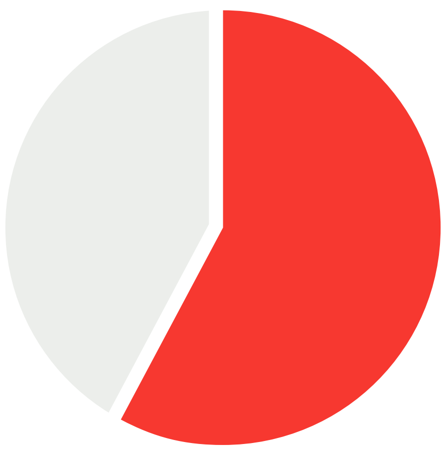
28,5 MILHÕES

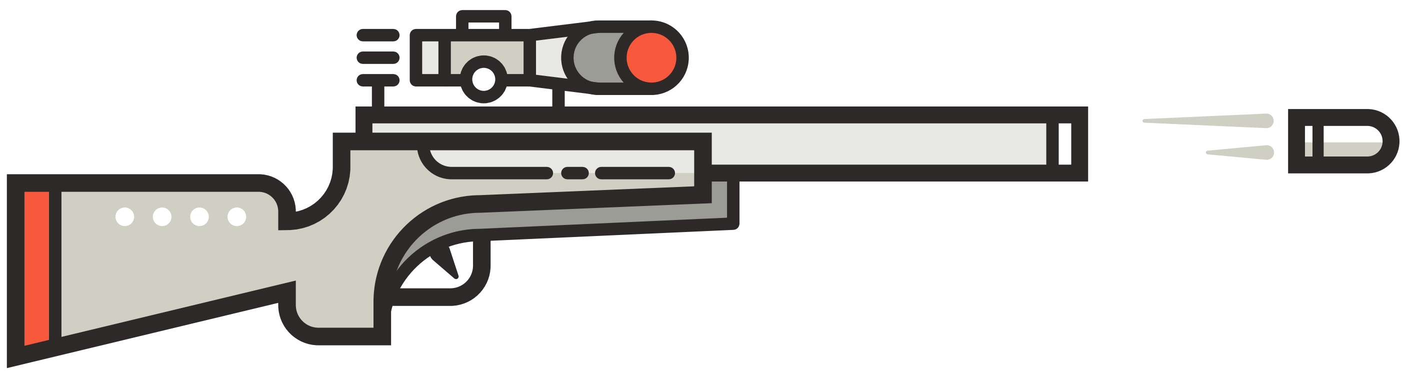
DE PESSOAS VIVEM EM ÁREAS SOB O DOMÍNIO DE FACÇÕES DO TRÁFICO OU DAS MILÍCIAS — 19% DO TOTAL NO PAÍS



88

É O NÚMERO DE QUADRILHAS NA ATIVA





58%

TÊM PODERIO BÉLICO PARA ENFRENTAR O ESTADO

Fontes: *Mapa das Organizações Criminosas e pesquisa Datafolha*

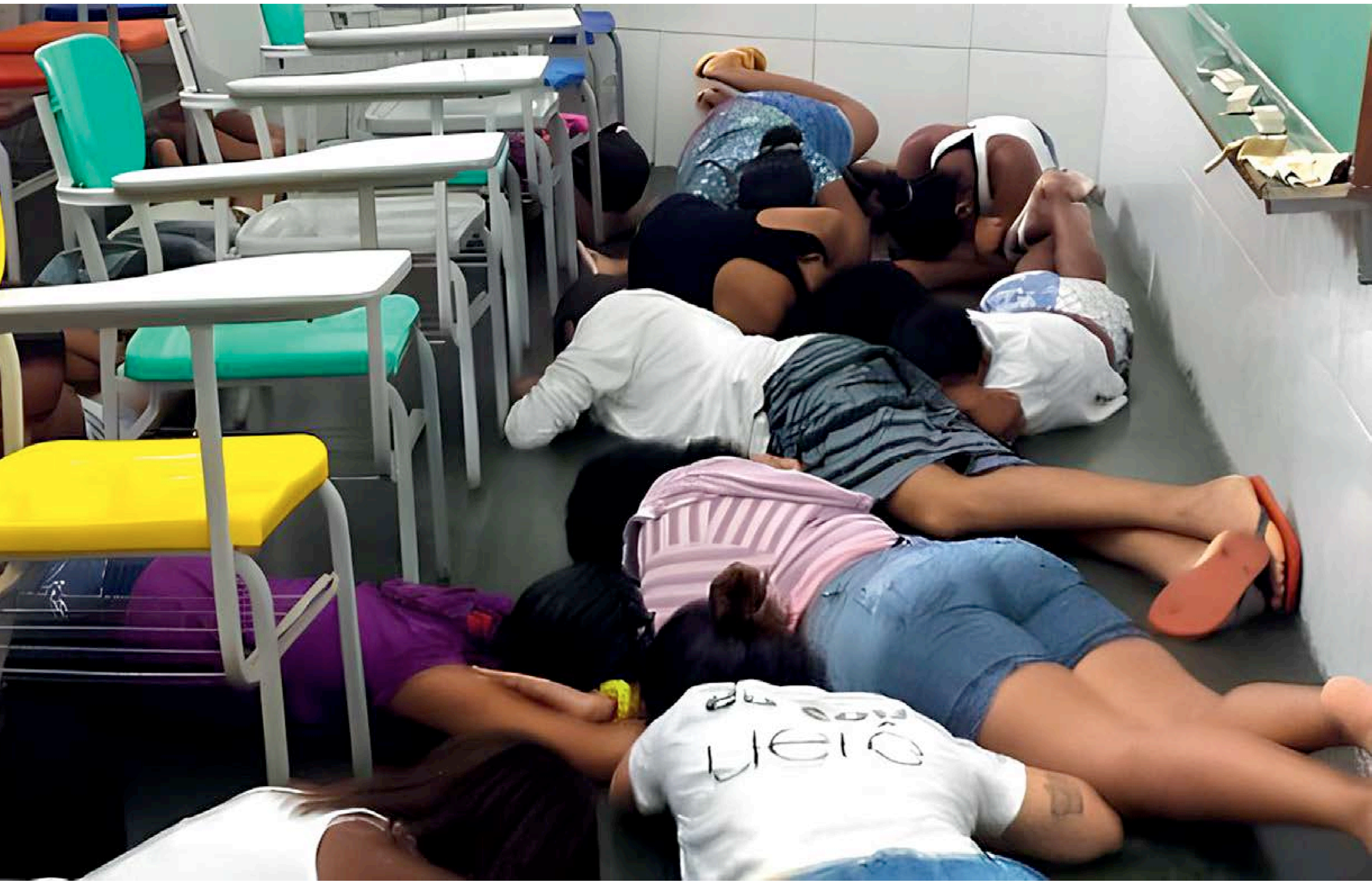
CUSTODIO COIMBRA/AGÊNCIA O GLOBO

EM EXPANSÃO Muzema, no Rio: tráfico avança até no mercado imobiliário

São, infelizmente, fartos os exemplos de como a bandidagem atrapalha diferentes mercados, como ocorre com as operadoras de celular, que acabam não conseguindo alcançar os 270 000 domicílios da região metropolitana do Rio. De um lado, esbarram com os fuzis. Do outro, têm como competidores os marginais, não por acaso donos de clientela cativa nesse setor em que também atuam. “A competição é feita na bala, e não pelas regras de mercado, o que mina a produtividade e alimenta o crime”, aponta o economista Daniel Cerqueira, à frente do Atlas da Violência. “Ou você vai na empresa dos bandidos, um lugar a portas fechadas, ou fica sem internet em casa”, resigna-se outra moradora da Baixada Fluminense. No caso da Light, a concessionária de energia, quase um quarto dos clientes cadastrados não paga a conta, porque os técnicos não conseguem furar as trincheiras nas favelas para pôr fim aos “gatos”. O avanço dos criminosos no ramo imobiliário é mais um nó difícil de desatar — eles grilam a terra, sobem o prédio e, quando já está de pé, vão atrás da legalização. Muitas vezes, dá certo: vendem o imóvel mesmo sem alvará. “As facções entenderam que poderiam ganhar em cima do déficit habitacional do país”, observa Rodrigo Pimentel, ex-integrante do Bope, a tropa de elite do Rio.

Os efeitos da violência diária com a qual tanta gente precisa lidar são sentidos desde cedo. O ano letivo dos 217 000 alunos da rede municipal que estudam em zonas conflagradas é marcado por constantes interrupções em razão de tiroteios que obrigam a criançada a se jogar no chão para se proteger de balas perdidas. “Se nós que somos adultos temos medo, imagina quem ainda não amadureceu suas emoções”, pondera Y.A., uma educadora de localidade dominada pelo CV em Brás de Pina, na Zona Norte. Os atendimentos na área da saúde mental nessas comunidades são frequentes e crescem — 25% na rede municipal só neste ano. “Surge muita síndrome do pânico, depressão e ansiedade”, diz a psicóloga Lurdes Oberg. Os profissionais na linha de frente garantem que os números, já altos, são subestimados. “Vizinhos passam mal cada vez que os marginais aparecem para cobrar a taxa de segurança. Idosos lhes entregam todo o benefício que rece-

REPRODUÇÃO



DOLOROSA LIÇÃO Crianças se jogam no chão para se proteger de tiros: aula paralisada em meio ao conflito armado

bem do governo para comprar remédios e não falam nada por medo", lamenta um residente da Muzema. A taxa, criada pela milícia, hoje é operada pelo tráfico, que recentemente dominou a região. Quem precisa de socorro muitas vezes vive uma epopeia para ser atendido, como se vê em Costa Barros, também na Zona Norte. "Duas barricadas ali impedem a passagem da ambulância, aí o paciente precisa ser conduzido de cadeira de rodas por duas quadras até chegar a ela", conta Daniel Soranz, secretário municipal de Saúde.

DIVULGAÇÃO

CIDADE FANTASMA Morada Nova, no Ceará: a bandidagem em disputa por território fez ameaças e todo mundo fugiu

O que se observa com cores gritantes no Rio está longe de ser um problema local. Ao contrário: ele ganha a cada dia escopo nacional. Foi a disputa por rotas do tráfico que fez as facções se ramificarem pelo Brasil, cada qual do seu jeito. Enquanto o carioca CV opera em sistema descentralizado, como espécie de franquias, o paulista PCC se estrutura em hierarquia rígida, mais parecido com as máfias. A contenda entre eles começou nos presídios, após a transferência de chefes de ambos os grupos sobretudo para as regiões Norte, próxima de países pro-

BRUNO KELLY

NA MATA Policiamento no Amazonas: rota profícua do tráfico de drogas

dutores de drogas, e Nordeste, bem abastecida de portos prontos para escoar a mercadoria para a Europa e os Estados Unidos. A expansão ganhou gás em rincões mais pobres, embalada pela promessa de abertura de mercados, sem ser contida pelas despreparadas forças de segurança. “As facções se organizam onde o Estado abandonou as pessoas e depois as tiranizam”, sintetiza Ricardo Balestreri, ex-secretário nacional de Segurança Pública e coordenador do Núcleo de Urbanismo Social e Segurança Pública do Insper.

Nos últimos anos, estados como Ceará, Bahia, Pernambuco e Amazonas registraram uma disparada inédita na violência provocada por quadrilhas. Em um distrito do município cearense de Morada Nova, a 200 quilômetros de Fortaleza, pelo menos 2 000 moradores deixaram suas casas a toque de caixa depois de receberem ameaças da bandidagem em disputa por território. Em julho, invasões de imóveis, pichações em muros e mensagens disseminadas nas redes tanto pela facção local, a Guardiões do Estado, como pelo Terceiro Comando Puro do Rio espalharam o medo, e o antes animado povoado virou cidade fantasma, com ruas desertas. A prefeitura baixou um decreto reconhecendo a "situação anormal e emergencial" e até disponibilizou um caminhão para quem quisesse ir embora — a evidência mais eloquente da rendição de uma autoridade no país para os bandidos. Passados quatro meses, escolas, igreja e posto de saúde seguem fechados. O governo estadual intensificou as patrulhas e prendeu suspeitos, mas a população não se sente segura para regressar.

A inaceitável situação que faz lembrar o cangaço, aquele tipo de banditismo que teve o Nordeste como palco entre o fim do século XIX e o início do XX, vem perigosamente ganhando impulso no Ceará. Em setembro, trinta famílias também deixaram suas residências para trás no vilarejo de Pacatuba, perto da capital, outra vez em razão de embates entre quadrilhas. Ameaças são constantes. "Disseram que jogariam granadas, incendiariam os imóveis e encheriam a

MARCELO SAYAO/EFE

NÃO DEU UPP no Alemão: os bandidos acabaram levando a melhor

nossa cara de bala", relata um morador de uma fatia de terra dominada pelos Guardiões do Estado. Até julgamentos tiveram de ser transferidos de comarca porque os júris eram compostos de gente suspeita de envolvimento com facções. "Tratando-se de crime grave, com vítima inclusive decapitada, vê-se que pode ser comprometida a imparcialidade dos jurados, pois é plenamente possível que a organização criminosa exerça influência sobre eles", decidiu um juiz, que mudou um caso de Monsenhor Tabosa para Sobral.

GIONGI/SHUTTERSTOCK

ESTADO PRESENTE Medellín, na Colômbia: a força dos projetos sociais

O embate por território entre quadrilhas rivais tem feito os índices de homicídio alcançar novos patamares no Nordeste. Em Pernambuco, o confronto entre PCC e CV incendiou os morros da região metropolitana de Recife. Em uma comunidade, a Alto José do Pinho, o aviso de um toque de recolher diário, a partir das 22h, veio por WhatsApp: “A partir de hoje haverá guerra de tráfico e muita bala. Orem e se protejam”. Não era brincadeira. “A população só acreditou quando um garoto autista de 4 anos foi baleado na perna e outro, de 9, morreu com um tiro nas costas ao voltar da igreja com a mãe depois do horário permitido", relatou um morador. Também a Amazônia atiça cada vez mais a ambição das facções. Os labirínticos rios da floresta vêm sendo amplamente utilizados para o transporte de entorpecentes vindos de países como Colômbia e Bolívia. O precário policiamento das fronteiras favorece as quadrilhas, que acabam ocupando bairros nas periferias das grandes cidades e lucrando alto com extração de madeira, caça, pesca e garimpo ilegais.

Algumas bem-sucedidas iniciativas para recuperar o território sequestrado pelo crime ajudam a iluminar um passo a passo que não contém grandes inovações, mas, sim, ideias que, aplicadas com disciplina, colhem bons resultados. Inspirado no sempre lembrado exemplo da cidade colombiana de Medellín, no passado dominada pelo temido cartel de Pablo Escobar, o programa Usinas da Paz, do Pará, preenche a vida de crianças e adultos de favelas com dezenas de iniciativas — de prática esportiva à capacitação profissional, um caminho para o Estado se fazer presente e um desestímulo à entrada de jovens na criminalidade. Neste ano, os crimes letais caíram 75% no estado. "Estamos longe de vencer essa guerra, mas a resposta tem funcionado melhor do que a simples repressão", diz Roberto Magno Netto, da Universidade Federal do Pará. Em outra frente, os especialistas repisam a tecla de que as diversas esferas de governo precisam se integrar, inclusive com combate à corrupção policial e planejamento.

Em 2008, o Rio parecia inaugurar um novo capítulo na batalha contra as facções criminosas encasteladas em morros cujos becos e vielas elas conhecem como ninguém. Foi aí que o governo estadual, ainda na era de Sérgio Cabral, implantou as Unidades de Polícia Pacificadora, as UPPs, trazendo uma novidade à paisagem ao erguer bases policiais permanentes que praticariam um patrulhamento comunitário. Em ato simbólico, a bandeira brasileira foi hasteada no topo do mesmo Complexo do Alemão, dando aos mais céticos alguma esperança de que a lei do estado de direito era a que valeria dali para a frente. Foi em vão, não deu em nada. Acabou não vingando diante do afã expansionista do programa, insuflado por interesses políticos, e da cooptação de uma banda dos policiais pelo crime.

Após a operação da semana passada, o governo disse planejar reaver áreas de forma mais permanente, começando pela região Sudoeste, onde fica a Barra da Tijuca, conforme acertado na reunião do recém-criado Escritório Emergencial de Combate ao Crime Organizado, que reúne o Ministério da Justiça e a secretaria estadual de Segurança. “Até o final do ano, vamos apresentar um plano de retomada de territórios com foco nos negócios das facções e participação de todos os entes governamentais”, disse a VEJA o secretário Victor Santos. Que saia mesmo do papel e dure. Os moradores que passam pelo martírio diário de viver sob a mira do fuzil merecem a paz. ■

Com reportagem de Isabella Alonso Panho e Pedro Jordão

INFORME PUBLICITÁRIO

REDE D'OR GARANTE 100% DE ENERGIA LIMPA EM TODOS OS SEUS 79 HOSPITAIS

Companhia consolida liderança sustentável com maior contrato de autoprodução solar da saúde no Brasil e redução de 90,2% no uso de óxido nitroso, usado há décadas como anestésico

Em apenas dois anos, a Rede D'Or consolidou o maior contrato de autoprodução de energia limpa do setor, garantindo 100% de fornecimento solar para todos os seus hospitais, e revolucionou as salas cirúrgicas ao reduzir em 90,2% o uso de óxido nitroso.

São conquistas que reforçam a posição da maior empresa de saúde da América Latina como referência global em sustentabilidade hospitalar.

ENERGIA LIMPA PARA TODOS OS HOSPITAIS

Com o maior contrato de autoprodução de energia da saúde no Brasil, a Rede D'Or assegurou, por 17 anos, o fornecimento de 57 MW médios de energia solar, suprindo toda a demanda elétrica de suas 79 unidades atuais e futuras.

A geração ocorre no Complexo Solar Fotovoltaico de Lagoinha, no Ceará, e reúne 337 mil painéis solares em uma área de 304 hectares. O investimento, de R$ 650 milhões, também resultou na geração de mil empregos. "Investir em energia limpa é uma decisão estratégica que une eficiência, segurança operacional e responsabilidade socioambiental", afirma Otávio Lazcano, vice-presidente executivo da Rede D'Or.

EFICIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA REDUZIR IMPACTO

Programas de eficiência em climatização hospitalar resultaram em 17,7 milhões de kWh economizados em dois anos, energia equivalente ao consumo mensal de 108 mil casas, evitando 1.042 toneladas de CO_2 e gerando economia de R$ 5,4 milhões.

ESCANEIE
O QR CODE
E SAIBA MAIS

MENOS ÓXIDO NITROSO, MAIS COMPROMISSO COM O CLIMA

A Rede D'Or avançou na redução do óxido nitroso (N_2O) nas cirurgias. Em 2024, um projeto piloto em dois hospitais de São Paulo rapidamente se expandiu para todas as 79 unidades, resultando em queda de 90,2% no consumo. O projeto ganhou reconhecimento internacional com publicação no *Canadian Journal of Anesthesia* e marcou uma transformação cultural nas equipes clínicas.

O aliado desse projeto foi a mensuração robusta de dados de emissões de gases de efeito estufa. "Esses dados serviram de parâmetro para mapear as principais fontes de emissão de GEE e estabelecer planos de ação, como o caso do óxido nitroso, identificado como principal fonte de emissões diretas da companhia", explica Ingrid Cicca, gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente da Rede D'Or.

COMO FUNCIONA UMA USINA DE ENERGIA SOLAR E O IMPACTO DA AUTOSSUFICIÊNCIA NA REDE D'OR

1 **CAPTAÇÃO DA ENERGIA SOLAR**

Painéis fotovoltaicos captam a luz do sol e geram corrente contínua de forma limpa, e desse processo existe um saldo que é usado nas unidades

2 **CONVERSÃO EM ELETRICIDADE**

Os inversores transformam a energia captada em eletricidade utilizável

3 **TRANSMISSÃO E DISTRIBUIÇÃO**

A eletricidade é enviada por linhas de transmissão, ajustada em subestações e distribuída

4 **CONSUMO NOS HOSPITAIS DA REDE D'OR**

A energia limpa abastece **100%** das unidades hospitalares, garantindo autonomia e estabilidade

RESULTADOS AMBIENTAIS

57 MW médios de autoprodução por 17 anos

1.042 toneladas de CO_2 evitadas

17,7 milhões kWh economizados

PRODUZIDO POR **ABRIL BRANDED CONTENT**

UM CONTEÚDO DE **REDE D'OR**

ines249

A SEGURANÇA NO PALANQUE

Debate sobre o enfrentamento das facções é a oportunidade para o governo e a oposição deixarem de lado a politicagem e apresentarem as soluções necessárias **MARCELA MATTOS**

EQUILÍBRIO CPI: desafio de elaborar propostas e driblar o populismo

ANDRESSA ANHOLETE/AGÊNCIA SENADO

EM TEMPOS de polarização e irracionalidade, as reações após a operação policial desencadeada contra o Comando Vermelho no Rio Janeiro não surpreenderam. A direita celebrou a incursão nas favelas dominadas pela facção como uma demonstração de força e disposição do governo fluminense para enfrentar o crime organizado. A esquerda, comovida com o número de mortos, condenou a ação, resumida por deputados, senadores e até pelo presidente da República como

FILIPE BISPO/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

“MATANÇA” Lula: ações e declarações pautadas pelo cálculo eleitoral um ato de extermínio. Embora compreensível, é o tipo de embate que costuma não levar a lugar algum, servindo apenas para alimentar discursos às vésperas de um processo eleitoral. A situação de descalabro do Rio, problema que não é de hoje, está longe de ser uma exceção no país. Diante do nível absurdo de violência que atinge vários estados *(leia a reportagem "A vida com medo"),* o mínimo que o cidadão espera das autoridades são atitudes mais efetivas para combater a escalada da violência. A insegurança é a preocupação número 1 dos brasileiros no momento, o tema que estará presente nos palanques em 2026 e sobre o qual os candidatos serão confrontados, o que explica muito do que se viu depois da investida nos territórios dominados pelos fora da lei.

Faltando menos de um ano para a próxima disputa eleitoral, políticos transformaram a operação numa frente de batalha política. O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), aproveitou a maior visibilidade desde que assumiu a função para elogiar o comportamento de sua própria força policial e criticar uma suposta omissão do governo federal — e, diante da repercussão positiva da incursão junto à população, prometeu levar a cabo novas ações contra as facções. Na segunda-feira 3, ele ainda recebeu o ministro Alexandre de Moraes, relator de um processo que restringiu as operações policiais em favelas, e garantiu que a ação de sua polícia seguiu todos os regramentos impostos pelo Supremo Tribunal Federal.

Dias antes, governadores de direita foram ao Rio e anunciaram a criação de um "consórcio da paz", um grupo desti-

ines249

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

DISPUTA Lewandowski e Andrei: reclamações de falta de cooperação

nado a combater o crime organizado, embora nenhum deles — Tarcísio de Freitas (SP), Ronaldo Caiado (GO), Romeu Zema (MG), Jorginho Mello (SC), Celina Leão (vice do DF) e Eduardo Riedel (MS) — tenha explicado exatamente como isso será feito. Ausente na foto, o governador de São Paulo participou por meio de uma videoconferência, ocasião em que saudou a ação e cutucou o presidente Lula, que havia afirmado antes da operação que traficantes são vítimas de usuários de drogas (ele se corrigiu depois da gafe, mas a fala segue sendo explorada à exaustão pelos adversários). “Não dá mais para tratar o criminoso como vítima. Criminoso não é vítima, o criminoso faz vítimas, tem aterrorizado os cidadãos de bem, cidadãos que o estado precisa proteger. Não agir seria covardia, seria rendição, e o estado do Rio de Janeiro agiu muito bem”, afirmou Tarcísio de Freitas, apontado como o adversário mais competitivo da oposição numa eventual disputa pelo Palácio do Planalto.

Sem ter o que apresentar na área de segurança, o governo federal também pegou carona na operação do Rio, mas em sentido oposto. O ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, rebateu acusações do governador Cláudio Castro sobre a falta de cooperação do governo federal, afirmou que não foi avisado da operação e disse que o presidente da República estava "estarrecido" com o número de mortes. O ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos, pediu um minuto de silêncio "por todas as vítimas" da operação, colocando na mesma balança policiais e bandidos. A Secretaria de Comunicação Social da Presidência divulgou um vídeo em que defendeu que o combate ao crime precisa "de mais inteligência e menos sangue" — com um impulsionamento pago, a publicação alcançou mais de 100 milhões de visualizações.

O presidente Lula, por sua vez, optou, inicialmente, pelo silêncio — não por convicção, mas por mero cálculo político. Uma pesquisa da AtlasIntel mostrou que 55% dos brasileiros aprovaram a ação, considerada a mais letal da história. Entre os moradores das favelas cariocas, a aprovação chegou a 87%. Um levantamento feito pela empresa Brandwatch nas redes sociais mostrou que 69% dos comentários e compartilhamentos sobre a operação policial eram desfavoráveis ao presidente. A crítica mais comum foi a de que o governo seria conivente com o crime (34%). Cobrado, Lula se pronunciou formalmente uma semana depois.

PHILIPPE LIMA/GOV RJ

SECRETARIA DE ESTADO DE POLÍCIA MILITAR
PMERJ
SOI
SALA DE OPERAÇÕES E INTELIGÊNCIA

OBSTÁCULO Moraes com Castro: restrições a ações nas favelas, segundo os críticos, ampliaram o poder dos criminosos

Em Belém, onde acontece a COP30, o presidente criticou a operação, colocou sob suspeita as conclusões da polícia do Rio de Janeiro e insinuou que teria havido uma chacina e não um confronto com os traficantes. “Vamos ver se a gente consegue fazer essa investigação, porque a decisão do juiz era uma ordem de prisão. Não tinha uma ordem de matança, e houve a matança. Acho bom especificar em que condições ela se deu”, afirmou.

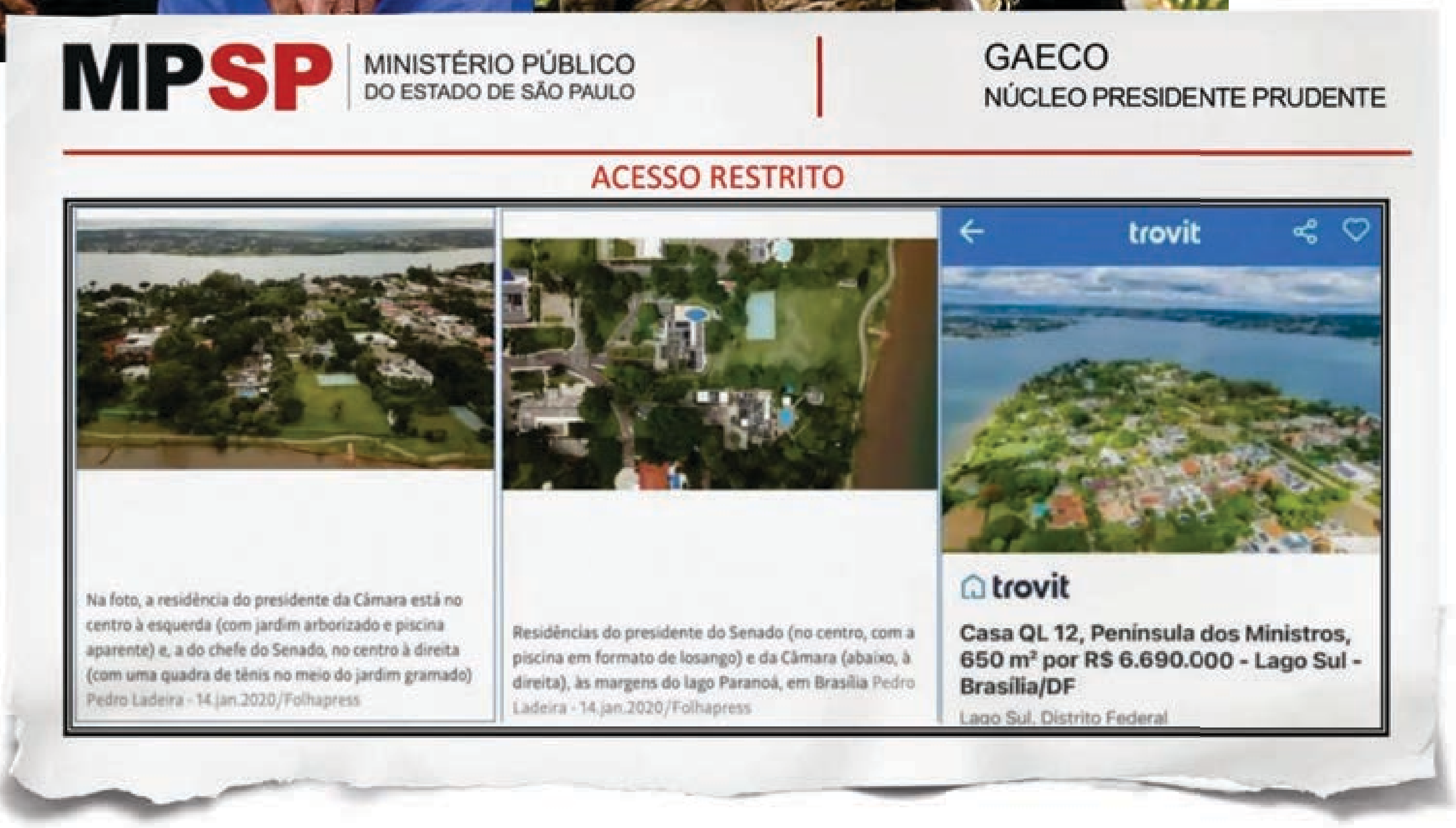
A fala do presidente aconteceu no mesmo dia em que o Senado instalou a CPI do Crime Organizado. A criação do colegiado foi proposta em fevereiro, o ato foi formalizado em plenário em junho e, desde então, os partidos resistiam a indicar os membros. A segurança pública nunca foi prioridade para a maioria dos parlamentares. Mas agora surge um palco que pode dar extrema visibilidade ao tema. Há muito, as CPIs têm se resumido à espetacularização, à promoção pessoal de alguns parlamentares, a uma mera disputa política que não produz resultados práticos.

A investigação da nova comissão será comandada pelo senador Fabiano Contarato (PT-ES) e terá a relatoria do senador Alessandro Vieira (MDB-SE) — delegados de polícia, os dois têm um perfil moderado e bom trânsito entre governistas e oposicionistas. “Recentemente, eu e os senadores Contarato e Flávio Bolsonaro nos unimos para aprovar um projeto que endurece o tratamento do adolescente infrator. Esse assunto é um tabu, nós somos de partidos diferentes e a aprovação mostra que o consenso político é possível. Por enquanto, o palanque será deixado de lado”, promete o relator. Um dos primeiros atos da comissão será ouvir governadores dos estados mais e menos seguros, além daqueles que são apontados como berços das principais facções — São Paulo e Rio de Janeiro. De fora da lista inicial, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), que deve concorrer à Presidência no ano que vem, entrou em contato com a cúpula do colegiado pedindo para também participar das oitivas — uma das principais bandeiras de campanha dele será justamente a segurança pública. A CPI, é claro, seria um enorme holofote nacional.

INTERNO
SISTEMA PENITENCIÁRIO FEDERAL
304

SERGIO LIMA/AFP

EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO



MPSP | MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GAECO
NÚCLEO PRESIDENTE PRUDENTE

ACESSO RESTRITO

Na foto, a residência do presidente da Câmara está no centro à esquerda (com jardim arborizado e piscina aparente) e, a do chefe do Senado, no centro à direita (com uma quadra de tênis no meio do jardim gramado) Pedro Ladeira - 14.jan.2020/Folhapress

Residências do presidente do Senado (no centro, com a piscina em formato de losango) e da Câmara (abaixo, à direita), às margens do lago Paranoá, em Brasília Pedro Ladeira - 14.jan.2020/Folhapress

trovit

Casa QL 12, Península dos Ministros, 650 m² por R$ 6.690.000 - Lago Sul - Brasília/DF

Lago Sul, Distrito Federal

ATENTADOS Moro e o PCC de Marcola: facção monitorou autoridades em Brasília e planejou sequestro de senador

Três dias após a operação policial no Rio, o governo também encaminhou ao Congresso o chamado PL Antifacção, que prevê pena de até trinta anos para quem liderar organização criminosa. A medida, apresentada pelo ministro da Justiça como um “combate enérgico” à criminalidade, inova ao trazer regramentos sobre a infiltração nas organizações criminosas e prever a asfixia de sistemas financeiros usados para a lavagem de dinheiro. “O projeto dificulta a progressão das penas, endurece alguns conceitos e rompe com aquela visão idealista, que a esquerda tem, de que só a questão social é que gera bandido — e não é. Considero um avanço e uma oportunidade", afirma Raul Jungmann, ex-ministro da Segurança Pública do governo de Michel Temer. Até o fim do ano, o Congresso também deve se debruçar sobre esse e outros projetos relativos à segurança pública, como o que enquadra as facções criminosas na Lei Antiterrorismo — medida que gera controvérsia e tem mobilizado o governo, que é contra o texto por considerar que ele pode dar margem para algum tipo de intervenção externa.

O autor do projeto, deputado Danilo Forte (União Brasil-CE), ressalta que as facções atravessam a fronteira do crime comum. Um dos membros da CPI recém-criada, o senador Sergio Moro (União Brasil-PR) já foi alvo de um plano de sequestro e assassinato orquestrado pelo PCC, conforme revelou VEJA em 2023. A Polícia Federal descobriu a trama e prendeu os criminosos, que já haviam alugado o cativeiro e preparado bombas para um ataque que tinha entre os alvos autoridades de Brasília. "Nós estamos ameaçados de perder a soberania não para uma nação estrangeira, mas para o crime organizado", afirma Danilo Forte. Exageros à parte, governo, Congresso e Judiciário têm uma rara oportunidade de ajustar os ponteiros da sensatez e apresentar respostas capazes de mitigar a grave e constrangedora situação em que se encontra a segurança pública brasileira. ■

O DESAFIO DA SUCESSÃO

Já em segundo mandato, dois em cada três governadores terão que sair do cargo em 2027, mas a grande maioria enfrenta dificuldades para emplacar o substituto **ANNA SATIE** E **BRUNO CANIATO**

UNTOS
MATEUS SIMÕES
JUNTOS MINAS
PSD

INSTAGRAM @MATEUS.SIMOESMG

ESFORÇO Zema e Kassab na filiação de Mateus Simões *(no centro)* ao PSD: o vice tem menos de 6% nas pesquisas

NAS ELEIÇÕES de 2022, os governadores conseguiram cravar uma marca inédita na história da democracia brasileira: dezoito dos vinte chefes de Executivos estaduais que tentaram um novo mandato saíram das urnas vitoriosos, a maior taxa de reconduções ao cargo (90%) já registrada no país. Menos de quatro anos depois, a grande maioria dos políticos que protagonizaram esse feito, no entanto, está às voltas com grandes dificuldades para emplacar — ou até mesmo para encontrar — aliados competitivos capazes de garantir a manutenção de seu grupo político à frente dos estados. Levantamento feito por VEJA mostra que, faltando menos de um ano para a votação, dez deles apoiam candidatos que estão atrás dos concorrentes nas pesquisas e cinco ainda não sabem nem quem vão defender na disputa eleitoral do ano que vem.

O desafio se impõe até mesmo a governadores com boas aprovações de seus mandatos e que alimentam projetos eleitorais ambiciosos. É o caso de três que já manifestaram a intenção de disputar a Presidência da República. Em Minas Gerais, Romeu Zema (Novo) apontou o dedo há tempos para o seu vice, Mateus Simões, mas o escolhido, que há poucos dias trocou o Novo pelo PSD com as bênçãos do cacique Gilberto Kassab, chega a 5,9% das intenções de voto, em quinto lugar, segundo levantamento do Paraná Pesquisas de outubro. Outros dois presidenciáveis, Eduardo Leite (Rio Grande do Sul) e Ratinho Jr. (Paraná), ambos do PSD, ainda não escolheram quem vão apoiar. No

VALTER CAMPANATO/AG. BRASIL

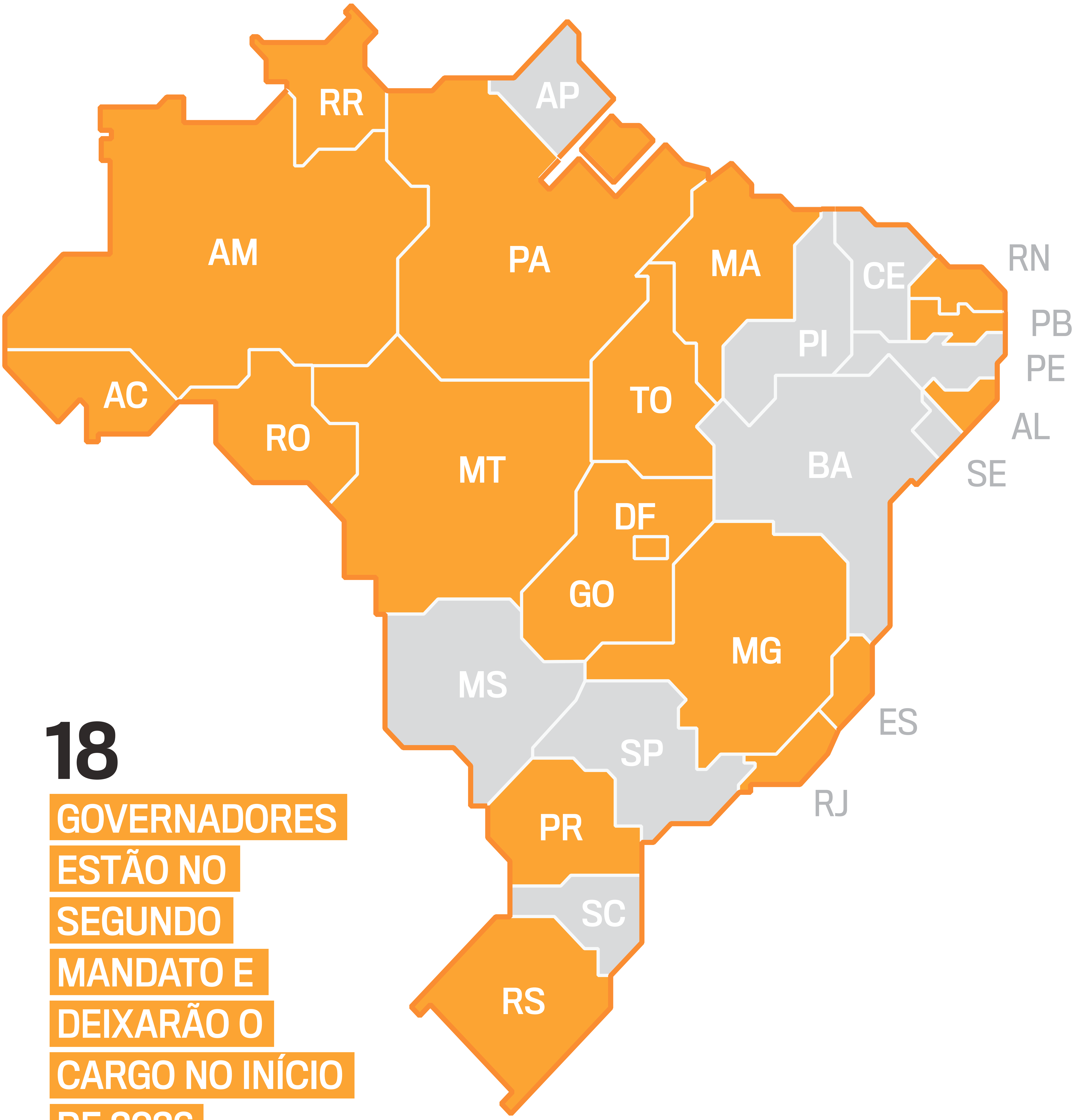
DÚVIDA Eduardo Leite: ele está inclinado a apoiar o vice, Gabriel Souza

caso do gaúcho, o favorito é o vice-governador Gabriel Souza (MDB), que, segundo pesquisa Real Time Big Data de outubro, tem 4% e está em quarto lugar. Já Ratinho Jr. está indefinido entre três nomes do PSD: o secretário Guto Silva, o ex-prefeito Rafael Greca e o presidente da Assembleia, Alexandre Curi. Nenhum rompe a casa dos dois dígitos em pesquisas recentes.

Nos dois maiores colégios eleitorais do país, também paira a indefinição. No Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), com a popularidade alavancada pela guerra contra o Comando Vermelho *(leia a reportagem "A vida com medo")*, não pode disputar a reeleição e não tem ainda um

RENOVAÇÃO NOS ESTADOS

Dois em cada três chefes de Executivos estaduais não poderão disputar a reeleição em 2026


RR
AP
AM
PA
MA
CE
RN
PB
PE
AL
SE
PI
AC
RO
TO
BA
MT
DF
GO
MG
ES
MS
SP
RJ
PR
SC
RS

18

GOVERNADORES ESTÃO NO SEGUNDO MANDATO E DEIXARÃO O CARGO NO INÍCIO DE 2026

ines249

candidato para chamar de seu. Em São Paulo, se Tarcísio de Freitas (Republicanos) decidir concorrer à recondução ao cargo, como vem declarando, as pesquisas mostram o caminho livre para uma vitória tranquila. Sem ele, no entanto, a direita estaria em apuros: a figura mais bem colocada em pesquisas é o prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), que, apesar de ter boa aprovação entre os paulistanos, poderia ter uma disputa acirrada se o seu adversário fosse o vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB). O favori-

RJ	**CLÁUDIO CASTRO (PL)**
MG	**ROMEU ZEMA (NOVO)**
RS	**EDUARDO LEITE (PSD)**
PR	**RATINHO JR. (PSD)**
PA	**HELDER BARBALHO (MDB)**
GO	**RONALDO CAIADO (UNIÃO BRASIL)**
MA	**CARLOS BRANDÃO (SEM PARTIDO)**
AM	**WILSON LIMA (UNIÃO BRASIL)**
PB	**JOÃO AZEVÊDO (PSB)**
ES	**RENATO CASAGRANDE (PSB)**
MT	**MAURO MENDES (UNIÃO BRASIL)**
RN	**FÁTIMA BEZERRA (PT)**
AL	**PAULO DANTAS (MDB)**
DF	**IBANEIS ROCHA (MDB)**
RO	**MARCOS ROCHA (UNIÃO BRASIL)**
AC	**GLADSON CAMELI (PP)**
RR	**ANTONIO DENARIUM (PP)**
TO	**WANDERLEY BARBOSA (REPUBLICANOS)**

ines249

tismo de Tarcísio também se explica pelo fato de o eleitorado paulista ter uma tendência histórica à reeleição — foi assim com os sucessivos governos do PSDB, que desde Mario Covas, em 1994, construiu uma hegemonia que durou quase trinta anos e só foi quebrada em 2022, justamente por Tarcísio.

O pendor para manter quem está no cargo não é exclusividade do eleitor paulista. Um indicador disso é que, dos nove governadores que podem disputar a reeleição, seis es-

Destes:

5 ainda não definiram qual candidato irão apoiar

▼ **10** avalizam nomes que estão atrás dos concorrentes nas pesquisas

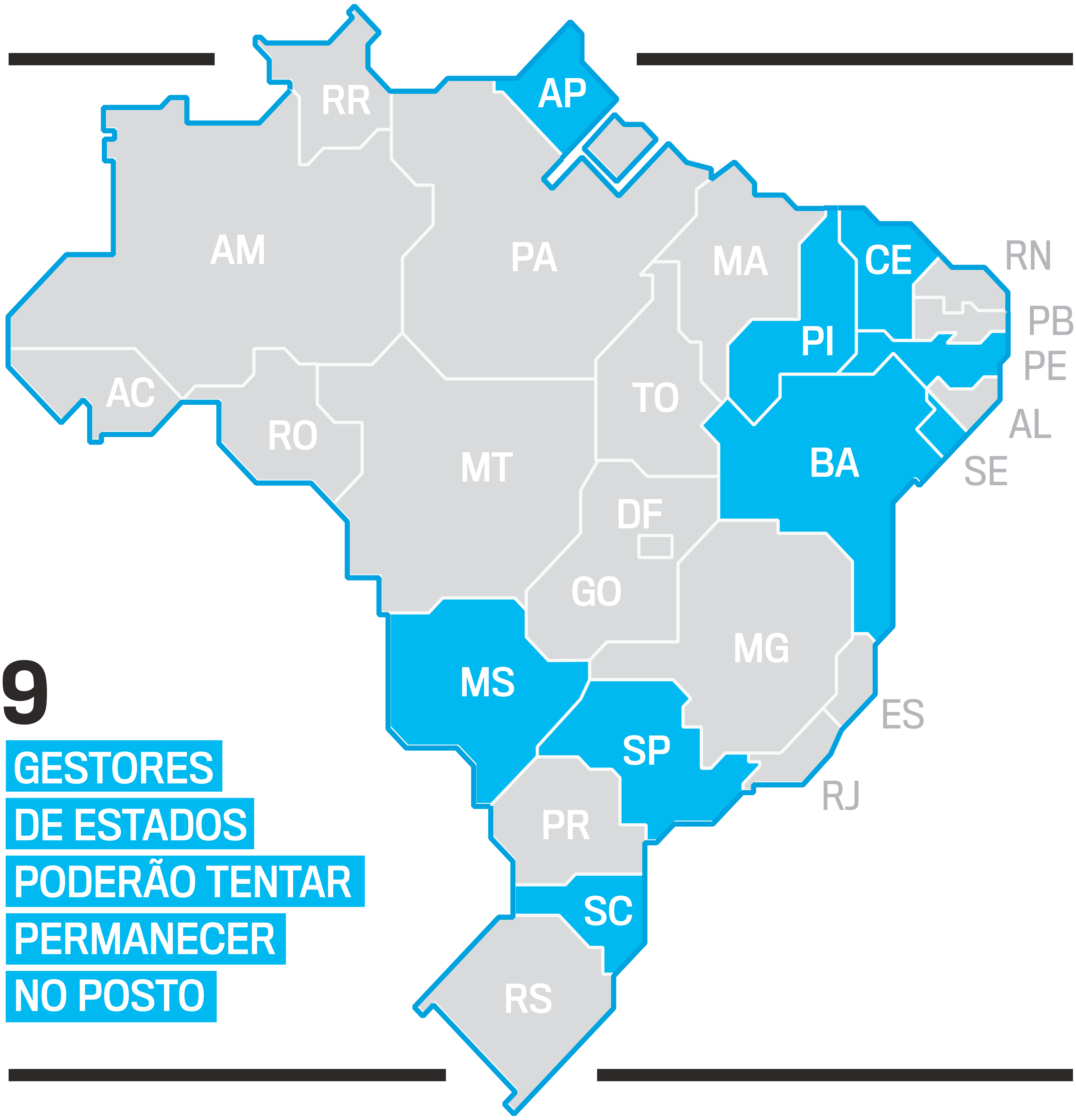
▲ **3** escolheram sucessores que lideram as sondagens eleitorais:

RONALDO CAIADO (com o vice-governador Daniel Vilela, do MDB)

IBANEIS ROCHA (com a vice-governadora Celina Leão, do PP)

PAULO DANTAS (com o ministro Renan Filho, do MDB) tão liderando as pesquisas: além de Tarcísio, compõem a lista Elmano de Freitas (PT), do Ceará; Jorginho Mello (PL), de Santa Catarina; Rafael Fonteles (PT), do Piauí; Eduardo Riedel (PP), de Mato Grosso do Sul; e Fábio Mitidieri (PSD), de Sergipe. Outros três enfrentam dificuldades: Jerônimo Rodrigues (PT), da Bahia; Raquel Lyra (PSD), de Pernambuco; e Clécio Luis (Solidariedade), do Amapá.

Relativamente nova no Brasil, a reeleição foi instituída na lei em 1997 e tornou-se uma espécie de avaliação de governo,


RR
AP
AM
PA
MA
CE
RN
PB
PE
PI
AL
AC
RO
TO
SE
BA
MT
DF
GO
MG
MS
ES
SP
RJ
PR
SC
RS

9

GESTORES DE ESTADOS PODERÃO TENTAR PERMANECER NO POSTO

criando um "voto de confiança" como alternativa à troca de rumo a cada quatro anos. Desde então, a recondução ao cargo é mais uma regra do que exceção no país. Em geral, o candidato que está no cargo tem vantagem na corrida. Ele pode valer-se, por exemplo, da máquina pública, da visibilidade da função e da proximidade com as bancadas na Câmara e no Senado. "Com o crescimento das emendas, o governador que possui boas relações com congressistas atua como facilitador de recursos repassados aos prefeitos, elevando sua populari-

SP	**TARCÍSIO DE FREITAS (REPUBLICANOS)**
BA	**JERÔNIMO RODRIGUES (PT)**
PE	**RAQUEL LYRA (PSD)**
CE	**ELMANO DE FREITAS (PT)**
SC	**JORGINHO MELLO (PL)**
PI	**RAFAEL FONTELES (PT)**
MS	**EDUARDO RIEDEL (PP)**
SE	**FÁBIO MITIDIERI (PSD)**
AP	**CLÉCIO LUIS (SOLIDARIEDADE)**

dade nos municípios do interior", avalia o cientista político Marco Antonio Teixeira, da FGV. Para o diretor do Paraná Pesquisas, Murilo Hidalgo, a nova dinâmica orçamentária do país dificulta o surgimento de outsiders. "Com o volume de emendas que os parlamentares têm hoje, e mais recursos no caixa dos estados e municípios, ficou muito complicado para figuras de fora da política", afirma.

Os cenários atuais não são, claro, uma previsão de futuro, mas retrato de um momento específico da campanha.

Destes:

▲ **6** lideram as pesquisas de intenção de voto

(TARCÍSIO DE FREITAS, ELMANO DE FREITAS, JORGINHO MELLO, RAFAEL FONTELES, EDUARDO RIEDEL E FÁBIO MITIDIERI)

Fontes: *Levantamentos Quaest, Paraná Pesquisas e Real Time Big Data, feitos entre setembro e novembro de 2025*

Há muitas variáveis que podem influir na maratona eleitoral. Um fator a ser levado em conta, por exemplo, é que em alguns estados o governador atual deixará o cargo em abril, prazo máximo para poder concorrer a uma posição diferente em outubro, deixando o caminho livre — e o poder da máquina pública — para o vice e candidato a sucessor. São os casos de Mateus Simões em Minas Gerais; de Gabriel Souza no Rio Grande do Sul; de Hana Ghassan (MDB), vice de Helder Barbalho, no Pará; e Ricardo Ferraço (MDB), vice de Renato Casagrande, no Espírito Santo, que terão seis meses para mostrar serviço e virar o jogo, hoje desfavorável, nas pesquisas. Outros dois já estão em boa posição nas sondagens e podem abrir dianteira a partir do momento em que assumirem os estados: Daniel Vilela (MDB), vice de Ronaldo Caiado, em Goiás; e Celina Leão (PP), a número dois de Ibaneis Rocha (MDB), no Distrito Federal. Caiado e Ibaneis, ao lado de Paulo Dantas (MDB), de Alagoas — que apoia o ministro dos Transportes, Renan Filho (MDB), para sua sucessão —, formam o seleto trio de governadores que têm os seus indicados liderando as corridas eleitorais.

Outro fator que deve influir na corrida é a exposição crescente dos nomes até a campanha. Faltando pouco menos de um ano para a eleição, as pesquisas refletem principalmente o nível de conhecimento pelo eleitor de cada um dos pré-candidatos, na avaliação de Yuri Sanches, diretor político da AtlasIntel. Ele lembra, por exemplo, a arrancada

JONATHAN CAMPOS/AEN

TRUNFO Ratinho Jr.: com aprovação alta, ele ainda não tem um sucessor

do governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), que, em sua primeira eleição, derrotou o favorito ACM Neto (União). "Em 2021, ninguém sabia quem ele era", relembra. Segundo ele, nomes com alinhamento ideológico mais claro levam vantagem, mesmo se forem lançados mais tarde. "Candidatos de partidos como PT ou PL, por exemplo, têm um piso eleitoral alto. Ainda que eles não sejam conhecidos, por serem daquela sigla, eles já começam nas pesquisas com uma boa porcentagem de intenções de voto, porque o eleitor consegue ter uma identificação ideológica com ele", diz. Especialistas também veem a corrida eleitoral cada vez mais precoce, o que prejudica as projeções de cenários mais conclusivos e pode representar um erro estratégi-

REPRODUÇÃO

EXCEÇÕES Caiado, com Vilela: um dos três governadores que têm aliados liderando pesquisas

co para os candidatos. “Escolher o sucessor com antecedência dá mais tempo ao governador para promover o aliado, mas também indica uma entrada na disputa sem ideia de quem serão os adversários”, avalia Ana Claudia Santano, diretora-executiva da Transparência Eleitoral Brasil.

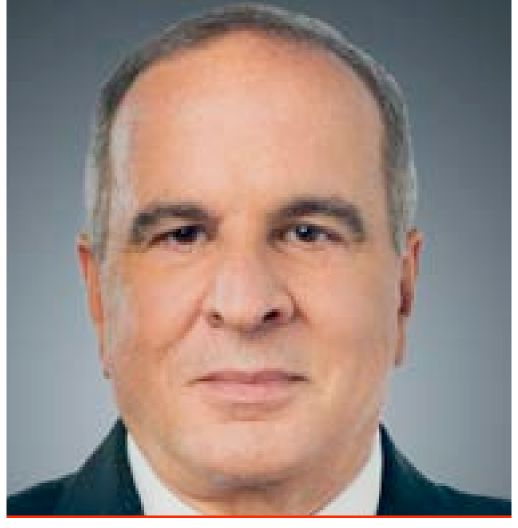
Independente de os atuais governadores fazerem ou não os seus sucessores, o Brasil que sairá das urnas não deverá representar uma grande ruptura, como ocorreu em 2018. Naquele ano, em cenário parecido com agora, vinte chefes de Executivos estaduais tentaram a reeleição, mas só dez tiveram sucesso — uma taxa baixíssima de 50%. Das urnas saíram vitoriosos políticos que disputavam as suas primeiras eleições, como Romeu Zema (Minas Gerais), Wilson

RENATO ALVES/AG. BRASÍLIA

VANTAGEM Celina Leão e Ibaneis: vice lidera corrida pré-eleitoral no DF

Witzel (Rio de Janeiro) e Carlos Moisés (Santa Catarina) — boa parte da turma foi alavancada pela onda bolsonarista. “Será uma renovação de nomes, não necessariamente de ideias”, diz Lucas Thut Sahd, diretor do Real Time Big Data.

A indefinição que paira em boa parte dos estados importantes, no entanto, pode influenciar as eleições nacionais. A formação de palanques consistentes será decisiva tanto para a corrida presidencial quanto para a batalha pelo Congresso, em especial pelo Senado, que renovará dois terços de suas cadeiras. A entrada definitiva em campanha de governadores com alta aprovação de seus mandatos — como Ratinho Jr., Romeu Zema e Helder Barbalho — e consagrados pelas urnas na reeleição histórica de 2022 tem poder para chacoalhar o tabuleiro eleitoral. ■



MURILLO DE ARAGÃO

A ESCALADA DA VIOLÊNCIA

O medo move votos e dá tração a discursos de autoridade

A OPERAÇÃO nos complexos do Alemão e da Penha, no Rio, reacendeu o debate sobre o peso da segurança na política. O episódio recolocou a violência no centro da agenda nacional. Depois de anos dominados por economia, custo de vida e polarização, o medo voltou. Parcela expressiva do eleitorado aponta a violência como principal problema. O tema ressurge porque atravessa o cotidiano e reordena prioridades eleitorais.

Há discrepância notável entre indicadores e percepção. Embora os dados indiquem leve queda de homicídios recentemente, a sensação de insegurança se espalha. O eleitor não consulta relatórios: vê arrastões no bairro, teme o ponto de ônibus e assiste a criminosos armados na TV e nas redes. O medo move votos e dá tração a discursos de autoridade.

Isso expõe a vulnerabilidade do governo Lula. No Rio, pesquisa pós-operação registrou 60% de avaliação negativa e 18% positiva para a atuação federal na área. Nacionalmente, a mesma fonte aponta a segurança como a maior aflição do eleitor. O problema também é de comunicação: o governo oscila entre condenar operações letais e reconhecer a gravidade do crime organizado. A ambivalência transmite hesitação. Em segurança, o eleitor cobra coerência e comando.

O tema atinge de forma particular três segmentos decisivos: os mais velhos, que valorizam ordem e previsibilidade; as periferias urbanas, onde a violência é cotidiana e a ausência de serviços em razão do domínio de facções gera demanda por autoridade e apoio a ações duras; e os conservadores, sensíveis à pauta da "lei e ordem", cujo discurso hoje ecoa entre moderados cansados da insegurança.

Mais que ideologia, o debate se organiza por atitudes diante do crime. Há maioria que apoia medidas firmes dentro da lei; segmento menor que defende tolerância zero e confronto direto; e minoria que prioriza abordagens garantistas e preventivas, centradas em políticas sociais e redução da letalidade policial. Os tamanhos variam, mas o pêndulo tem se deslocado para respostas mais assertivas do Estado.

> **"O governo oscila entre condenar operações letais e reconhecer a gravidade do crime organizado"**

Pesquisa da More in Common/Quaest mostra que 54% dos brasileiros formam “maioria invisível” — composta de 27% de “desengajados” e 27% de “cautelosos” — que não se identifica com extremos ideológicos, enquanto apenas 10% da população está dividida entre “progressistas militantes” e “patriotas indignados”. Essa maioria silenciosa, ignorada pelo debate político, não se preocupa com batalhas ideológicas abstratas, mas com questões práticas e imediatas: emprego, saúde, segurança e custo de vida.

O fenômeno explica o crescente apoio a políticas de “law and order” mesmo entre eleitores sem identificação ideológica clara. Quando a violência se torna problema cotidiano, a resposta do eleitorado é pragmática, não ideológica — querem soluções que funcionem, independentemente de rótulos políticos. Essa realidade desmente a narrativa de Brasil dividido em duas torcidas e revela que o sucesso eleitoral em 2026 dependerá menos de mobilizar bases ideológicas e mais de oferecer respostas concretas ao medo que paralisa a maioria invisível. É a massa de brasileiros desengajados do debate polarizado, mas profundamente afetados pela insegurança, que decidirá os rumos da política. ■

CALENDÁRIO ATRASADO

Às vésperas de um novo pleito, o Tribunal Superior Eleitoral ainda vai julgar governadores acusados por irregularidades cometidas na eleição passada **LARYSSA BORGES**

CRONOGRAMA Plenário do TSE: 700 processos relativos ao pleito de 2022 ainda em fase de tramitação

LUIZ ROBERTO/TSE

AS ESTATÍSTICAS mostram que o Tribunal Superior Eleitoral necessita, em média, de 609 dias corridos, ou quase dois anos inteiros, para que os sete ministros da Corte concluam o julgamento de um processo. Em tese, isso faria com que ações por abuso de poder econômico ou político e outras irregularidades envolvendo governadores, deputados, senadores e o presidente da República eleitos em 2022 tivessem suas sentenças conhecidas no máximo até o fim do ano passado, evitando assim as insinuações de interferência política que normalmente surgem quando o veredicto é anunciado às vésperas de um novo pleito. Nem todos os processos, porém, se enquadram nesse cronograma. Na terça-feira 4, o TSE começou a analisar uma ação que pode resultar na cassação do mandato do governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), acusado de ter se beneficiado de um esquema de distribuição de cargos em troca de apoio político. Um pedido de vista interrompeu o julgamento, que deve ser finalizado apenas em 2026, quando a pré-campanha já estará a pleno vapor.

O caso envolvendo o governador foi revelado quatro meses antes das eleições de 2022. Castro teria usado dois órgãos estaduais para contratar 27 000 pessoas como cabos eleitorais. O processo foi instaurado em 2022 no Tribunal Regional Eleitoral do Rio (TRE), que absolveu o governador por 4 votos a 3, depois de considerar que as contratações não haviam influenciado o resultado do pleito. O Ministério Público recorreu da decisão em agos-

ANTONIO MOLINA/FOTOARENA

FACEBOOK @CELMARCOSROCHA

PARTIDO PROGRESSISTAS 11

INDEFINIÇÃO Mendes *(ao lado, no alto),* Denarium *(à esq.)* e Rocha: à espera dos veredictos que também devem ser anunciados no ano que vem

to de 2024. A ação está sob a relatoria da ministra Isabel Gallotti, que aguardava a presidente do TSE, ministra Cármen Lúcia, marcar a data do julgamento, o que aconteceu um dia depois da operação que deixou 121 mortos nas favelas do Rio. A coincidência serviu de munição para aliados do governador insinuarem que a Justiça Eleitoral estaria buscando punir o político por causa da incursão policial.

REBECCA MARIA/AG. O GLOBO

ADIAMENTO Castro: julgamento deverá ser totalmente concluído apenas em 2026

Em seu voto, Gallotti condenou o governador, ressaltando que as contratações dos servidores foram planejadas e orientadas “para a obtenção de vantagens eleitorais ilícitas”. Na sequência, o ministro Antonio Carlos Ferreira pediu mais tempo para analisar a ação. Caso seja condenado (algo que poucos acreditam), Castro ainda pode recorrer, o que empurraria a decisão para ainda mais perto da eleição. O governador já anunciou que pretende disputar uma vaga no Senado. Aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro, ele faz companhia a outros governadores do campo da direita que aguardam o desfecho na Justiça Eleitoral de acusações que vão de irregularidades na propaganda de campanha ao uso de recursos públicos de forma ilegal — processos que podem levar à cassação de seus mandatos, à inelegibilidade por até oito anos e que também caminham para ser totalmente concluídos apenas no ano que vem.

Na lista de espera do veredicto estão os chefes do Executivo de Roraima, Antonio Denarium (PP); de Rondônia, Marcos Rocha (União Brasil); e de Mato Grosso, Mauro Mendes (União Brasil). Denarium tem um voto em prol da cassação, mas o caso foi paralisado por um pedido de vista. Rocha acabou sendo absolvido, mas aguarda o julgamento de um recurso pendente, e o processo de Mendes foi devolvido à Justiça Estadual para a nova rodada de produção de provas. “A demora na conclusão dessas ações é ruim e, como a sociedade está muito polarizada, acirra uma guerra de narrativa”, diz Anne Cabral, coordenadora-geral adjunta da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político. Apesar de a Justiça Eleitoral ter metas de celeridade, o grande volume de processos impede que o acervo seja zerado em tempo razoável — hoje ainda existem mais de 700 demandas relativas às eleições de 2022 represadas no TSE e nos tribunais regionais. Contra o risco de aumento da instabilidade jurídica, só resta agora correr contra o tempo. ■

UM INCÔMODO FORASTEIRO

Pré-candidatura de Carlos Bolsonaro ao Senado por Santa Catarina detona crise entre aliados em um dos estados mais à direita do país **LAÍSA DALL'AGNOL** E **JOSÉ BENEDITO DA SILVA**

INSTAGRAM @CAROLINEDETONI

PROBLEMA Jorginho Mello, Caroline De Toni e o Zero Dois na Tirolerfest, em Treze Tílias: racha na chapa governista

DÉCIMO maior colégio eleitoral do país, com 5,5 milhões de votantes, Santa Catarina está politicamente cada vez mais inclinada à direita. Além de nunca ter sido governado pela esquerda, o estado não escolhe um senador de esquerda desde 2002, com Ideli Salvatti (PT). Na eleição de 2022, elegeu o governador Jorginho Mello (PL) com 71% dos votos e formou amplas bancadas conservadoras de deputados estaduais e federais, além de ter levado o ex-ministro Jorge Seif (PL) ao Senado. Nas últimas corridas presidenciais, sete em cada dez escolheram Jair Bolsonaro, o que deu ao eleitorado catarinense a fama de ser um dos mais bolsonaristas do país. Por ironia, um desejo do ex-presidente — o de que o filho Carlos se torne senador pelo estado — mergulhou a direita local e antigos aliados em uma crise sem precedentes a quase um ano das eleições.

O nó da discórdia é o fato de a chegada do forasteiro ter colocado em risco o espaço de aliados. Jorginho Mello e o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, já tinham acertado que uma vaga na chapa ao Congresso seria do PL e a outra, do senador Esperidião Amin (PP), que vai tentar um novo mandato. A candidata do PL seria a deputada federal Caroline De Toni, aliada de muito tempo do bolsonarismo. Para dar espaço a Carlos, no entanto, ela passou a ser descartada pelo governador e por Valdemar, que pretendem manter o acordo com o PP e Amin. A opção, no entanto, descontentou o clã Bolsonaro e uma boa parte de seus apoiadores. Por isso, a família começou a apostar na dobradinha Carlos-Caroline — que tem até nome (“Car-Car”). Nessa hipótese, quem ficaria de fora é Amin.

Desde então, a confusão só aumenta. "Neocatarinense", o fluminense Carlos está circulando pelo estado em busca de votos (percorreu mais de uma dezena de cidades nas últimas semanas), quase sempre com Caroline a tiracolo. "Como conversamos desde o início e temos repetido de forma quase que diária e é de conhecimento de todos, os pré-candidatos de Jair Bolsonaro ao Senado Federal são Carol e Carlos Bolsonaro", postou o Zero Dois na segunda 3.

A resistência à "chapa pura" do PL, porém, mobiliza o entorno de Jorginho. Candidato à reeleição, o governador precisa manter a base da Assembleia Legislativa, pulverizada por quase uma dezena de siglas, entre elas o PP. Mais que isso: ele corre para consolidar o apoio do maior número de partidos, pois há o risco de perdê-los para uma candidatura de oposição no mesmo campo conservador, a do prefeito de Chapecó, João Rodrigues (PSD), que administrou a sexta maior cidade do estado por quatro mandatos, foi deputado estadual e federal e aparece competitivo em pesquisas para o governo.

INSTAGRAM @BOLSONARO_JR

APOIO Jair Renan em Balneário Camboriú: polêmica local uniu a família

Diante da resistência à aceitação da chapa Car-Car, Caroline já ameaçou deixar o PL e ir para o Novo. Outro ponto que elevou a fervura nos últimos dias foi a ofensiva da deputada estadual Ana Campagnolo, a mais votada em 2022 (quase 200 000 eleitores) e nome importante do PL catarinense, com o apoio de muitos prefeitos. Para ela, a imposição de Carlos vai tirar do PL a deputada federal mais votada — Caroline teve 227 000 votos. “O ex-presidente, em nome da sobrevivência de sua família na política, impõe ao estado mais ideológico do Brasil a aceitação passiva de uma pré-derrota ao desprestigiar De Toni para dar lugar ao seu filho”, disse.

As críticas foram largamente encampadas nas redes sociais e irritaram o clã Bolsonaro. “Vou ser direto: as declarações são totalmente inaceitáveis. Na forma, por terem sido feitas em público. No conteúdo, por se insurgirem contra a liderança política que a projetou”, disse o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-RJ). “Carlos chega como uma indicação direta de Jair Bolsonaro, o que merece total consideração, confiança e lealdade de todos. Sim, sem questionamentos ao nosso maior líder”, ecoou o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro disse que apoiará Caroline mesmo que ela saia do PL. “Estou fechada com Carol De Toni, independentemente da sigla partidária”, postou. O filho Zero Quatro, Jair Renan, que é vereador em Balneário Camboriú e deve tentar vaga de deputado federal por Santa Catarina, publicou uma série de vídeos de Carlos e Caroline juntos. “Essas são as minhas escolhas”, escreveu.

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

PIVÔ Esperidião Amin (PP): futuro do senador, que é próximo ao governador, dividiu antigos aliados da região

O esforço do ex-presidente Jair Bolsonaro para eleger Carlos tem um objetivo mais amplo (conquistar maioria para a direita no Senado) e um mais particular: fortalecer o poder da família em um momento difícil para ele. O plano era emplacar Michelle, Carlos, Flávio e Eduardo na Casa Alta do Congresso, mas isso está cada vez mais complicado. Eduardo, que era favorito a uma vaga por São Paulo, está praticamente fora do páreo para qualquer cargo, em razão do autoexílio nos EUA, de onde arrumou confusão com a Justiça e com aliados políticos. Flávio lidera as pesquisas no Rio, mas não deverá ter uma disputa fácil. Michelle é hoje quem tem a perspectiva mais tranquila de vitória, pelo Distrito Federal. Já Carlos Bolsonaro, que há sete mandatos consecutivos é vereador no Rio de Janeiro, vai testar a sua força eleitoral fora de casa. Pode até se eleger, mas com certeza não será com pouco barulho. ■

PEDRO GIL

NOVA FASE Oliveira, do Atacadão: mais investimentos e foco nas vendas on-line

EUGÊNIO GOULART/ATACADÃO

Hora de acelerar

Após concluir a integração do Grupo Big, o Atacadão, rede de atacarejo do Carrefour, se prepara para uma nova fase de expansão. A compra, realizada em 2022 por 7 bilhões de reais, demandou um longo processo de ajustes internos. “O ano de 2025 foi para respirar”, afirma **Marco Oliveira,** presidente do Atacadão. “A expectativa é acelerar a partir de 2026.”

Aposta no digital

O Atacadão tem como prioridade ampliar seu canal de vendas on-line, que hoje responde por apenas 2% de um faturamento próximo a 100 bilhões de reais. Com o fechamento de capital da companhia no Brasil, a missão ganhou fôlego. “Temos mais tempo para cuidar da estratégia", diz Oliveira.

Moda no vermelho

Em grave crise financeira e com capital circulante negativo de 460 milhões de reais, a varejista de moda Lojas Marisa enviou comunicado aos fornecedores pedindo o cancelamento ou remanejamento das próximas entregas. No documento, a companhia cita "três meses consecutivos de queda nas vendas em dois dígitos". Procurada por VEJA, a empresa não quis se manifestar.

Plano de resgate

Em um movimento raro no mercado, o Sistema Unimed de planos de saúde assumiu o compromisso de socorrer a operação e os pacientes da Unimed Ferj, que atua no estado do Rio de Janeiro, em caso de colapso da cooperativa. O acordo foi firmado com o Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) e com a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS).

Na UTI financeira

A situação da Unimed Ferj é crítica. Os débitos com hospitais ultrapassam 2 bilhões de reais. Diante do quadro, o MPRJ e a ANS determinaram que a cooperativa apresente um plano de quitação das dívidas e uma proposta para normalizar o atendimento aos beneficiários.

Luxo francês

A incorporadora brasileira Torresani vai investir 200 milhões de reais em um complexo multiúso em Blumenau (SC). Recentemente, a empresa firmou parceria com a rede francesa Accor e com a operadora Atrio Hotel Management para a instalação de um hotel de luxo da bandeira Novotel no empreendimento.

Novo horizonte

O Grupo Orizonti, responsável pelo Hospital Orizonti em Belo Horizonte e por uma rede de clínicas em Minas Gerais, investe 100 milhões de reais para expandir sua presença em São Paulo. O foco é o mercado de oncologia.

Dança das cadeiras

Cerca de 40% das empresas que compõem o Ibovespa, principal índice da bolsa de valores brasileira, trocaram de presidente nos últimos trinta meses, segundo levantamento exclusivo da consultoria Flow Executive Finders. Entre os novos executivos, 70% ocupam o cargo pela primeira vez.

Na mira do mercado

A Zig, empresa brasileira especializada em soluções de pagamento para eventos, está na mira de investidores interessados em comprar um negócio estimado em 1 bilhão de reais. A direção da empresa, contudo, garante que não pretende abrir mão do controle.

Apetite chinês

Entre os interessados na Zig está a Keeta, marca de entrega de produtos pertencente ao gigante chinês Meituan. Nos últimos dois anos, a Zig levantou 265 milhões de reais em duas rodadas de investimento. Procurada por VEJA, a Meituan diz que não comenta movimentações de mercado. ■

AUSTIN
RATING

39
ANOS

PRIMEIRA AGÊNCIA DE RATING DO BRASIL

A Austin Rating é pioneira na classificação de risco de crédito no Brasil. Sua credibilidade foi construída ao longo de seus 39 anos de atuação com muito trabalho e dedicação. É a empresa mais solicitada pela mídia quando o assunto é bancos, mercado financeiro e macroeconomia. Detém o maior banco de dados privado do país com informações financeiras de empresas.

Líder em ratings de gestoras de recursos

Líder em ratings de FIDCs

Líder em ratings de CRIs

SÃO PAULO
R. Leopoldo Couto Magalhães Jr. 110
7º Andar - Itaim Bibi
CEP 04542-000 - Tel.: 11 3377-0707

BARUERI
Av. Andrômeda, 885 - Cj. 901/902
Alphaville - Brascan Green Valley
CEP 06473-000 - Tel.: 11 3377-0707

RIO DE JANEIRO
Av. Presidente Wilson, 231
Grupo 502/503 - Parte Centro
Tel.: 21 2103-7680

WWW.**AUSTIN**.COM.BR

ideiacentral

UM FLERTE COM O ABISMO

Com a dívida pública em alta e a responsabilidade fiscal em baixa, o governo Lula empurra para os próximos anos uma bomba-relógio que ameaça a economia e o futuro do país

FELIPE ERLICH E **JULIANA ELIAS**

ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA/AG. O GLOBO

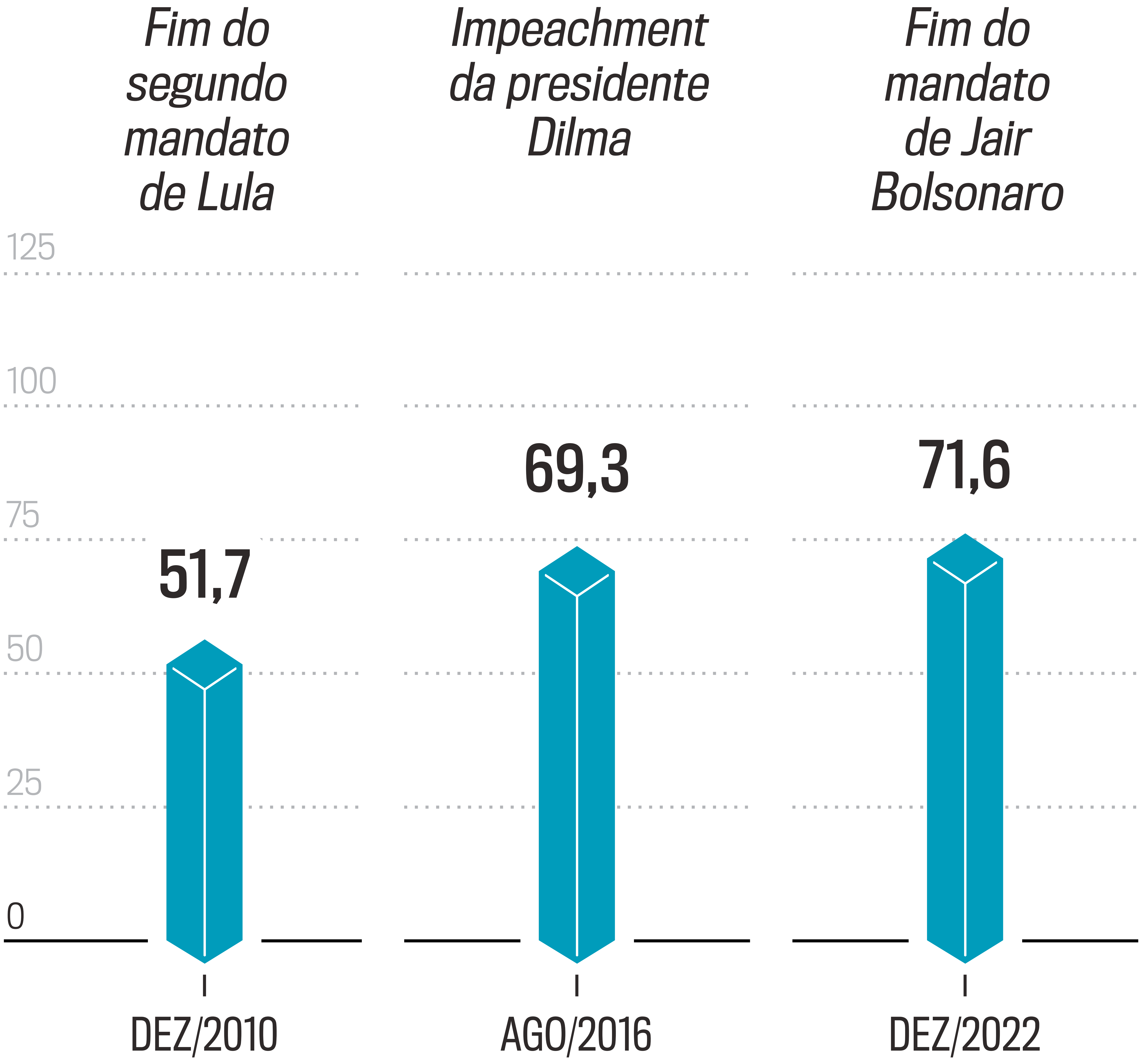
ESFORÇO PERDIDO Haddad: as regras fiscais perderam o sentido diante da sucessão de exceções e remendos

Há muito tempo prevalece no mundo político a ideia de que o início de um mandato presidencial é o momento certo para enfrentar as pautas amargas. Cabe ao chefe do Executivo, recém-legitimado por milhões de votos, exercer o senso de responsabilidade e fazer não apenas o que os eleitores desejam, mas o que o país necessita. Em 2027, porém, essa não será apenas uma questão de bom senso — será uma imposição da realidade. Quem assumir o comando do Planalto, seja Lula ou qualquer outro, encontrará um quadro de colapso iminente das contas públicas e uma regra fiscal profundamente desmoralizada. A “herança maldita”, expressão cara ao vocabulário petista, deixará de ser um recurso retórico para se tornar um fato incontornável.

O arcabouço fiscal, que foi fruto do esforço de Fernando Haddad, ministro da Fazenda, vendido pelo governo petista como símbolo de responsabilidade e equilíbrio nas contas públicas, ruiu diante da incapacidade do governo de cumprir as próprias regras. A lei que substituiu o antigo teto de gastos, concebida e aprovada pelo governo Lula em 2023, entrou em vigor com a promessa de impor limites ao avanço dos gastos públicos e de estabelecer metas para o resultado fiscal, isto é, a diferença entre o que o governo arrecada e o que de fato gasta. Mas o discurso de austeridade não resistiu ao primeiro teste da realidade. Segundo a Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão ligado ao Senado, até o fim do atual mandato cerca de 150 bilhões de reais terão sido executados fora das

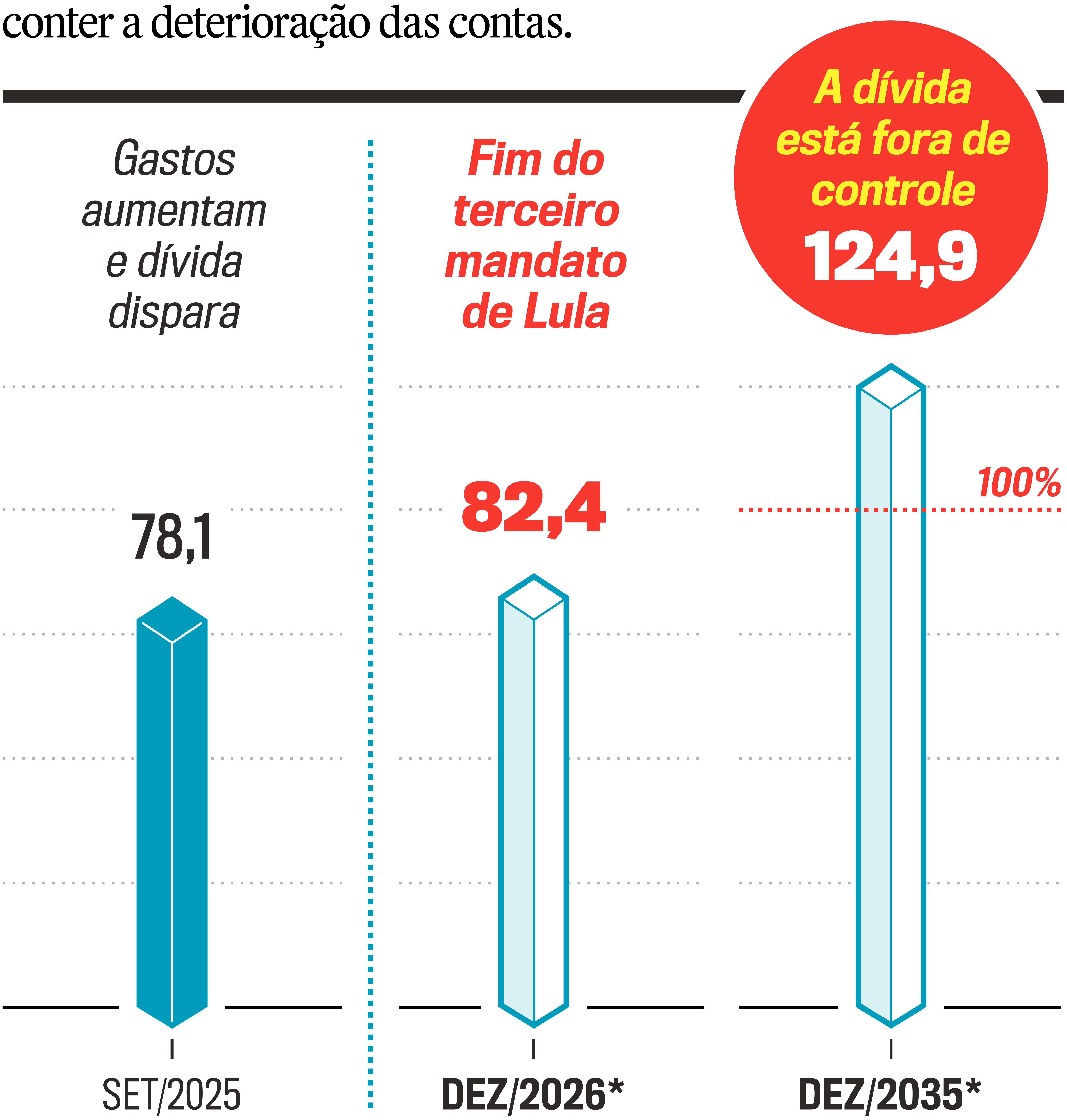
SITUAÇÃO INSUSTENTÁVEL

A escalada da dívida bruta do governo federal (em % do PIB)



ines249

regras da nova âncora. E o rombo segue aumentando: na segunda-feira 3, o Congresso, cúmplice no desmonte da responsabilidade fiscal, aprovou a retirada de mais 30 bilhões de reais em gastos com Defesa da contabilidade oficial até 2031. O texto, que agora depende apenas da sanção de Lula, transforma de vez em letra morta o instrumento criado para conter a deterioração das contas.



* As projeções consideram o ritmo atual de crescimento da dívida bruta

Fontes: *Banco Central e IFI*

A meta fiscal, que deveria orientar a política econômica e servir de bússola para o equilíbrio do caixa do país, perdeu o sentido diante da sucessão de exceções e remendos. O Planalto parece ter se acostumado a tratar as normas que criou como peças de ficção. “O governo descumpre as regras o tempo todo”, afirma o economista Marcos Mendes, pesquisador do Insper e ex-assessor especial do Ministério da Fazenda. “As despesas tiradas das regras são despesas de qualquer jeito e fazem a dívida pública crescer da mesma forma.” Desde que o presidente Lula voltou ao poder, em janeiro de 2023, a dívida bruta do país saltou de 71% para 78% do PIB. A Instituição Fiscal Independente projeta que o encargo pode alcançar 125% do PIB no prazo de uma década, caso nenhuma medida concreta seja adotada para conter o crescente desequilíbrio.

A regra fiscal já não cumpre sua função mais elementar: conter o avanço da dívida pública. No mercado financeiro, essa constatação virou consenso. “A cada ano aumenta o número de despesas fora do arcabouço, e o resultado é que ele não serve para mais nada”, diz Gabriel Leal de Barros, economista-chefe da gestora ARX Investimentos. O descontrole tem efeito em cadeia. Com a dívida em trajetória explosiva, cresce a desconfiança dos investidores — justamente aqueles que financiam o governo ao comprar seus títulos. O reflexo é direto: o Banco Central se vê impossibilitado de reduzir a taxa básica de juros, juros. Hoje ela está em 15% ao ano, e foi mantida mais uma vez

ines249

TARIFA
ZERO
BILHETE ÚNICO
WWW.SPTRANS.COM.BR

ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

DERRAPADA Transporte gratuito: o programa federal pode custar 90 bilhões de reais por ano

nesse nível pela diretoria do BC, na quarta-feira 5. “O investidor percebe que não há perspectiva de estabilização da dívida e exige um prêmio de risco maior”, diz João Leme, economista da Tendências Consultoria.

A manobra recente do Congresso para excluir bilhões de reais em gastos com Defesa do arcabouço fiscal é apenas mais uma rachadura naquilo que deveria ser a pedra fundamental da contabilidade pública. No fim de outubro, o mesmo Parlamento já havia autorizado o governo a perseguir o piso, e não o centro, da meta fiscal. O compromisso oficial para 2025 era de déficit zero, com margem de tolerância de até 0,25% do PIB. Na prática, a meta passa a ser o próprio rombo, estimado em 31 bilhões de reais. E ele só deve ser “cumprido” no papel porque outros 43 bilhões de reais estarão sendo gastos fora da conta oficial. O episódio envolvendo os gastos com Defesa reacendeu o alerta sobre a fragilidade do arcabouço. “Esse precedente indesejável aumenta o

EDVALDO/AREBS

MARCHA Veículos do Exército: manobra do governo exclui gastos com Defesa

risco de novas excepcionalidades surgirem”, afirma Alexandre Andrade, diretor da IFI. O temor não é infundado. Já aprovado pela Câmara, tramita no Senado outro projeto de efeito igualmente corrosivo, que retira do alcance da regra fiscal as despesas com educação e saúde financiadas pelo Fundo Social do Pré-Sal — cerca de 1,5 bilhão de reais —, além dos gastos custeados por empréstimos internacionais.

O próximo presidente não terá apenas a tarefa de preservar a regra fiscal existente, mas de provar que ela ainda pode ficar de pé. Se nada for feito, o naufrágio das contas públicas será inevitável. A própria equipe econômica do governo Lula, chefiada por Haddad e Simone Tebet, ministra do Planejamento, reconhece encrenca no horizonte para 2027. O avanço dos gastos obrigatórios, impulsionado por pisos constitucionais e pela indexação de benefícios ao salário mínimo, ameaça estrangular o caixa destinado às despesas básicas. “Nenhuma regra vai funcionar se não mudarmos alguns dispositivos que pressionam o Orçamento", diz Fabio Giambiagi, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas.

Os pisos constitucionais da saúde e da educação, somados à vinculação do salário mínimo, tornaram-se incompatíveis com os limites de gastos impostos pelo arcabouço fiscal. Mesmo tendo reconhecido, no início do ano, que falta-

---

A CONTA DO PLANALTO

Despesas excluídas do cálculo fiscal em 2025 fazem o governo exibir um déficit bem menor do que o verdadeiro

O QUE OGOVERNO EXCLUIU DA META FISCAL

PRECATÓRIOS

40 BILHÕES DE REAIS

REEMBOLSOS POR FRAUDES NO INSS

3,3 BILHÕES DE REAIS

ESSAS DESPESAS FORAM RETIRADAS DO CÁLCULO OFICIAL DO RESULTADO PRIMÁRIO, O QUE REDUZIU ARTIFICIALMENTE O DÉFICIT APURADO

COMO ISSO IMPACTOU O RESULTADO

META OFICIAL PARA 2025*

Déficit zero, com tolerância de até 31 bilhões de reais negativos (equivalente a 0,25% do PIB)

RESULTADO FORMAL

Déficit de 30 bilhões de reais (0,24% do PIB)

RESULTADO REAL (COM AS EXCLUSÕES)*

Déficit de 73,5 bilhões de reais (0,6% do PIB)

NA PRÁTICA, O GOVERNO GASTOU MAIS DO QUE ARRECADOU E PRECISARÁ SE ENDIVIDAR PARA COBRIR A DIFERENÇA

COMPARATIVO HISTÓRICO

EM 2022, NO ÚLTIMO ANO DO GOVERNO BOLSONARO, AS CONTAS PÚBLICAS FECHARAM COM SUPERÁVIT DE

54 BILHÕES DE REAIS,

O EQUIVALENTE A 0,5% DO PIB

* Projeção

Fonte: *Tesouro Nacional*

rão cerca de 12 bilhões de reais para despesas discricionárias em 2027, o Ministério da Fazenda insiste em minimizar a gravidade do problema que ele próprio ajudou a criar. “Ainda há trabalho a ser feito no esforço de consolidação fiscal”, informou a pasta em nota a VEJA. E acrescentou: “O próximo mandato presidencial começará em 2027 com uma situação fiscal sólida”.

Até agora, o mercado ainda não precificou o risco de uma eventual paralisação de serviços públicos no próximo ciclo político por causa do desequilíbrio fiscal. Mas os analistas já voltam a atenção para a antessala do problema: o ano eleitoral de 2026. “Tudo indica que teremos uma expansão fiscal significativa”, afirma Felipe Tavares, economista-chefe da corretora BGC Liquidez. A nova proposta em discussão no governo para angariar popularidade é um programa de transporte público gratuito em todo o país. Independentemente do mérito, o que mais chama atenção é o custo da ideia: segundo a Confederação Nacional do Transporte, o impacto seria de 90 bilhões de reais por ano — quase três vezes o déficit máximo de 31 bilhões que o governo se esforça para conter em 2025. Não há espaço para acomodar tal despesa dentro do arcabouço fiscal, e a alternativa — romper novamente a regra — só aprofundaria o descrédito da política econômica. Resta ao governo encarar a realidade: sem uma reforma profunda do Orçamento e uma revisão séria dos gastos, o país continuará marchando rumo a um abismo financeiro. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

IRRESPONSABILIDADE

O absurdo da aposentadoria integral
para agentes de saúde

AS CONSTITUIÇÕES servem para estabelecer a estrutura fundamental do governo (Legislativo, Executivo e Judiciário), definir os limites dos poderes e das instituições, assegurar direitos e garantias individuais. Buscam conter o poder arbitrário. Finalmente, plasmam os princípios e valores básicos da sociedade e as condições para alcançar as aspirações nacionais.

Assim, emendas constitucionais precisam ter tramitação muito cuidadosa. Devem ser aprovadas em duas votações em cada casa do Parlamento. O tempo entre elas deve ser suficiente para permitir uma reflexão da sociedade e dos legisladores sobre a alteração. No Brasil, esse interstício é de quarenta sessões. Nos Estados Unidos, exige-se a aprovação de três quartos das assembleias legislativas estaduais. Leva dois anos ou mais para a aprovação final.

Aqui, a Constituição inclui regras típicas de leis ordinárias. A Carta Magna de 1988 anistiou dívidas de agricultores e pequenas empresas, alterou o regime jurídico dos servidores públicos, incluiu uma menção ao Colégio Pedro II, criou sete monopólios para a Petrobras e dispôs sobre o Instituto de Resseguros do Brasil. Diversas emendas estabeleceram o calote de precatórios, que são dívidas líquidas e certas do poder público.

Nos últimos anos, as emendas versaram sobre temas que não deveriam ter sido incorporados na Constituição. Os parlamentares se valeram de emendas constitucionais para instituir benefícios que, se concedidos por lei ordinária, seriam vetados pelo presidente da República, enquanto elas são promulgadas pelo Congresso. Foi assim na emenda que estendeu a igualdade de direitos trabalhistas para empregados domésticos. Costuma-se desprezar o interstício, aprovando-se a matéria em segunda votação poucas horas depois da primeira. Houve decisão que durou apenas alguns segundos. Uma barbaridade.

“O governo federal estima um déficit atuarial de 800 bilhões de reais ao longo dos próximos cinquenta anos”

Agora, a Câmara se valeu dessa artimanha para aprovar um trem da alegria, previsto na PEC 14/2021. Concedeu aposentadoria integral para agentes de saúde e endemias, cujos rendimentos serão reajustáveis nas mesmas bases dos funcionários da ativa. Tais servidores foram contratados por estados e municípios, geralmente sem a realização de concurso público. O benefício poderá ser concedido aos 57 anos para mulheres e 60 anos para homens, diferentemente dos 62 e 65 anos fixados, respectivamente, pela reforma previdenciária.

Esses funcionários são relevantes para o Sistema Único de Saúde, mas isso não justifica os absurdos privilégios. A Confederação Nacional dos Municípios calcula que a medida poderá custar 70 bilhões de reais para os regimes próprios dos municípios. O governo federal estima um déficit atuarial de 800 bilhões de reais ao longo dos próximos cinquenta anos. Não satisfeito com o trem da alegria, o relator foi mais longe. Anunciou que “nenhum prefeito e governador pagará nada. Estará tudo arcado pela União”. Quanta irresponsabilidade! O Senado tem o dever de restabelecer a moralidade e rejeitar essa proposta. ■

CLAUDIO GATTI

vejaNegócios
TOP30

RECONHECIMENTO Representantes das vencedoras: mais lucrativas que a média das empresas

CAMPEÃS DA CONSISTÊNCIA

Ao reunir a elite corporativa do país, a premiação TOP30 — As Melhores Empresas do Brasil, de VEJA NEGÓCIOS, ressalta a força da iniciativa privada

MÁRCIO JULIBONI

CONTRIBUIR para o crescimento da economia, gerando empregos e riqueza, é um desafio diário para as mais de 24 milhões de empresas brasileiras. A pesada carga tributária, os gargalos de infraestrutura e os juros altos, entre outros fatores, aumentam os custos operacionais e inibem os investimentos. O resultado quase sempre é a queda da rentabilidade. De 2022 a 2024, o lucro líquido total das 1 000 maiores companhias do país recuou 25%. Um seleto grupo, porém, exibiu uma resiliência notável e elevou seus ganhos em 19%. Esse time é composto pelas vencedoras da primeira edição do ranking TOP30 — As Melhores Empresas do Brasil, elaborado por VEJA NEGÓCIOS em parceria com a agência de classificação de risco de crédito Austin Rating, que desenvolveu uma metodologia exclusiva para identificar as companhias com o melhor desempenho em trinta setores. “Diante de circunstâncias muitas vezes adversas, a trajetória das empresas brasileiras é um ato de coragem”, afirmou Mauricio Lima, CEO da Editora Abril, que publica VEJA e VEJA NEGÓCIOS, na cerimônia de premiação, realizada em 31 de outubro no hotel Palácio Tangará, na cidade de São Paulo. “É justamente essa coragem que celebramos com a primeira edição do TOP30.”

Para chegar às vencedoras, a Austin Rating analisou um banco de dados com mais de 10 000 companhias e selecionou 2 079 que cumpriram os requisitos estabelecidos para ser elegíveis ao prêmio: ter publicado seus balanços em 2022, 2023 e 2024, apresentar patrimônio líquido positivo e gerar uma receita líquida anual acima de 100 milhões de reais. O objetivo de avaliar três anos de desempenho foi contemplar os negócios com a administração mais consistente.

Reunindo alguns dos principais homens e mulheres do universo corporativo do país, o evento também sublinhou a urgência de o governo adotar medidas estruturais que destravem o desenvolvimento, tais como o equilíbrio das contas públicas, a redução da carga tributária, a segurança jurídica e a defesa intransigente da iniciativa privada. A morosidade com que o poder público avança nessas questões, contudo, é

PELOTÃO DE ELITE

Conheça as campeãs de cada área

SETOR	EMPRESA
AÇÚCAR E ÁLCOOL	INPASA
AGRONEGÓCIO	3TENTOS
ALIMENTOS E BEBIDAS	AMBEV
ATACADO E DISTRIBUIÇÃO	CÁLAMO/GRUPO BOTICÁRIO
BENS DE CONSUMO	MILI
COMUNICAÇÃO	GLOBO
CONSTRUÇÃO	ACCIONA
EDUCAÇÃO	PUC-CAMPINAS
ELETROELETRÔNICA	ELECTROLUX
ENERGIA ELÉTRICA	CEMIG
FARMACÊUTICA	EMS
INFRAESTRUTURA	ECORODOVIAS
INSTITUIÇÃO ESPORTIVA	PALMEIRAS

SETOR	EMPRESA
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	WEG
MEIOS DE PAGAMENTO	ELO
METALURGIA E SIDERURGIA	TERMOMECANICA
MINERAÇÃO E CIMENTO	VALE METAIS BÁSICOS
PAPEL E CELULOSE	ELDORADO
PETRÓLEO E GÁS	PETRORECONCAVO
PLÁSTICOS E BORRACHA	VIPAL
QUÍMICA E PETROQUÍMICA	BAYER
SANEAMENTO	SABESP
SAÚDE	FLEURY
SERVIÇOS	LOCALIZA
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	TOTVS
TELECOM	TELMEX/CLARO
TÊXTIL E CALÇADOS	AZZAS 2154
TRANSPORTE E LOGÍSTICA	MRS
VAREJO	LOJAS CEM
VEÍCULOS E AUTOPEÇAS	MARCOPOLO

Fonte: *TOP30 – As Melhores Empresas do Brasil/VEJA NEGÓCIOS*

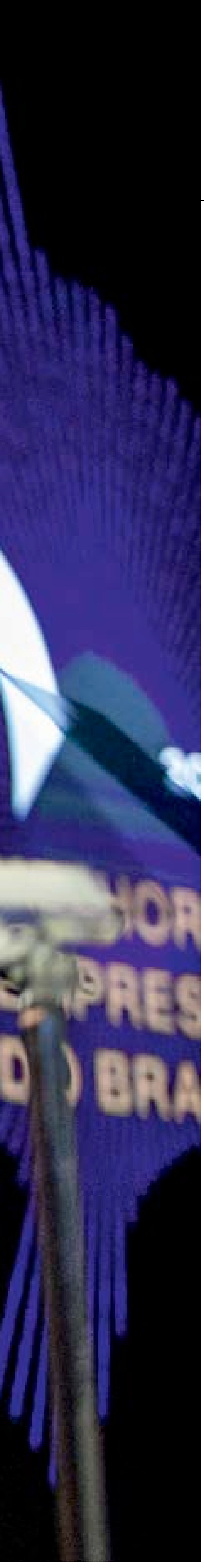
veja Negócios
TOP30

CLAUDIO GATTI

desanimadora. “Percebemos com desgosto que a maioria dos problemas continua exatamente igual”, disse Fábio Carvalho, chairman do Grupo Abril, durante a cerimônia. “Falta gestão na formação das pautas prioritárias do governo.”

Quando o poder público reduz seu peso sobre a economia e incentiva o capital privado, no entanto, os resultados aparecem rapidamente. É o que mostra a Sabesp, a vencedora na categoria saneamento e eleita também a Empresa do Ano do TOP30 2025. Privatizada em julho do ano passado, a companhia investirá cerca de 70 bilhões de reais até 2029, quando deve entregar a meta estabelecida em seu novo contrato: a universalização dos serviços de água e esgoto nos 377 municípios paulistas que atende. O montante equivale a tudo o que

ines249



vejaNegócios

CLAUDIO GATTI

ESTADO MENOR Tarcísio *(à esq.)* e Piani: o poder público deve apoiar a iniciativa privada

investiu ao longo de seus cinquenta anos como estatal. “Lutamos para fechar essa lacuna da universalização e para trazer dignidade, saúde e valorização ambiental”, disse Carlos Piani, presidente da Sabesp, durante a premiação.

Responsável pela desestatização da companhia, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, enfatizou a importância do capital privado para o crescimento do país: “Acredito muito no Brasil, porque acredito nas suas forças vivas que são as empresas”. De acordo com Tarcísio, “o papel do Estado é não atrapalhar os empresários”. Os sólidos resultados exibidos pelas vencedoras da primeira edição do TOP30 seriam replicados por inúmeras outras companhias brasileiras se o poder público compreendesse, de fato, esse papel. ■

TESTANDO LIMITES

Com a exibição de novas armas potentes, Putin dá demonstração de força e irrita Trump, em tom bélico que adia o fim da guerra com a Ucrânia

CAIO SAAD

NO ATAQUE Putin: aproveitando todas as brechas para avançar casas antes do cessar-fogo

VLADIMIR SMIRNOV/AFP

Sentado à mesa com veteranos de guerra em um elegante chá da tarde com direito a bolos finos, Vladimir Putin fez um anúncio que deu uma abrupta cortada no clima ameno na suntuosa repartição governamental: era quarta-feira 29 de outubro, e o presidente contou que a Rússia havia testado um portentoso torpedo de alta propulsão e capacidade nuclear que poderia alcançar, segundo a orgulhosa propaganda, o dobro da potência da maior bomba atômica já submetida à simulação de um ataque até então. “Não existe nada igual”, gabou-se o líder russo sobre o armamento batizado de Poseidon. Não satisfeito, uns dias depois exibiu o submarino nuclear onde o artefato ficaria alojado e ainda promoveu um ensaio com um míssil de cruzeiro de autonomia infinita. Toda essa demonstração de força, feita sob medida para o Ocidente ver, compõe uma calculada estratégia de Putin de testar limites e empurrar para frente o máximo que pode o desfecho do conflito com a Ucrânia, uma batalha que já se aproxima dos quatro anos e que, acredita ele, quanto mais durar, maiores ganhos pode trazer a Moscou.

Em um tabuleiro político tão belicoso, a jogada do russo não poderia colher outro resultado que não irritar Donald Trump. A bordo do Air Force One, antes de um muito aguardado encontro com o chinês Xi Jinping, o presidente americano, que se ressente de não ter conseguido mover uma única peça importante no intrincado xadrez, anunciou: já havia dado a ordem para a retomada de testes com

ines249

DMYTRO SMOLIENKO/NURPHOTO/GETTY IMAGES

DESTRUIÇÃO Marcas da recente incursão inimiga: Kiev vem perdendo terreno

armas nucleares, algo de que não se fala nos Estados Unidos desde o fim da Guerra Fria, nos anos 1990. Ninguém aposta em um conflito em que tais aparatos sejam de fato usados, mas o bateu-levou entre Putin e Trump não é acontecimento isolado nem fugaz. Ao contrário: faz parte de uma subida de tom que torna as costuras em torno da paz mais difíceis de serem tecidas. “Cada movimento de provocação russa serve a um propósito claro: pôr à prova a habilidade de americanos e europeus de coordenarem uma resposta conjunta, o que está longe de ocorrer”, avalia Christo Kostov, professor de estudos de guerra da Schiller International University, em Madri.

Nesse contexto de ânimos exaltados, uma cúpula prevista para juntar Trump e Putin em Budapeste, na Hungria, foi recém-cancelada após uma ligação entre o secretário de Estado americano, Marco Rubio, e o ministro russo das Relações Exteriores, Sergei Lavrov. A Casa Branca preferiu silenciar em relação ao recuo, mas o que se deixou ventilar é que, diante das tão divergentes posições, não valeria a pena colocar as engrenagens da diplomacia para funcionar em prol de uma reunião presencial que teria tudo para acabar como a do Alasca, três meses atrás, com palavras ao vento. “Putin deveria terminar com a guerra, que era para ter durado uma semana, em vez de testar mísseis”, falou Trump, envolvido em um debate sobre se fornece ou não os famosos mísseis Tomahawk à Ucrânia. O arsenal daria a Kiev a chance de atingir alvos em áreas mais remotas do território russo e poderia ser decisivo, só que o americano pisa no freio por saber que atiçaria com isso os mais belicosos instintos de Putin.

A cautela do presidente americano não significa que esteja jogando parado. Depois de mais uma recusa russa em criar condições para o cessar-fogo, Trump anunciou sanções às duas maiores companhias petrolíferas do país. Não é um golpe capaz de desacelerar a máquina da guerra, mas impõe ainda mais estragos à já bastante castigada economia local. A inflação, por exemplo, atingiu o patamar de 8% em setembro, o dobro da meta estabelecida pelo Banco Central. Por outro lado, até aqui a Rússia vem conseguindo driblar os prejuízos impostos pelas sanções — em grande medida, graças ao crescimento das exportações a China e Índia e à manutenção parcial da venda de commodities à Europa, incluindo no rol também petróleo e gás, dos quais o continente ainda depende. Além de contar com esse tipo de compensação, Putin vem trabalhando no limite da irresponsabilidade para evitar que a Rússia vá à bancarrota, segundo muitos analistas. “Ele paga trabalhadores e soldados com rublos que seu Banco Central pode imprimir na quantidade que bem quiser ou que seu serviço de impostos arrecada das empresas, algo não sustentável no longo prazo”, diz o economista Vladislav Inozemtsev, do Centro de Análises e Estratégias na Europa.

Do lado ucraniano, a guerra chegou a um ponto delicado. Até o fim do ano, o conflito terá custado ao país 360 bilhões de dólares, quantia superior ao PIB da nação governada por Volodymyr Zelensky. A escalada da conta racha os líderes da União Europeia, cujo aporte de dinheiro ao aliado só fica atrás do que desembolsam os americanos. Em recente reunião, expoentes do bloco não conseguiram chegar a um consenso sobre um novo empréstimo à Ucrânia, que seria garantido por ativos russos congelados. Como o montante fica sob os cuidados da Bélgica, que é contra a liberação dos recursos, por enquanto tudo fica como está: paralisado.

Aproveitando toda e qualquer brecha, Putin tratou de avançar uma casa na semana passada, ao despachar para a região ucraniana de Donetsk cerca de 170 000 soldados. Faltava ali à Rússia entrar na estratégica cidade de Pokrovsk, o que conseguiu agora. Com o inverno à espreita, e cada vez mais baixas de civis, o cenário exige um retorno a conversas que conduzam verdadeiramente à paz. ■

NADA COMO TER AMIGOS

Nenhum outro figurão das big techs é hoje tão próximo a Trump quanto Larry Ellison, o dono da Oracle – um laço que tem tudo para ser profícuo para as duas partes **AMANDA PÉCHY**

ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES

SOB HOLOFOTES Ellison observado por Trump no Salão Oval: “Ele é uma espécie de CEO de tudo”, elogiou o presidente

OS PRIMEIROS momentos do novo governo Donald Trump, antes mesmo de a faixa presidencial ser alojada sobre o estufado peito do mandatário, já deixavam claro: os geniozinhos do Vale do Silício, um conjunto de mentes criativas à frente das big techs que fazem girar a economia do planeta, não mais lhe torceriam o nariz, como era de costume. Algo esperado, dado que o poder naturalmente dissolve barreiras, mas mesmo assim causou espanto o lugar de destaque na posse, em 20 de janeiro deste ano, de figurões como Mark Zuckerberg, da Meta, e Jeff Bezos, da Amazon, compondo uma sorridente fotografia cuja imagem contém, claro, altos interesses: sob pressão por maior controle na internet, o que a turma do Vale busca é se beneficiar do pendor antirregulatório de Trump. Elon Musk, o todo-poderoso da Tesla, foi quem mais tinha até agora se aproximado do ocupante da Casa Branca, onde ganhou inclusive cargo simbólico, até ser defenestrado pela falta de espaço para dois egos tão inflados.

Menos estridente, mas nem um byte menos ambicioso, o integrante do grupo dos bilionários da tecnologia que agora mais laços mantém com o presidente é Larry Ellison, dono da Oracle — uma amizade que caminha de vento em popa sob o embalo de projetos de lado a lado, nos quais um pode dar uma boa mãozinha ao outro. Aos 81 anos, Ellison, que pinta o cabelo de louro e acaba de selar o sexto matrimônio ao lado da noiva meio século mais jovem, é conhecido por se dar mimos como a compra de

ines249

uma ilha no Havaí, que frequenta a bordo de sua coleção de iates. Ele já figurava no topo dos mais ricos do mundo, mas, após a volta de Trump, disputa com Musk palmo a palmo o pódio, que chegou a ocupar há poucos dias com fortuna de 319 bilhões de dólares, o dobro do que contabilizava antes da posse.

A disparada nos bilhões foi impulsionada pelos contratos recém-firmados com mais de 1 000 organizações do setor público, incluindo aí as vistosas agências federais, que passaram a usar serviços de software e computação em nuvem da Oracle. Também um polpudo acordo com o Departamento de Defesa acaba de ser assinado, vindo a se somar ao protagonismo que a empresa já tem no programa Stargate, joint venture das big techs com a Casa Branca voltada para inteligência artificial, justamente o nicho que está sendo decisivo para a atual boa fase da Oracle. Quando a iniciativa foi lançada, lá estava Ellison, no Salão Oval, muito bem recebido pelo anfitrião. “Larry é uma espécie de CEO de tudo”, derramou-se o presidente na ocasião.

Integrantes do círculo de Trump garantem que o que faz brilhar mesmo seus olhos em relação ao hoje amigão é sua estreia com tudo no ramo das comunicações. Ellison tornou-se relevante acionista da CBS depois de mandar o filho David, CEO da Skydance, arrematar por 8 bilhões de dólares a Paramount, empresa-mãe da emissora — um acordo ao qual a Comissão Federal de Comunicações, que regula a mídia americana, deu aval a pedido do presidente.

ines249

Agora, estão na mira a Warner, dona da HBO e do canal de notícias CNN, bem como uma fatia do TikTok, cuja compra da chinesa ByteDance está prevista para se concretizar até sábado 8.

Se tudo ocorrer como planejado, o bilionário Ellison terá em mãos uma poderosa rede social e duas das maiores organizações jornalísticas do país — expansão que Trump não apenas apoia, como celebra. “O governo dá todos os sinais de querer controlar a narrativa dos acontecimentos a seu favor, e nada melhor, nesse contexto, do que ter um aliado como esses na mídia”, afirma Roy Gutterman, especialista em comunicação da Universidade de Syracuse. Como seus colegas de big tech, Ellison, conhecido por atropelar rivais, a exemplo do caso em que contratou investigadores para espionar a concorrente Microsoft, alimenta suas megalomanias — das quais faz parte agora um vultoso investimento para transformar a cidade de Oxford na meca da tecnologia britânica. O Vale do Silício ficou pequeno para ele. E Trump concorda. ■

VILMA GRYZINSKI

A BOLHA DA ESQUERDA

A “secessão dos bem-sucedidos” e as reações à operação no Rio

---

NOS ANOS 1990, o acadêmico Robert Reich, que foi secretário do Trabalho na Presidência de Bill Clinton, criou a expressão “secessão dos bem-sucedidos” -em inglês, rima, *secesssion of the successful.* Expôs num artigo no *The New York Times* como as classes mais privilegiadas haviam criado bolsões correspondentes a seu estilo de vida: bairros com casas enormes, ruas com árvores, bons serviços públicos e uma espécie de identidade de pensamento. Essas comunidades, disse Reich, segundo a visão esquerdista, praticamente haviam declarado a secessão em relação ao resto dos EUA. Um novo estudo mostra que os bem-sucedidos também se concentraram desequilibradamente no Partido Democrata, a ponto de que, hoje, 75% dos distritos eleitorais mais ricos são governados pelo equivalente americano à centro-esquerda. Com isso, o Partido Republicano, historicamente dos estratos mais à direita e empreendedores, passou a ter uma grande representatividade entre a classe trabalhadora.

Um fenômeno paralelo acontece no Brasil. A gritante secessão se deu entre aqueles que, na definição de Reich, se concentram nas profissões voltadas para analisar e manipular símbolos – palavras, números e imagens visuais. São professores, advogados, cientistas, programadores, integrantes da imprensa e das múltiplas esferas do mundo do entretenimento. Sua reação à Operação Contenção pode ser resumida pela nota em que a Universidade do Estado da Bahia (Uneb) lamentou “profundamente as mortes decorrentes do massacre ocorrido no Rio”. Devido ao isolamento na bolha, nem uma palavra sobre os alvos da operação, inclusive três criminosos baianos acoitados no Rio. Ironicamente, no mesmo dia saiu a pesquisa AtlasIntel mostrando que, nos bairros do Alemão e da Penha, o apoio à operação foi de 87,6%: os pobres não aguentam pagar sobre todos os serviços “taxados” pelo crime *(veja a reportagem “A vida com medo”).*

“Precisamos da bravura de homens contra drones operados com base em vídeos vindos da Ucrânia”

ines249

É um número que precisa ficar cravado na mente de todo mundo que lida com informações e política em geral. Outra pesquisa mostrou que 68,8% dos cariocas apoiavam a intervenção – daí a maior nuance na cobertura midiática e o estado de tartamudez do governo. O pensamento das esquerdas, tal como resumido na nota da Uneb, vive em situação de secessão completa em relação ao povo de que se arvora defensor.

Num mundo normal, criminosos seriam legitimamente presos, julgados e condenados. A situação gerada pelo enquistamento de gangues em bairros cariocas é completamente anormal. A discussão que levou alguns programas de televisão a parecer mais perigosos para representantes das forças de segurança do que uma posição na linha de combate da Operação Contenção obscureceu uma obviedade: o estado de descalabro da criminalidade exige todas as formas de combate já utilizadas – operações de inteligência, reforma na vigilância de fronteiras, repressão aos “cooptados” dentro das fileiras da lei e uma bela ajuda da inteligência artificial. Sem falar no longo prazo: uma economia pujante, com mais oportunidades de trabalho bem remunerado, e educação muito melhor do que a atualmente oferecida. No curto, ainda precisamos da bravura dos homens que vão à guerra, enfrentando tiros de nove tipos diferentes de fuzis e drones operados com base em vídeos vindos da Ucrânia. Com todas as consequências terríveis de uma guerra. ■

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de Giovanna Fraguito

BARRIGÃO NA PASSARELA

Cansaço, que nada. Grávida de oito meses da primeira filha, **CAMILA QUEIROZ,** 32 anos, subiu na passarela toda prosa do barrigão e com um propósito. "Nem nasceu ainda e já desfilou duas vezes. Vou criar uma memória com ela e para ela", explica a atriz, que foi observada de perto na plateia pelo marido, o também ator Klebber Toledo. O batente incluiu duas trocas de figurino e uma caminhada de cerca de 1 quilômetro indo e voltando, com um sorriso estampado no rosto que não deixava entrever o tamanho do esforço. "Fiquei firme em cima do salto, com o coração prestes a sair do peito", conta ela, orgulhosa do feito.

INSTAGRAM @CHARTHOFICIAL

ines249

INSTAGRAM @NICOKEENAN

UM CASAL VITORIOSO

O embate era entre um candidato da extrema direita e **ROB JETTEN** *(à esq.),* 38 anos, que conseguiu vencer as eleições legislativas na Holanda agitando bandeiras progressistas. O jovem político, que já foi ministro do Clima, é abertamente gay e noivo de **NICOLÁS KEENAN** *(à dir.),* 28, integrante da seleção argentina de hóquei de grama. Nem aí para os conservadores, ele, que agora precisa trabalhar duro para tecer alianças e virar primeiro-ministro (é o favorito para o cargo), postou após a vitória: “Depois de muito esforço, discussões e sempre com a crença que temos um no outro, mostramos juntos: é possível”, celebrou Rob, em referência ao futuro marido, alheio aos haters de plantão.

ines249

DANIEL RAMALHO/AFP

PARA INGLÊS VER

Não faltou nada do programa típico de um turista de primeira viagem ao Rio de Janeiro no périplo do **PRÍNCIPE WILLIAM,** 43 anos. A caminho de Belém, onde vai participar da COP30, o nobre escolheu a cidade para entregar o prêmio criado por ele para enaltecer boas iniciativas na área ambiental. E aproveitou para circular pelo Pão de Açúcar e bater bola com uma criançada no Maracanã, não demonstrando lá muita destreza em campo e encerrando a partida com um suado gol de pênalti. A maratona teve ainda uma parada nas areias de Copacabana, onde tirou os sapatos e arregaçou a camisa social, inadequada para a abafada primavera carioca, para encarar um vôlei de praia só de brincadeira, sem marcação de placar. “Obrigado pela calorosa recepção”, agradeceu o *royal,* cercado por forte esquema de segurança.

INSTAGRAM @RODRIGOSANTORO

PÉ NO CHÃO

O ator **RODRIGO SANTORO,** 50 anos, viveu mais uma dessas metamorfoses de que tanto gosta durante as filmagens de *O Filho de Mil Homens,* longa baseado no livro homônimo de Valter Hugo Mãe, com estreia marcada para dia 19, na Netflix. Ao interpretar um homem solitário que mora em uma caverna quase sem contato humano, abriu mão da vaidade: deixou cabelo e barba sem verem a cor de uma tesoura, emagreceu 10 quilos e ainda se submeteu a um bronzeamento à base de maquiagem que definiu como "castigado". Depois, decidiu, aí ele mesmo, não usar sapatos no set. "Havia sandálias lindas, mas pensei: meu personagem anda descalço", conta ele, que, claro, machucou os pés, mas tudo bem. "Quando acabou, quem disse que eu queria botar sapato?", diz, desprendido.

ENTRANDO NUMA FRIA

A vida já andava dura para **VICTORIA BECKHAM,** 51 anos, que vem se estranhando com seu primogênito, Brooklyn, por discordâncias de matizes variados com a mulher dele. Agora, os maus ventos sacodem os negócios, com direito a disputa com uma empresa de cosméticos norueguesa, a Vendela Beauty, cujas iniciais são idênticas às de sua própria marca, VB. Ao arbitrar sobre o assunto, o juiz da normalmente gélida nação escandinava entendeu que a ex-spice girl não é famosa o bastante por lá para ter a primazia sobre as duas letrinhas. "Seguidores no Instagram e publicações em revistas internacionais não demonstraram presença efetiva em nosso país", pronunciou-se o órgão de patentes da Noruega. Resultado: um tremendo prejuízo, já que Victoria teve que remover todos os seus produtos da prateleira. ■

NEIL MOCKFORD/GETTY IMAGES

ines249

CLIMA DE DESCONFIANÇA

Em Belém, a COP30 encara a missão de implementar ações contra o aquecimento global em meio à desagregação geopolítica e às visões distintas sobre o uso dos recursos financeiros

ERNESTO NEVES

DIPLOMACIA Abertura da Cúpula dos Líderes, em Belém: esforço para retomar o multilateralismo para as soluções globais

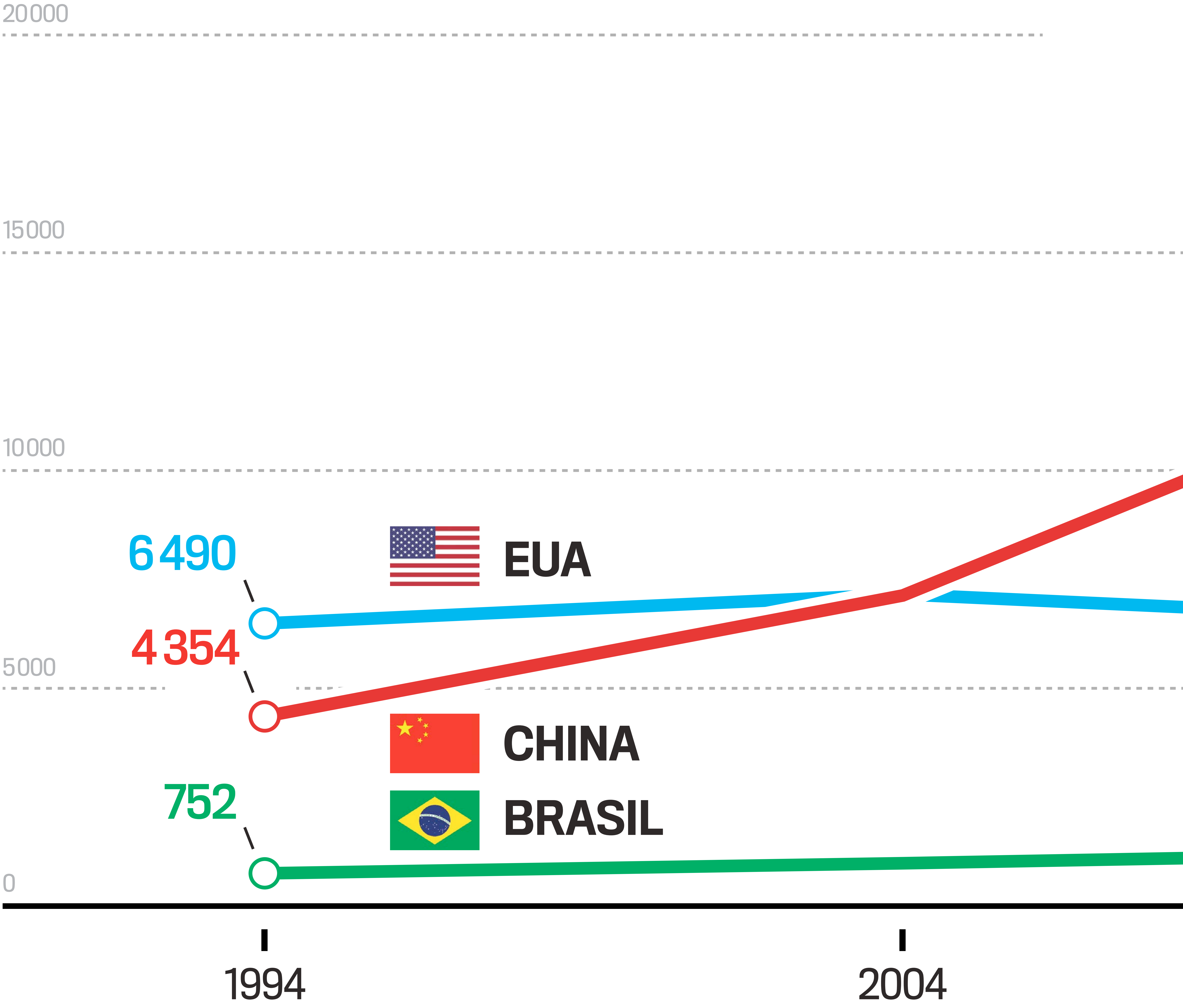
HERMES CARUZO/COP30

A Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30) começa na segunda-feira 10, em Belém, no Pará, tendo como pano de fundo desconfianças e discordâncias que ameaçam a essência das negociações sobre o aquecimento global: o multilateralismo, ou seja, a cooperação entre os países com o propósito de alcançar objetivos em comum. Desde o Acordo de Paris, em 2015, quando nações e blocos econômicos concordaram em agir em conjunto para conter a elevação da temperatura da atmosfera, não se percebia a ordem global tão dividida. As guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza, o acirramento da rivalidade entre Estados Unidos e China, o protecionismo comercial e a ascensão de governos populistas tiraram o tema do centro da agenda de países cruciais à implementação das ações necessárias para cumprir as metas climáticas.

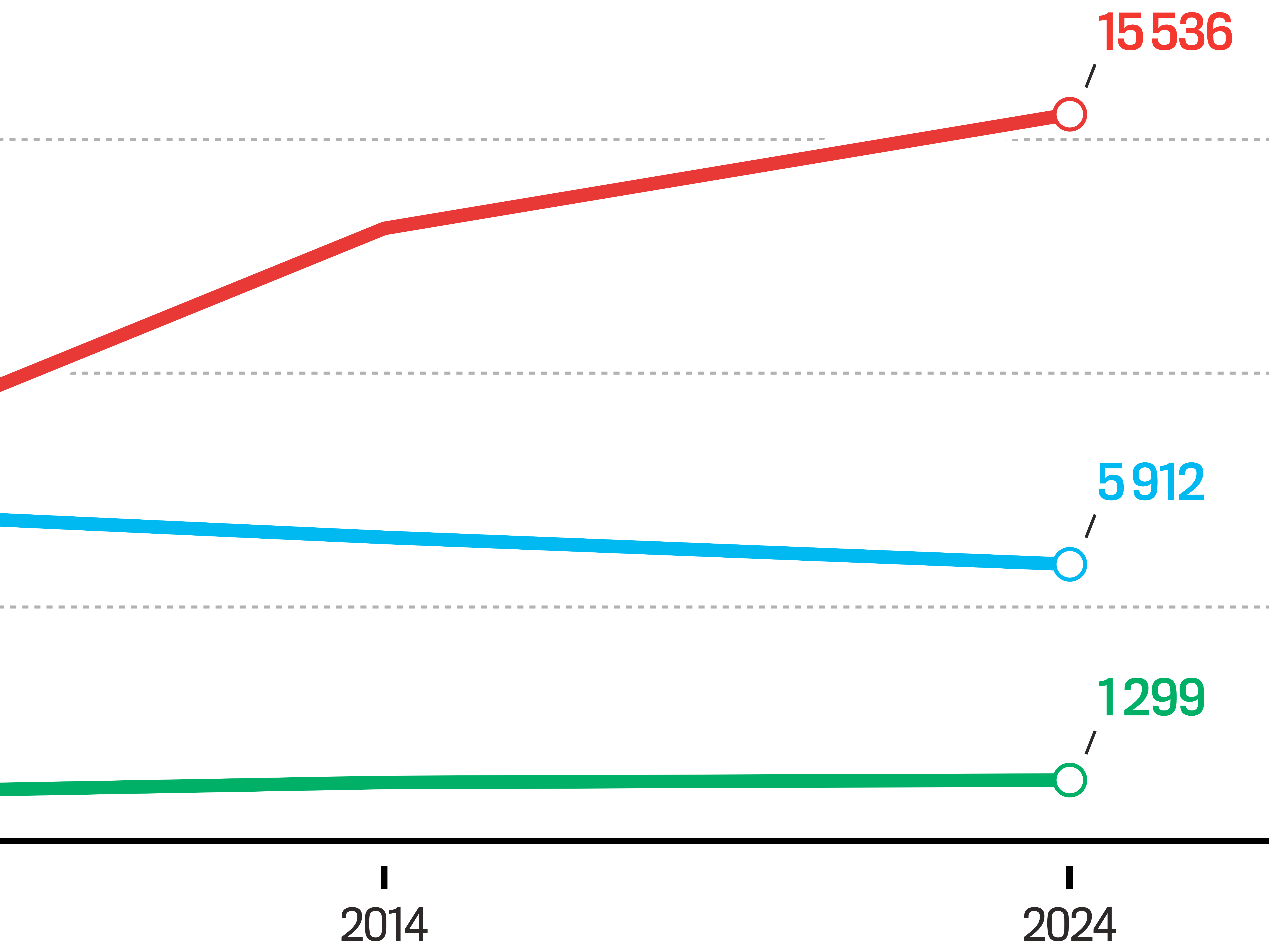
Diplomatas admitem que, mais do que uma disputa técnica sobre metas e prazos, a COP30 será um teste para medir até que ponto o mundo ainda acredita em soluções coletivas. Até quinta-feira 6, 149 delegações haviam reservado acomodações em Belém, de um total de mais de 190. Antes do início dos trabalhos, presidentes, premiês, membros de realezas e ministros de seis dezenas de países se reuniram na capital paraense para a Cúpula dos Líderes, que serve para sinalizar às delegações a tônica das discussões técnicas que devem ocorrer durante a COP propriamente dita.

DRAGÃO POLUIDOR

Nas últimas duas décadas, devido à sua rápida expansão industrial, a China superou os Estados Unidos como maior emissor de gases do efeito estufa. O Brasil foi o oitavo do ranking em 2024 (em milhões de toneladas de CO_2 equivalente)



Algumas ausências nesse encontro de líderes são significativas. O ditador chinês Xi Jinping designou o vice-premiê, Ding Xuexiang, para ir em seu lugar. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tampouco compareceu, como já era esperado, nem sequer enviou uma delegação para as negociações — reflexos da retirada dos americanos do Acordo de Paris. China e Estados Unidos são os maiores emissores de gases causadores do efeito estufa.



Fonte: *EDGAR-Emissions Database for Global Atmospheric Research, da Comissão Europeia*

Enquanto Trump classifica os alertas da crise climática como uma farsa, os representantes de Pequim desembarcam em solo amazônico preparados para defender suas metas de redução das emissões, consideradas modestas por muitos ambientalistas, e para realçar o fato de serem os maiores investidores em transição energética do mundo. Segundo o Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional, o país aplicou 625 bilhões de dólares em energia limpa em 2024, um terço do total global. Ainda assim, o carvão segue respondendo por cerca de 60% da geração elétrica nacional. Dessa forma, a China deve usar o encontro para se vender como a grande potência verde emergente, defendendo o direito ao desenvolvimento e questionando mecanismos que penalizam suas exportações, como o imposto europeu de carbono (uma taxa de importação baseada nas emissões que resultam da fabricação dos produtos). “O rumo da China será decisivo para o futuro climático do planeta. O país responde por um quarto das emissões globais. Se suas emissões atingirem o pico e começarem a cair, o mesmo ocorrerá em escala mundial”, diz o alemão Niklas Höhne, especialista em política climática do NewClimate Institute.

A atmosfera abafada de Belém carrega também outras incertezas. A União Europeia chega dividida, pressionada internamente por governos populistas e por setores industriais que resistem à adoção de metas de neutralidade de carbono até 2050. Representantes dos ministérios do Meio

NG HAN GUAN/AP/IMAGEPLUS

CONTRADIÇÃO Xi e Ding: país mais poluidor envia substituto para o encontro

Ambiente dos 27 países do bloco passaram a noite de terça-feira para quarta-feira, 5, debatendo até definir as metas de redução de emissões a serem apresentadas. Por pressão de países como Hungria, Polônia e Eslováquia, o acordo foi menos ambicioso do que se esperava. A França e a Alemanha, por outro lado, tentam reafirmar o papel do bloco como guardião do Acordo de Paris.

Já os países emergentes, liderados por Brasil, Índia, Indonésia e África do Sul, defendem que as nações ricas aumentem de 300 bilhões para 1,3 trilhão de dólares anuais os repasses para ajudá-los a cumprir suas metas climáticas. Os países em desenvolvimento também sofrem de desagregação e desconfiança: os governos da Argentina e do Paraguai, alinhados ao nega-

BRYAN BEDDER/GETTY IMAGES

DIVERGÊNCIA Bill Gates: ele prefere erradicar a malária a reduzir o aquecimento global

cionismo climático de Trump, por exemplo, decidiram esnobar a COP30 em seu país vizinho e parceiro de Mercosul.

A fervura das discussões aumentou ainda mais no último dia 28, quando Bill Gates, fundador da Microsoft, propôs uma abordagem alternativa para a crise climática. Ele defende que o foco não deve mais estar apenas na redução de emissões para conter as mudanças do clima, mas sobretudo em "melhorar vidas" nas regiões mais vulneráveis do planeta. A lógica do bilionário é a seguinte: se os esforços e os recursos gastos não estão sendo capazes de evitar o aquecimento global, seria mais efetivo direcioná-los para

COP30
LOCAL
C40 CITIES
WORLD MAYORS SUMMIT 2025

LUCAS SIMONIN/ATO PRESS/AG. O GLOBO

PRESSA Khan, prefeito de Londres: "Mostramos que é possível agir já"

preparar as pessoas para os seus efeitos, o que inclui adaptar-se à nova realidade e melhorar a saúde da população. Em um artigo, Gates afirmou: "Se eu tivesse que escolher entre eliminar a malária e limitar o aumento da temperatura global em 0,1 grau, eu deixaria a temperatura subir e erradicaria a doença". A reação foi imediata e polarizada: de um lado, empresários de tecnologia e investidores elogiaram o pragmatismo do bilionário como estímulo à inovação e à adaptação; de outro, economistas renomados como o americano Jeffrey Sachs consideraram o posicionamento "vago" ou até "contraproducente", alertando que não há uma troca simples entre combater a pobreza e reduzir emissões e que cada décimo de grau de temperatura importa.

O impacto dos questionamentos levantados por Gates revela a nova configuração da governança climática, cada vez menos centrada em governos nacionais e mais pulverizada entre setor privado, organizações não governamentais, grupos sociais e autoridades subnacionais. A COP30 reflete esse novo arranjo: apesar da ausência dos Estados Unidos como governo central, uma expressiva delegação de governadores e prefeitos americanos confirmou presença em Belém. Eles são capazes de transformar compromissos em ações concretas mesmo sem o apoio de Washington: transporte público elétrico, eficiência energética, gestão de resíduos e moradia sustentável são alguns exemplos.

Na segunda-feira 3, no Rio de Janeiro, uma Cúpula Mundial de Prefeitos reuniu mais de 300 líderes de cidades onde vivem 700 milhões de pessoas e geram um quarto do PIB global. Em conversa com VEJA, o prefeito de Londres, Sadiq Khan, afirmou que os centros urbanos não podem esperar a boa vontade dos governos nacionais: “Estamos mostrando que é possível agir já: reduzindo emissões, melhorando o ar que respiramos e criando empregos sustentáveis”. Em um debate climático fragmentado, iniciativas próximas ao dia a dia das pessoas podem fazer a diferença. ■

PATROCÍNIO GOVERNO DO PARÁ POR TODO O PARÁ JBS VALE

A *PLACAR* QUE VOCÊ CONHECE, AGORA NA PALMA DA SUA MÃO!

Disponível na App Store

DISPONÍVEL NO Google Play

NÃO PERCA TEMPO! ASSINE JÁ!

Placar
junho 2025
maio 2025
abril 2025
março 2025
Arquivos Placar
abril 1995

ZICO
EX-JOGADOR DE FUTEBOL

ACESSE:
MEMBROS.PLACAR.BR

UM PESO PARA O FUTURO

Pela primeira vez na história, o número de crianças com obesidade supera o de jovens com desnutrição, expondo a nova geração a drásticas consequências **VICTÓRIA RIBEIRO**

ALERTA INFANTIL Problema em expansão: mais de 7 milhões de jovens brasileiros têm obesidade

NATNAN SRISUWAN/MOMENT/GETTY IMAGES

DEPOIS DE ANOS sucessivos de avanços médicos e sanitários, que culminaram no aumento da expectativa de vida da população, a safra atual de crianças e adolescentes poderá ser a primeira a ter um destino menos longevo. E o principal motivo é a obesidade, que começa a se manifestar cada vez mais cedo. É o que preveem, de forma preocupante, especialistas em saúde pública. Se durante séculos o pêndulo se virava para o drama da desnutrição, agora ele oscila de maneira tempestuosa para o outro lado, o do excesso de peso, como aponta um levantamento recém-concluído pelo Unicef. Trata-se de um fenômeno inédito no mundo: enquanto o índice de desnutrição entre os mais novos caiu de 13% para 9,2% de 2000 a 2025, o de obesidade quase triplicou no período, saltando de 3% para 9,4%. É inversão histórica que se dissemina entre países ricos e pobres e põe o planeta em estado de alerta para diversas consequências, inclusive econômicas. O Brasil não foge à regra: por aqui, segundo dados do Ministério da Saúde, mais de 7 milhões de crianças e jovens de até 19 anos receberam diagnóstico de obesidade — apenas em 2024.

O planeta engorda em ritmo assustador — e de forma precoce. “Costumo dizer que é a doença da obesidade”, afirma o endocrinologista Bruno Geloneze, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A combinação entre a oferta de uma alimentação calórica e ultraprocessada e uma rotina sedentária tem sido terreno fértil para os pequenos engordarem. A biologia ajuda a explicar: nosso corpo, programado por milênios para sobreviver à

ines249

E+/GETTY IMAGES

RISCOS Doenças crônicas: propensão começa mais cedo

escassez, hoje vive cercado de calorias baratas, altamente palatáveis e embaladas em pacotes coloridos — uma combinação que fisga especialmente os mais jovens. Estudos indicam que esse padrão alimentar favorece o desequilíbrio metabólico. “São produtos que enganam a área do cérebro responsável pela saciedade”, diz Geloneze. Come-se mais e gasta-se menos energia. O resultado se vê na balança ou na circunferência medida com fita métrica — que acusa o tipo mais perigoso de gordura corporal.

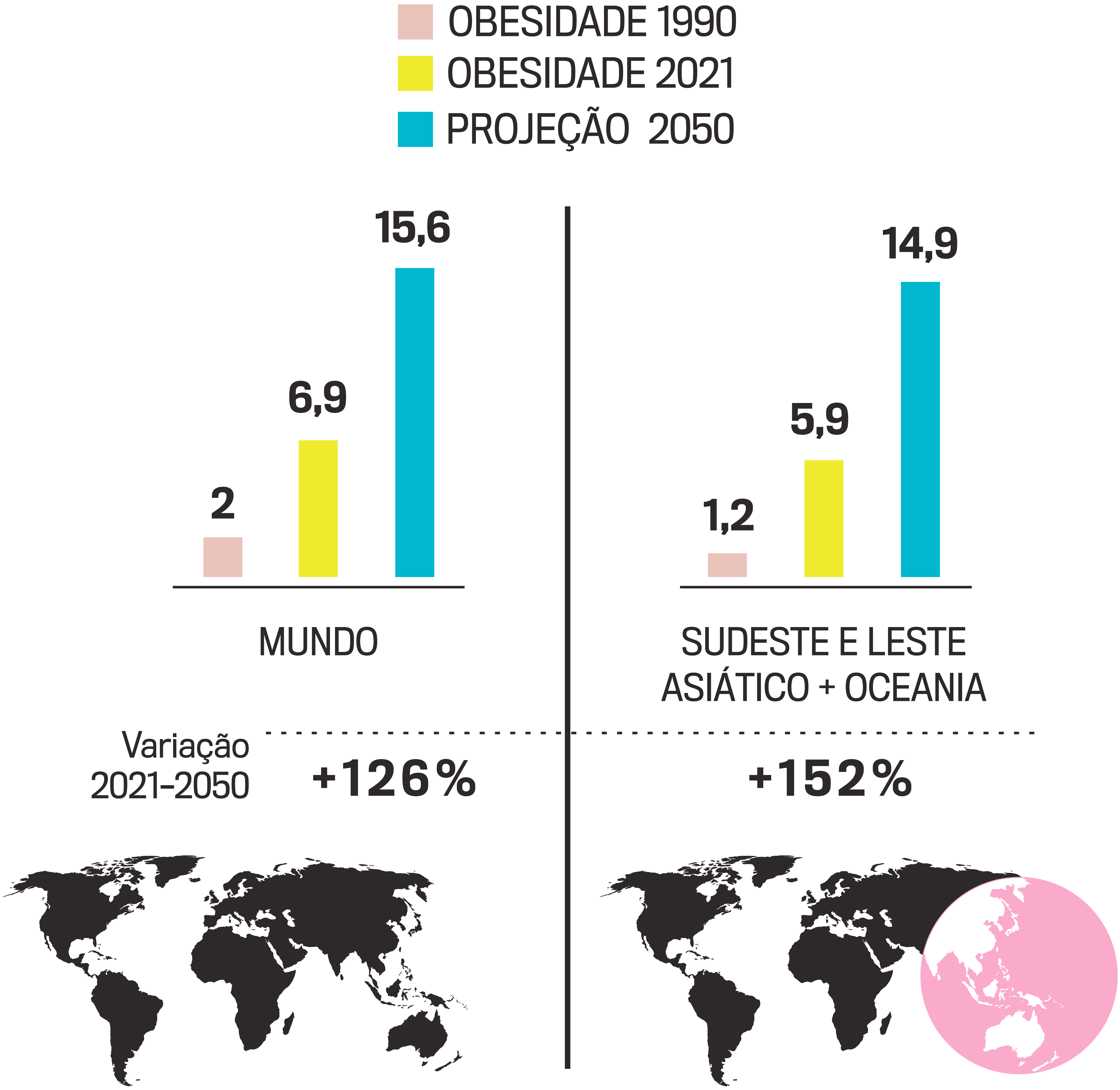
Se essa dinâmica antes ocorria apenas em nações desenvolvidas, como Estados Unidos e Reino Unido, agora o modelo foi exportado e atinge, de forma acelerada, regiões como a América Latina e a Ásia. Mas reduzir a obesidade infantil apenas à equação de comer demais e exercitar-se de menos simplifica uma complexa engrenagem fisiológica. Já existem evidências de que o excesso de peso pode começar a ser “programado” ainda na gravidez. Mães com obesidade ou diabetes gestacional tendem a dar à luz crianças com maior risco de engordar no futuro — uma alteração demarcada geneticamente. Além disso, a ciência tem provas de que o parto por cesárea, a falta de aleitamento materno e o uso desmedido de antibióticos na infância influenciam mecanismos que, em última instância, desregulam o balanço energético. Mais recentemente, outro fator sob holofote são os chamados disruptores endócrinos, substâncias presentes em embalagens plásticas, que chegam a interferir nos hormônios e contribuir para o acúmulo de gordura. "A obesidade não é apenas uma questão de escolhas pessoais. O buraco é mais embaixo", diz Geloneze, da Unicamp.

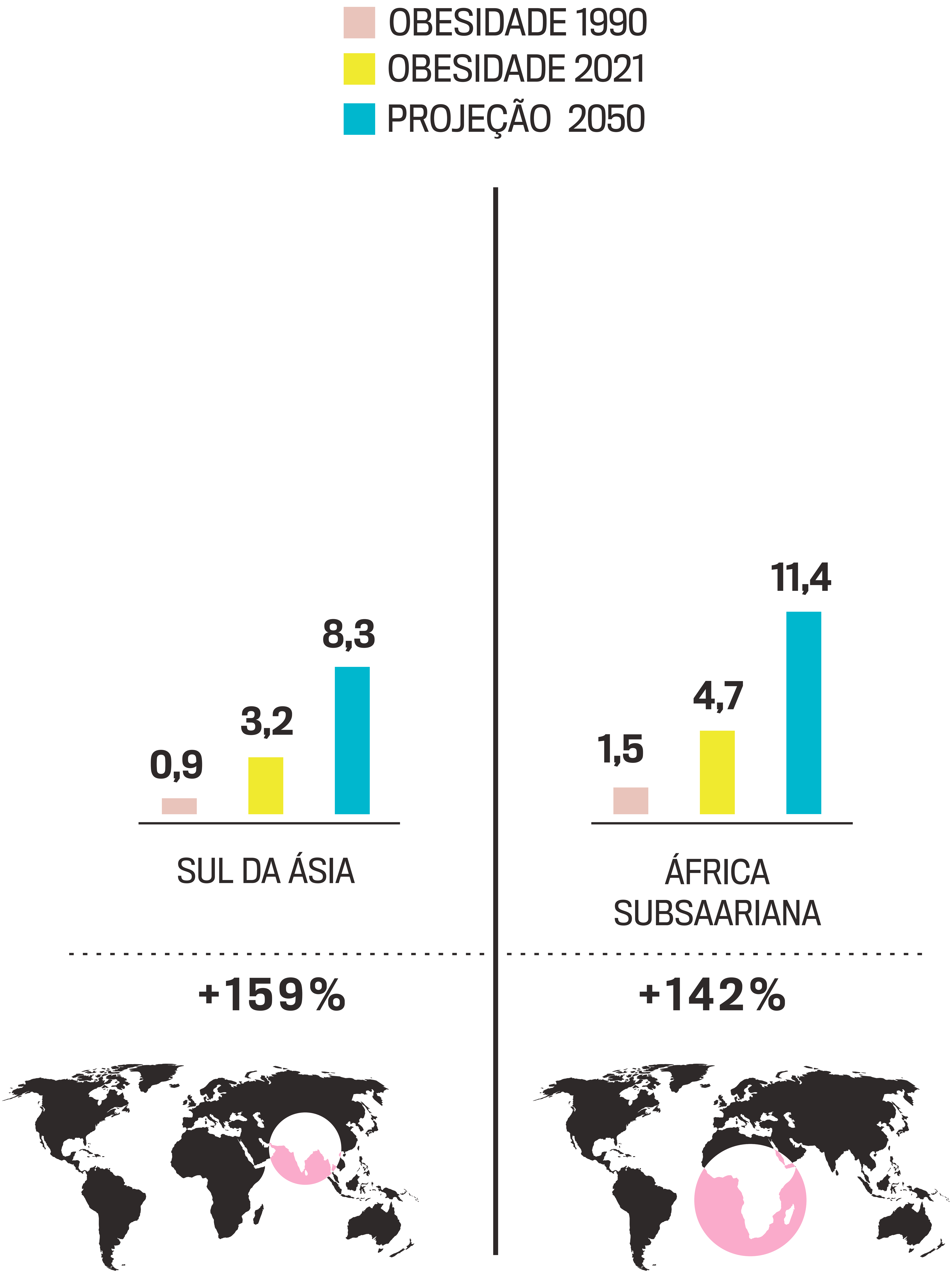
Um dos desafios que giram em torno do excesso de peso na infância é a própria percepção social do problema. A miopia começa em casa. Uma pesquisa nacional indica que 62% dos pais de crianças com sobrepeso acreditam que elas estão na faixa adequada. Em muitas escolas, as cantinas pendem para uma miscelânea de ultraprocessados. E nem dentro do sistema de saúde há um número suficiente de profissionais capacitados para lidar com a condição. "A ideia de que tudo se resume a um descuido ou à ausência de força de vontade ainda é muito viva", diz Luiz Cláudio Castro, presidente do Departamento de Endocrinologia Pediátrica da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia.

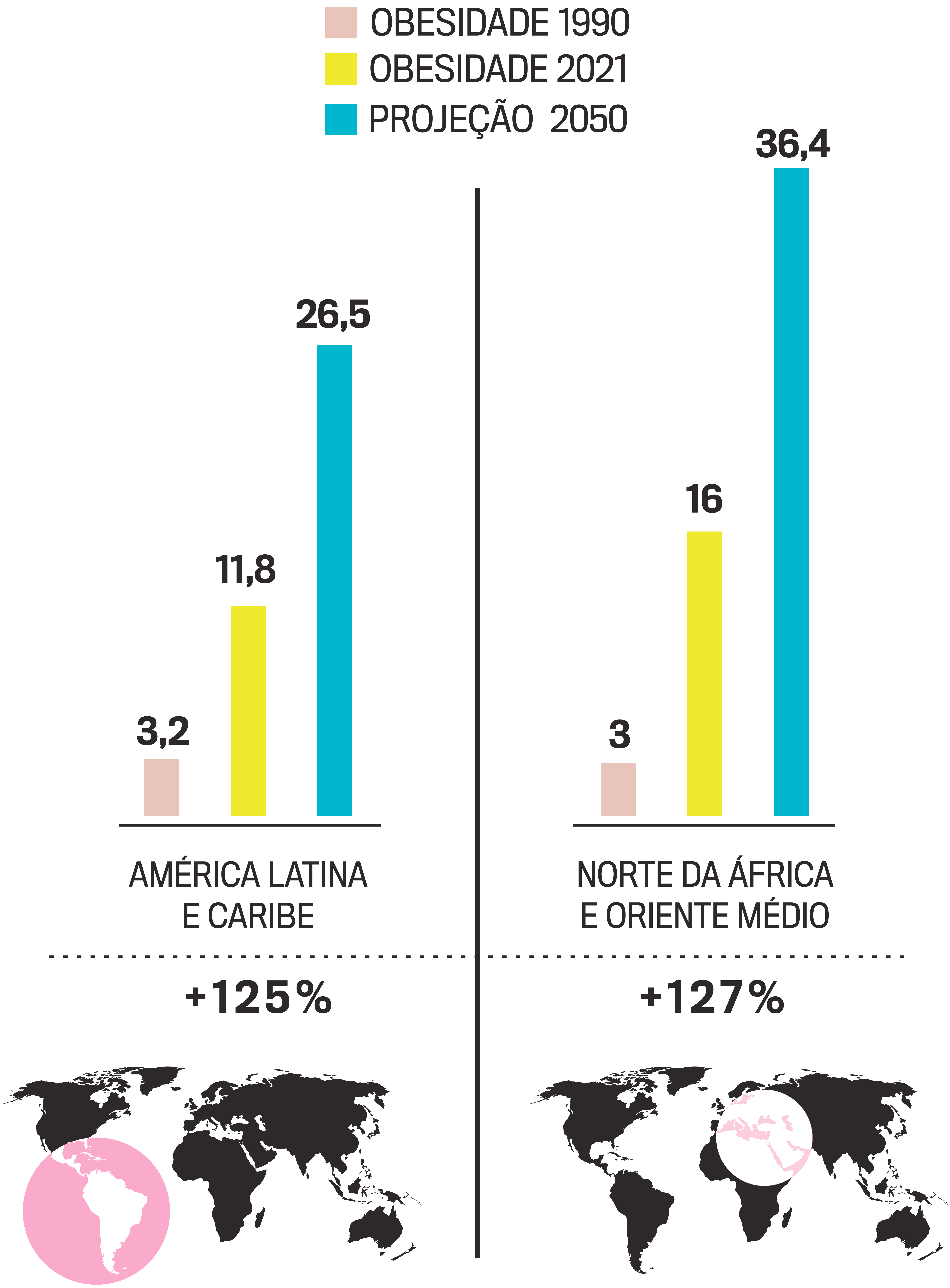
Mudar essa visão e reestruturar um amplo cenário é crucial para que a nova geração não perca qualidade e expectativa de vida. Isso porque crianças com obesidade têm mais chances de

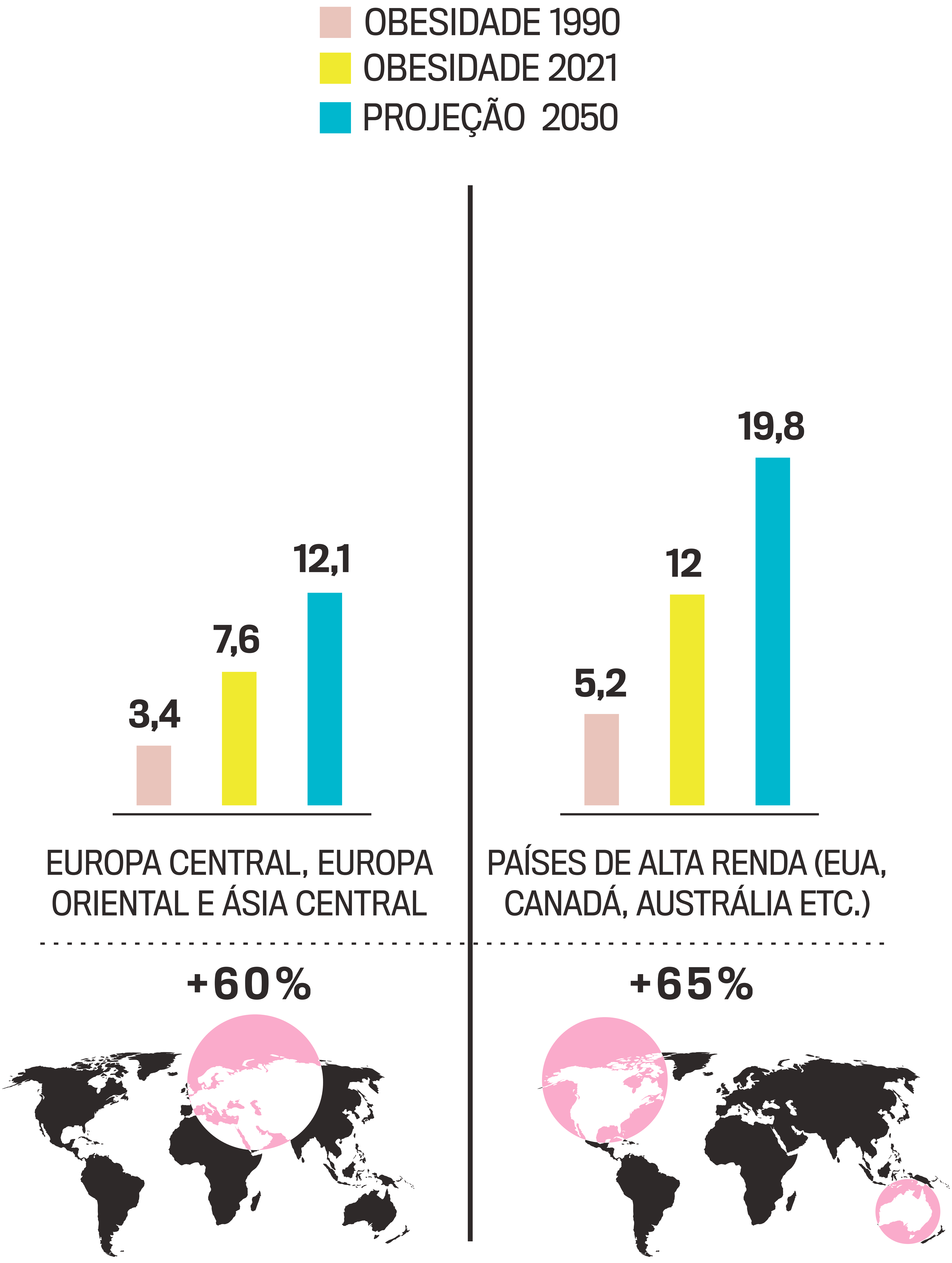
AMEAÇA GLOBAL

A obesidade infantil deve atingir mais de 185 milhões de crianças e adolescentes pelo mundo até 2050 (em % da população de 5 a 14 anos)




OBESIDADE 1990
OBESIDADE 2021
PROJEÇÃO 2050
0,9
3,2
8,3
SUL DA ÁSIA
+159%
1,5
4,7
11,4
ÁFRICA SUBSAARIANA
+142%


OBESIDADE 1990
OBESIDADE 2021
PROJEÇÃO 2050
3,2
11,8
26,5
AMÉRICA LATINA E CARIBE
+125%
3
16
36,4
NORTE DA ÁFRICA E ORIENTE MÉDIO
+127%



Fonte: *The Lancet*

se tornarem adultos acima do peso e uma propensão muito maior a desenvolver uma porção de doenças crônicas — que vão de diabetes e hipertensão a artrose e alguns tipos de câncer. Há também as repercussões psicológicas: baixa autoestima, bullying, isolamento, ansiedade e depressão. Um drama pessoal, mas também coletivo: a OMS estima que, até 2030, os custos globais associados ao excesso de peso podem atingir trilhões de dólares por ano — se continuarmos no ritmo atual, a conta chegará a exagerados 18 trilhões de dólares até 2060.

O Brasil até tenta segurar a maré com iniciativas que são referências internacionais para o cuidado infantil, como o programa de incentivo à amamentação e o guia alimentar adaptado aos pequenos, além do mais recente programa, Proteja, que reúne ações na atenção primária voltadas à prevenção da obesidade. Mas o desafio é enorme porque as crianças — aqui ou na China, por exemplo — hoje vivem no que os experts chamam de ambiente "obesogênico", propício a um superávit calórico. "Na prática, temos ações isoladas, mas dificilmente se altera um problema estrutural", afirma o nutricionista Mauro Proença, ligado ao Instituto Questão de Ciência. "Se a família mora numa região com escassez de alimentos saudáveis e abundância de ultraprocessados, mesmo que saiba o que é melhor para comer, terá grandes chances de optar pelo que não é o ideal."

Um raciocínio semelhante se aplica à carência de parques e áreas de lazer ou mesmo de ruas seguras em inúmeros municípios, hoje considerada uma barreira velada à prática

ISTOCK/GETTY IMAGES

O QUE PESA Alto consumo de ultraprocessados: efeito evidente

de atividade física. A onipresença das telas de smartphones e tablets, no recreio escolar ou dentro de casa, também suscita preocupação: as crianças ficam horas sentadas jogando games, navegando pelo TikTok ou assistindo ao YouTube — e ponto para o sedentarismo. Outro fator determinante, que se faz sentir tanto em escala planetária como nos limites de uma cidade, é a desigualdade social. Se a família mais pobre um dia sofreu com o fantasma da desnutrição, hoje ela encara a silenciosa ameaça da obesidade.

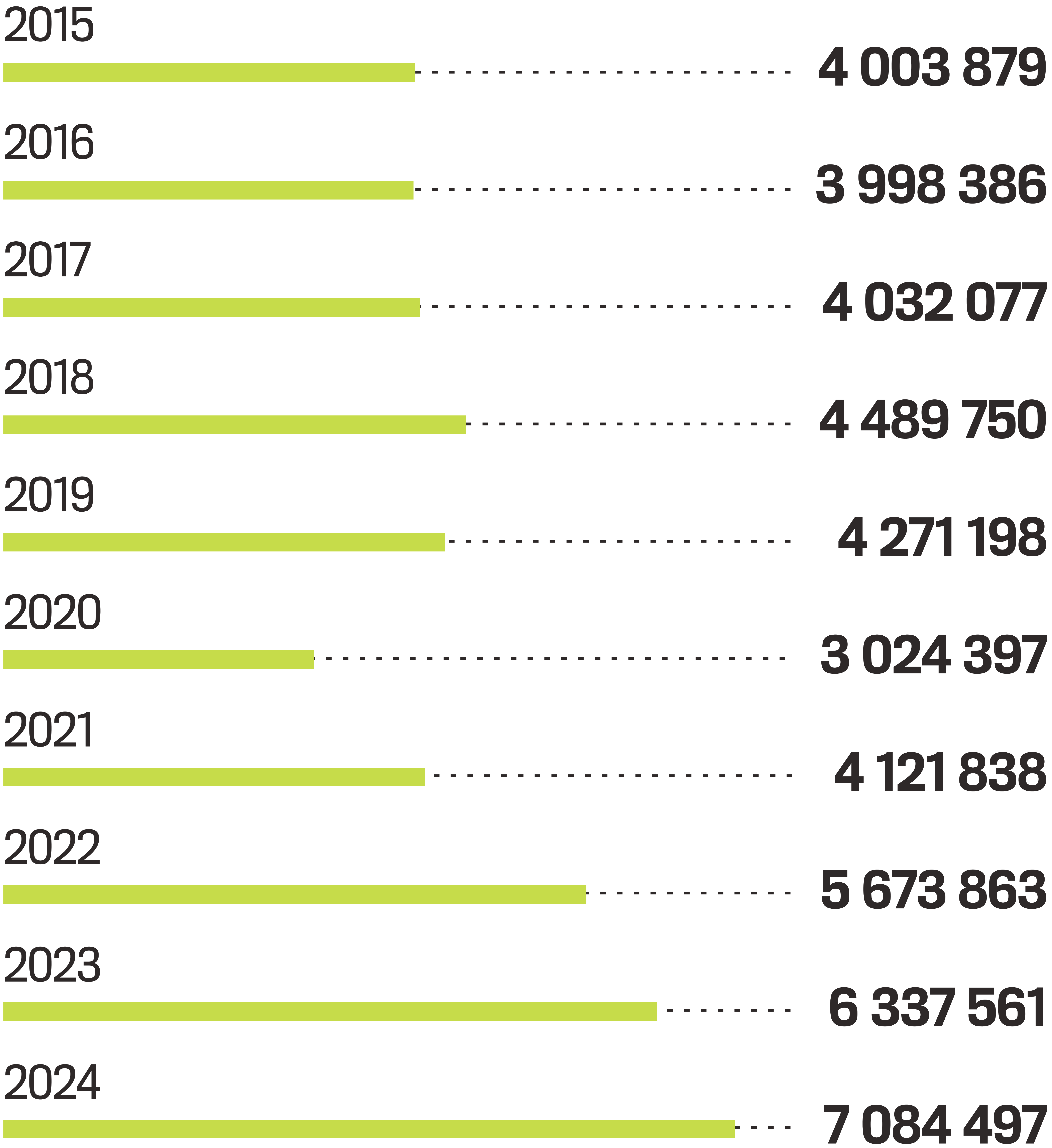
No fundo, a decisão do que se leva à mesa do lar não se baseia somente em preferências ou mesmo no salário. “Ela é influenciada pelo próprio sistema alimentar e por decisões econômicas”, diz a endocrinologista Maria Edna de Melo, coordenadora de advocacy da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. Na lógica atual, a comida nutritiva — inclusive a cesta de frutas e hortaliças — é também a mais cara. Seria preciso, portanto, rever uma série de subsídios e tributações a fim de levar em conta seu impacto na saúde da nova geração.

Nesta altura do debate, com a chegada dos novos medicamentos para perda de peso, representados pelas canetas de aplicação semanal, como Wegovy e Mounjaro, pode-se imaginar que a saída para o problema na infância também resida em remédios. A discussão, porém, é cheia de nuances e poréns. Fármacos como a liraglutida (de uso diário) e a semaglutida (semanal) já foram testados em crianças e adolescentes e demonstraram reduções moderadas de peso. Por ora, são indicados apenas após os 12 anos de idade. “Eles ajudam a controlar o apetite, servindo como suporte a um plano de reeducação alimentar, mas não são uma solução mágica”, ressalta Geloneze. Até porque o abandono do tratamento pode acarretar o retorno dos quilos perdidos. De qualquer forma, o acesso no Brasil é outro obstáculo. São medicações caras para boa parte da população e não disponíveis na rede pública — aliás, profissionais criticam a falta de opções medicamentosas para tratar a obesidade no SUS, sobretudo entre os pacientes adultos.

A verdade é que a obesidade infantil se tornou uma bola de neve para os sistemas de saúde. “Se não nos mobilizarmos hoje, a conta não fechará e teremos um problema insus-

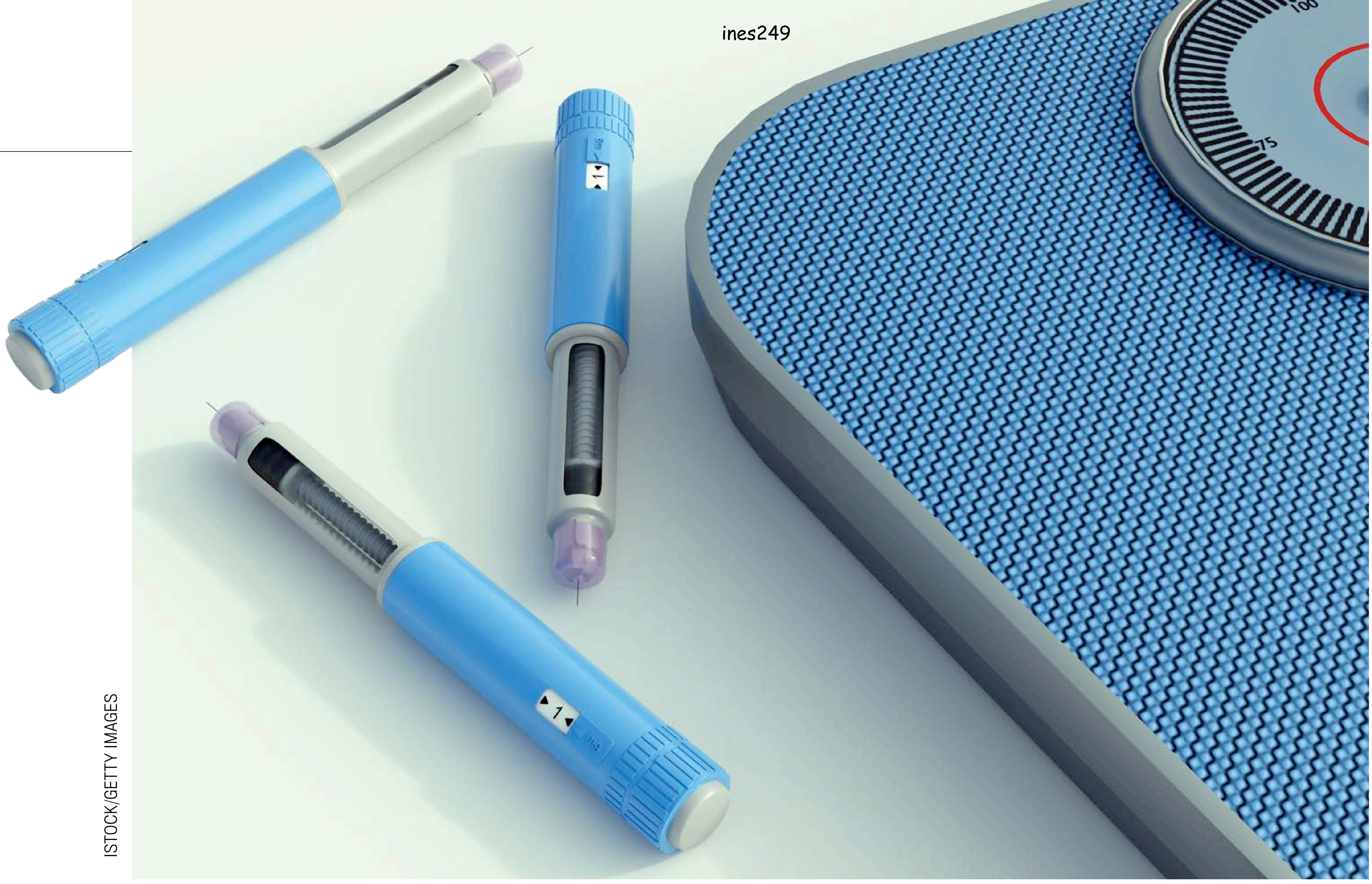
BRASIL NA BALANÇA

Em menos de uma década, o número absoluto de crianças e adolescentes com obesidade no país saltou 76,9% (em quantidade de casos)



Fonte: *Desiderata + Umane*

ines249



ISTOCK/GETTY IMAGES

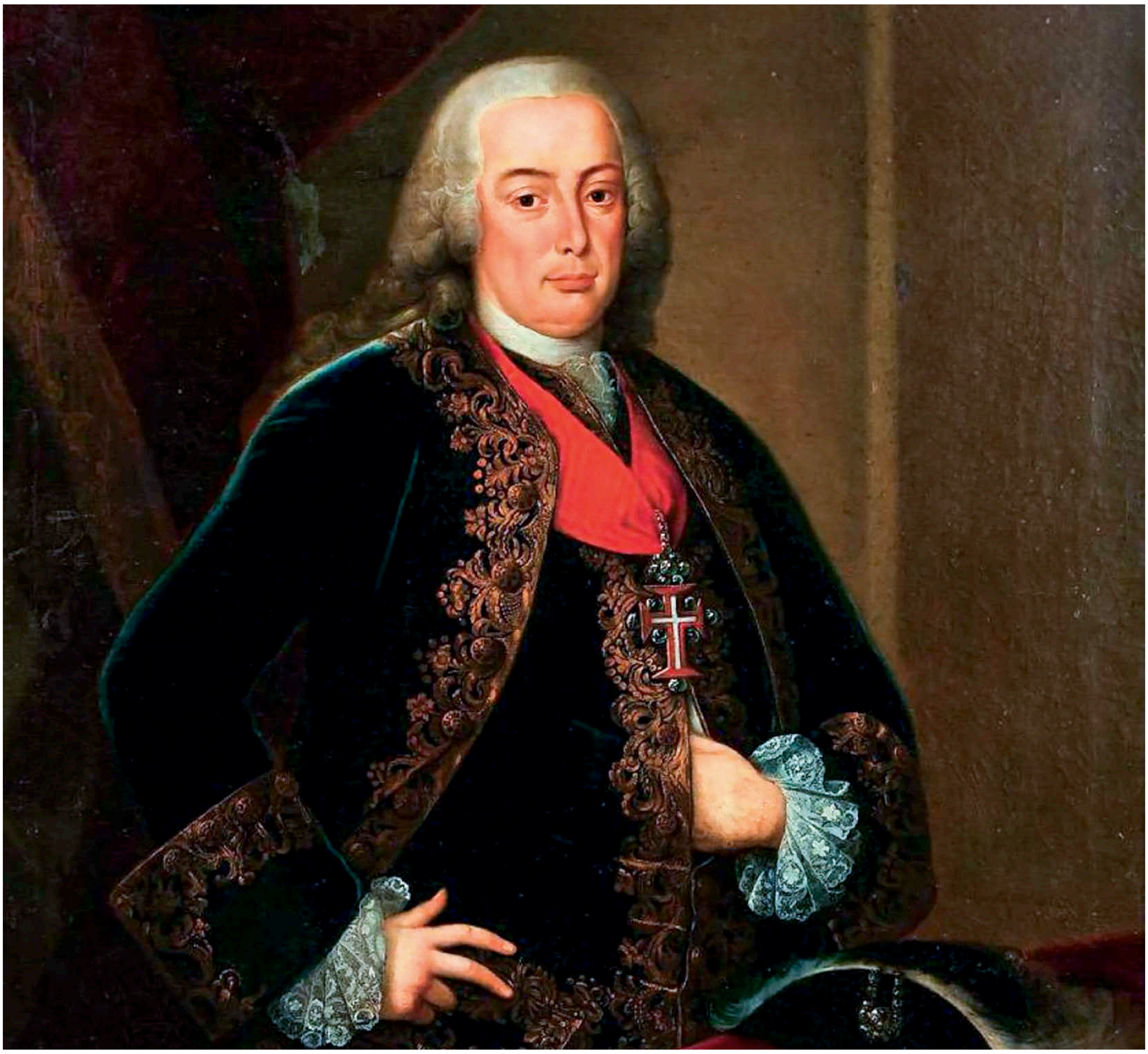
CANETAS Em debate: experts ponderam sobre uso de remédios na infância

tentável lá na frente”, afirma o endocrinologista Carlos Eduardo Barra Couri, pesquisador da USP de Ribeirão Preto. Uma condição dessa magnitude e complexidade exige, assim, um enfrentamento que permeie diversas frentes: educação alimentar, planejamento urbano, políticas públicas, sistema agrícola, questões tributárias... Contudo, é consenso que as famílias também podem buscar fazer sua parte e adotar pequenas medidas no dia a dia, com efeitos reais na balança — e na saúde. Valorizar refeições caseiras, resgatar o consagrado arroz e feijão e depender menos de produtos industrializados prontos são uma unanimidade entre os especialistas. Assim como estimular atividades e brincadeiras que envolvam movimento — de preferência, ao ar livre. E os pais, claro, precisam dar o exemplo. Afinal, o que está em jogo é o futuro de toda uma geração. ■

SEGREDOS POUCO NOBRES

Um recém-lançado livro traz um novo olhar sobre o Marquês de Pombal, que mandava tanto quanto o rei em Portugal e deixou marcas no país

AMANDA PÉCHY E **FLÁVIO MONTEIRO**

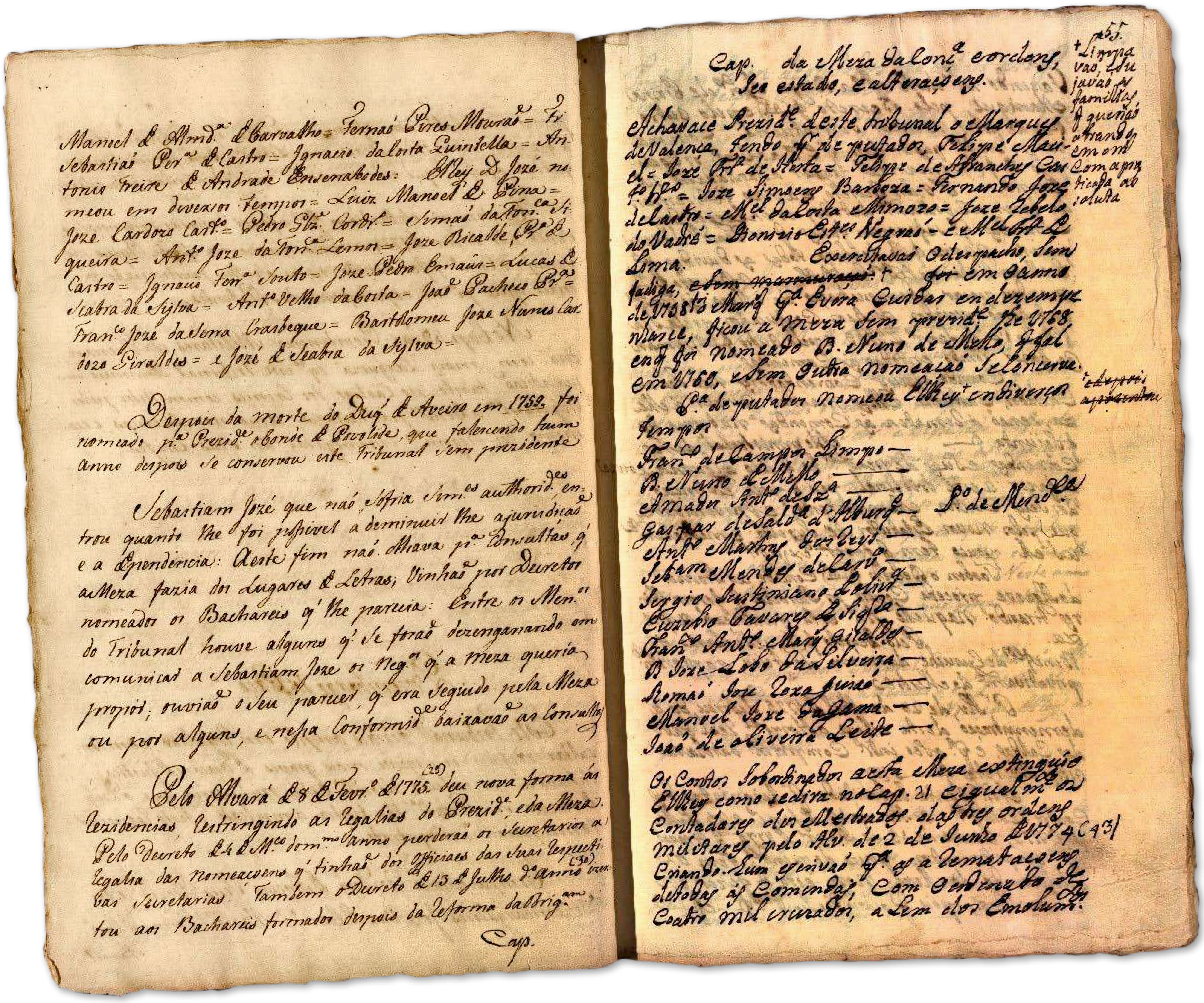


ART COLLECTION/ALAMY/FOTOARENA

TUDO PELO PODER Pombal: afeito ao Iluminismo, não hesitava ao eliminar rivais

O QUE NÃO FALTA no panteão da história são figuras controversas, daquelas que ganham estatura por um conjunto tão complexo de qualidades que é impossível alojá-las no escaninho do bem ou do mal. A esse vasto rol pertence Sebastião José de Carvalho e Melo, do qual quase todo estudante brasileiro em certa idade já ouviu falar, só que como Marquês de Pombal (1699-1782). Foi homem de grande astúcia, habilidoso na conquista de poder no antigo reino de Portugal, que acabou virando peça central no xadrez luso. Em seu apogeu, não se sabia quem mandava de fato — ele ou dom José I, o monarca em cujo ouvido sussurrava altos conselhos, em geral acolhidos tal e qual queria o marquês. Mas, como nada é tão trivial assim, ao mesmo tempo que tecia costuras para fortalecer a realeza, e a si mesmo, Pombal se deixava influenciar como nenhum outro em solo português pelos ventos do Iluminismo que sopravam da França, contribuindo para reduzir a autoridade do clero e da nobreza e encabeçando uma modernização do país que então teimava em olhar para o passado — ares que mais tarde chegariam ao Brasil Colônia.

Não é segredo que, para atingir seus objetivos, ele usava as armas a seu alcance para atropelar os rivais, mandando prender ou até eliminar quem via como obstáculo, e ia colhendo vantagens pessoais sem disfarce. O aclamado historiador contemporâneo português Pedro Sena-Lino enquadrou-o, não à toa, no bordão “mata, mas faz”. Entre os inimigos que colecionou ao longo da vida, um de-



Manoel de Almd.a de Carvalho = Fernão Pires Mourão = Fr.
Sebastião Per.a de Castro = Ignacio da Costa Quintella = An-
tonio Freire de Andrade Enserrabodes: ElRey D. Jozé no-
meou em diversos tempos = Luiz Manoel de Pina =
Jozé Cardozo Castr.o = Pedro Glz. Cord.o = Simão da Fon.ca Si-
queira = Ant.o Jozé da Fon.ca Lemos = Jozé Ricalde Per.a de
Castro = Ignacio Fern.a Souto = Jozé Pedro Emaús = Lucas de
Seabra da Sylva = Ant.o Velho da Costa = João Pacheco Per.a =
Fran.co Jozé da Serra Craesbeque = Bartolomeu Jozé Nunes Car-
dozo Giraldes = e Jozé de Seabra da Sylva =

Depois da morte do Duq. de Aveiro em 1759, foi nomeado p.a Prezid.e o Conde de Povolide, que falecendo hum anno depois se conservou este Tribunal sem prezidente

Sebastiam Jozé que não sofria Sem.es authorid.es entrou quanto lhe foi possivel a diminuir lhe a jurisdição e a Dependencia: A este fim não Baixava p.a Consultas q. a Meza fazia dos Lugares de Letras; Vinhão por Decretos nomeados os Bachareis q. lhe parecia: Entre os Men.os do Tribunal houve alguns q. se forão dezenganando em comunicar a Sebastiam Jozé os Neg.os q. a Meza queria propôr; ouvião o seu parecer, q. era seguido pela Meza ou por alguns, e nessa Conformid.e baixavão as Consultas q.

Pelo Alvará de 8 de Fevr.o de 1775.(29) deu nova forma ás Rezidencias, restringindo as Regalias do Prezid.e e da Meza. Pelo Decreto de 4 de M.ço do m.mo anno perderão os Secretarios a Regalia das nomeaçoens q. tinhão dos Officiaes das suas respectivas Secretarias. Tambem o Decreto de 13 de Julho d.o anno(30) isentou aos Bachareis formados depois da Reforma da obrig.am

Cap.

55

Cap. da Meza da Consc.a e ordens,
seo estado, e alteraçoens.

Achavace Prezid.e deste tribunal o Marquez de Valença, sendo seus deputados, Felippe Maciel = Jozé Fr.es de Horta = Felippe de Abranches Castel Br.co = Jozé Simoens Barboza = Fernando Jozé de Castro = M.el da Costa Mimozo = Jozé Rebelo do Vadre = Dionizio Esteves Negrão = e M.el Lobo de Lima. E correrão o despacho, sem fadiga, ~~e sem murmuração~~.+ foi em o anno de 1758 o Marq.s [illegible] Evora Cuidar em desempenhar-se, ficou a Meza sem presid.e the 1768 em q. foi nomeado D. Nuno de Mello, o q.al em 1760, e sem outra nomeação se conserva.

+ Limpa vão, e du javão as familias q. quenão [illegible] em [illegible] com a pre [illegible] ab soluta

Os deputados nomeou ElRey+ em diversos tempos

+ depois apresentou

Fran.co de Campos Limpo —
D. Nuno de Mello —
Amador Ant.o de Sz.a —
Gaspar de Sald.a d'Alburq. — P.o de Mend.ca
Ant.o Martins dos Reys —
Sebam Mendes de Carv.o —
Sergio Justiniano [illegible] —
Euzebio Tavares de Siq.a —
Fran.co Ant.o Marq.s Giraldes —
D. Jozé Lobo da Silveira —
Romão Jozé [illegible] —
Manoel Jozé [illegible] —
João de Oliveira Leite —

Os Contos subordinados a esta Meza extinguio ElRey como se dira no Cap. 21 e igualm.te os Contadores dos Mestrados das tres ordens militares pelo Alv. de 2 de Junho de 1774(43) Criando hum q. servião q. a [illegible] de todas as Comendas, com o ordenado de quatro mil cruzados, a lem dos Emolum.tos

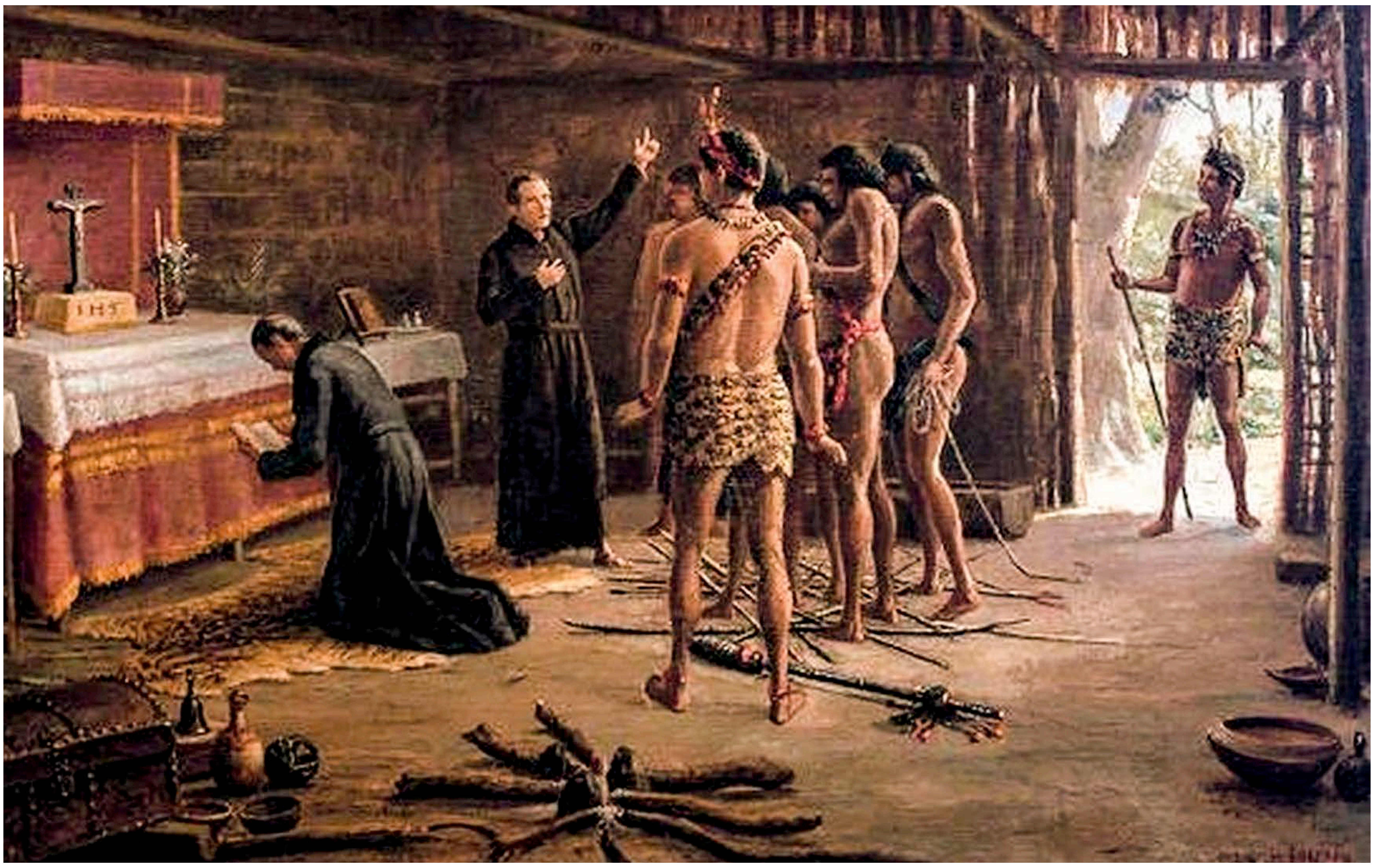
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

DO FUNDO DO BAÚ Documento de 1780: salvo por um incêndio em mosteiro baiano

les decidiu registrar em livro sórdidas revelações sobre sua trajetória — um documento de raro valor histórico por lançar nova luz sobre o personagem, que acumulava pó no arquivo do Mosteiro de São Bento, em Salvador. Descoberto por uma dupla de filólogos, Rafael Magalhães e Alícia Lose, da Universidade Federal da Bahia, pode ser lido agora por completo na recém-lançada em Portugal *Primeira Biografia de Marquês de Pombal*, ainda sem edição no Brasil. O volume é resultado de uma epopeia vivida pelos brasileiros que levaram a obra às prateleiras.

Foi em 2010 que, em meio a um incêndio no mosteiro baiano, o manuscrito apareceu, atiçando a curiosidade dos dois filólogos, que se lançaram por anos a fio em uma investigação para identificar sua procedência. “Não tínhamos ideia do ineditismo do material, um relato com tamanha riqueza e precisão de detalhes”, disse a VEJA Rafael. Depois de muita garimpagem, ele e Alícia chegaram ao nome do autor: José de Mendonça, que foi reitor da Universidade de Coimbra antes de ser alçado a cardeal-patriarca de Lisboa nos tempos de Pombal. O texto que agora vem a público elenca com tintas gritantes exemplos de como o marquês — um homem de méritos, segundo o cardeal — também se enredava em tramas bem pouco nobres, tendo sido acusado de abuso de poder e até assassinato. “Ele se manteve no cargo por 26 anos e seis meses com tanta autoridade que mais parecia rei do que empregado”, escreveu Mendonça.

O livro mostra como Pombal fez o que pôde para envernizar a imagem, inclusive deixando que se disseminasse uma fake news sobre sua origem: ele não era de Lisboa, como se acreditava até os dias de hoje, mas da pequenina Vila de Sernancelhe, ao norte do Rio Douro. Diretamente afetado pelas reformas pombalinas que subtraíram poder do clero, ao qual pertencia, o autor da biografia sustenta que os interesses do marquês se sobrepunham aos do reino, porém reconhece as transformações na estrutura administrativa e econômica que encabeçou sob o embalo do



ABBUS ARCHIVE IMAGES/ALAMY/FOTOARENA

FORA DAQUI Jesuítas no Brasil Colônia: expulsos por ordem do todo-poderoso

ideário iluminista. Passado o terrível terremoto de 1755, ele refez à sua feição o sistema de ensino português, dando caráter secular à Universidade de Coimbra, e incentivou o desenvolvimento comercial e manufatureiro, o que conferiu maior autonomia ao país em relação à Inglaterra. A partir desse ponto, o cardeal passa a traçar o retrato de um déspota que, embora esclarecido, era para lá de intrigueiro e perigoso, fazendo com que o rei “desconfiasse de todos os outros”.

Para lidar com opositores à sua agenda, relata o livro, Pombal fazia uso de “ações marcadas pelo recurso a métodos repressivos, visando tanto culpados como inocentes”. Um caso no qual nunca se mergulhou tão fundo é o do suplício do artista João Batista Pele, injustamente condenado por tentativa de assassinato do marquês e esquartejado em praça pública por ordem do próprio. Também está descrito ali o triste fim dos Távoras, uma das mais importantes famílias da nobreza, que deu de criticá-lo. Aí Pombal os acusou de atentar contra a vida de dom José, e tudo acabou em execução — com o marquês, aliás, se apossando de propriedades do nobre clã. O livro ressalta quão bom de networking ele era, promovendo casamentos lucrativos em sua família, sem nunca esconder a ambição de se fazer “senhor de todo o dinheiro da coroa”.

No Brasil, também deixou sua digital ao expulsar do país os jesuítas, para depois estabelecer por aqui o primeiro sistema de ensino público. É verdade que o marquês injetou gás nos negócios da colônia, permitindo a produção local de têxteis, mas, em paralelo, impôs tão elevados impostos sobre a extração de ouro em Minas Gerais que alimentou ressentimentos, deixando plantado o embrião da Inconfidência Mineira, em 1789. “Apesar de tantas polêmicas, Pombal é uma figura incontornável da história brasileira”, afirma o historiador Paulo Rezzutti. Os bons tempos duraram até 1777, quando a morte de dom José veio seguida da derrocada do marquês. Nas mãos da rainha Maria I, uma devota fervorosa da Igreja, Pombal perdeu os cargos e títulos honoríficos que acumulara, foi exilado e caiu em desgraça. Mas, mesmo após tantos séculos, o controverso personagem segue fazendo história. ■

ines249

ROMANTISMO Pico das Cabras, em Campinas: eventos para a família

INSTAGRAM @PICODASCABRASOFICIAL

PASSEIO PELAS ESTRELAS

Tendência global, o astroturismo, que propõe roteiros cujo objetivo é observar os astros longe da luminosidade das metrópoles, ganha força no Brasil

ANDRÉ SOLLITTO

O HOLANDÊS Vincent van Gogh (1853-1890), conhecido por pintar alguns dos mais belos registros do céu noturno em toda a história da arte, tem uma frase sobre sua admiração pelo céu pontilhado. “Não tenho certeza de nada, mas sei que a visão das estrelas me faz sonhar”, disse certa vez. O fascínio pelo brilho dos corpos celestes é compartilhado por milhões de pessoas que agora estão planejando suas viagens em família ao redor de destinos astronômicos, onde o céu é mais escuro, facilitando a visibilidade, e onde há observatórios preparados para receber os curiosos. A tendência, batizada de astroturismo, como é conhecido o movimento, ganhou tração internacional e começa a adquirir relevo também no Brasil.

Um levantamento feito pelo site especializado em dados *Statista* dá cor ao fenômeno. O mercado global da bonita atividade foi avaliado em aproximadamente 250 milhões de dólares em 2023, com crescimento estimado de 10% ao ano. Em 2030, baterá em 400 milhões de dólares. Há escassez de estatística sobre endereços brasileiros, mas informações de visitas aos parques nacionais, onde estão alguns dos melhores pontos de observação, indicam a presença de ao menos 12 milhões de ingressos nos parques propícios à brincadeira de gente apaixonada pelo que há lá em cima.

O Brasil, é bom reafirmar, tem muito a oferecer. Alguns destinos já são conhecidos pelo público interessado, como o Parque Estadual do Desengano, no Rio de Janeiro. Em 2021, tornou-se o primeiro lugar da América Latina a receber o tí-

INSTAGRAM @PARQUEESTADUALDODESENGANO

ESCURIDÃO Parque do Desengano, no Rio de Janeiro: destino celebrado

tulo de DarkSky Park, concedido pela DarkSky Association para locais de qualidade excepcional para noites estreladas. Em Minas Gerais, o Observatório do Pico dos Dias, coordenado pelo Laboratório Nacional de Astrofísica (LNA), o maior do Brasil, tem programação para turistas. Em Campinas, no interior de São Paulo, o Parque Pico das Cabras, onde fica o Museu Aberto de Astronomia, oferece experiências como a Virada Astronômica, em que famílias dormem no observatório. A Chapada dos Veadeiros e o Sertão nordestino também são outros pontos de destaque. Há atividades educativas também dentro das poluídas metrópoles. O observatório localizado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, por exemplo, faz eventos em que professores ensinam conceitos básicos de astronomia para crianças, mas nada de ar livre, porque o cinza decepcionante não autoriza.

Tudo muito bacana e romântico, mas há obstáculos. Como acontece com o turismo no Brasil de forma mais ampla,

ines249

CADU ROLIM/FOTOARENA

REFERÊNCIA Pico dos Dias, em Minas: maior observatório do país

a infraestrutura é barreira complicada. Faltam hotéis e pousadas adequadas. Além disso, some-se o desdém com políticas públicas, em parceria com a iniciativa privada, de redução da luminosidade indevida em centros urbanos, ainda que muitos sustentem o clarão em nome da segurança, e há aí um ponto real. Contudo, o espaço de crescimento é promissor. Um estudo publicado no periódico *Latin American Journal of Business Management* e assinado pelos pesquisadores Elieber Mateus dos Santos, Quésia Postigo Kamimura e Ademir Pereira dos Santos conclui que o Brasil tem uma "constelação de oportunidades" no astroturismo. "O país pode se consolidar como uma referência global em turismo sustentável, valorizando regiões estratégicas e promovendo o desenvolvimento regional de forma integrada e inclusiva", escrevem. Um bom conselho: se por vezes, nas bandas de cá, for difícil olhar para o chão, ante tantas mazelas e tanta pobreza, ante tanto descaso, o céu pode nos proteger. ■

A ÚLTIMA VOLTA

O GP de Fórmula 1 chega a São Paulo antecipando mudanças na categoria em 2026 – em movimento pensado para "democratizar" o pódio. A ver se funcionará **NATALIA TIEMI HANADA**

ACELERAÇÃO As regras para o ano que vem: carros menores, motores híbridos e promessa de mais competitividade

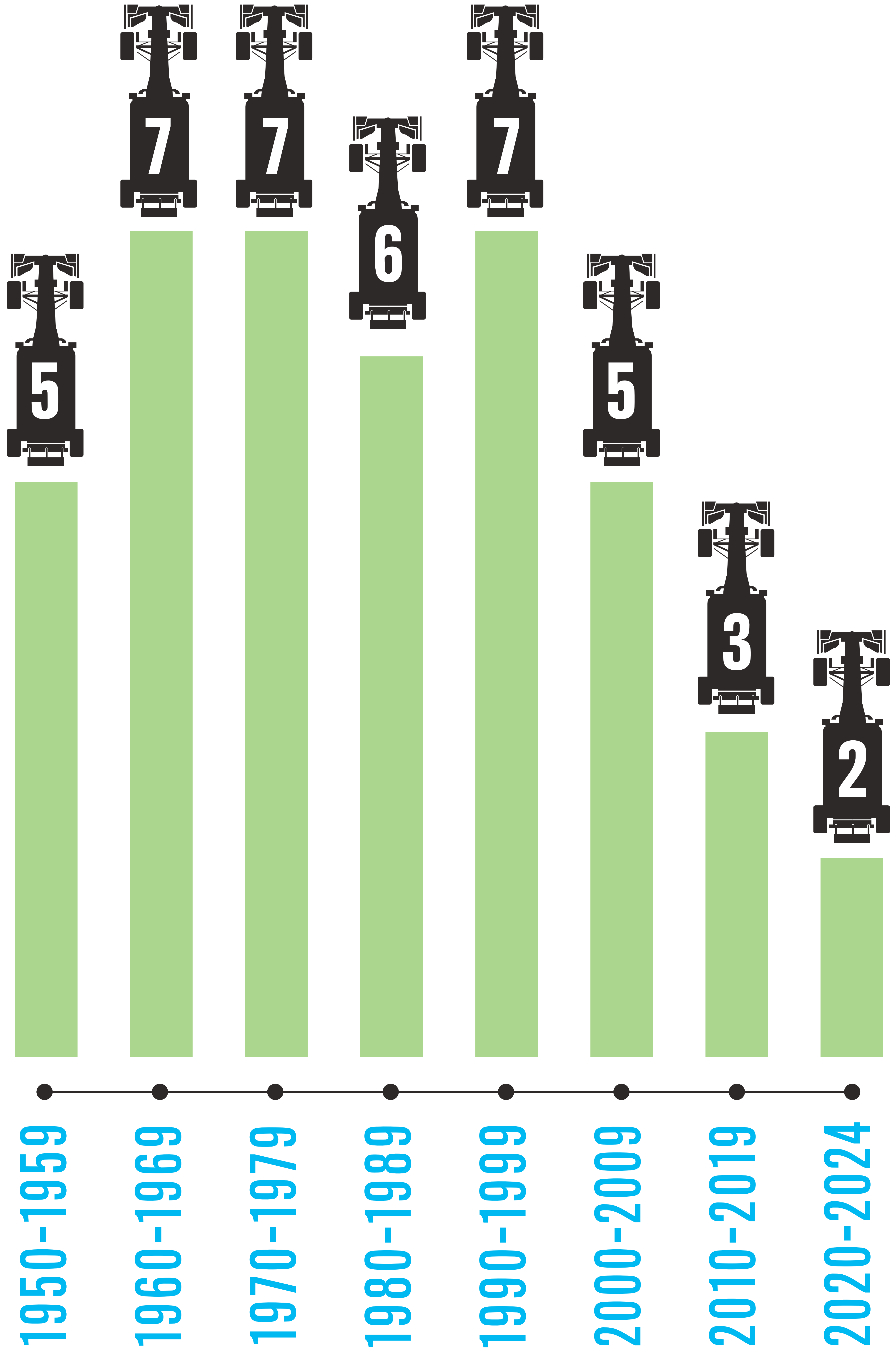
MARK THOMPSON/GETTY IMAGES

O GRANDE PRÊMIO de Fórmula 1 de Interlagos, em São Paulo, marcado para o fim de semana de 9 de novembro, terá neste ano uma característica peculiar — representa, em muitos aspectos, o fim de uma era na modalidade. Depois dele, ainda em 2025, haverá as disputas em Las Vegas, Catar e Abu Dhabi, e então adeus ao tempo do domínio de alguns poucos pilotos, pendurados em algumas poucas escuderias. Como exceção que confirma a regra, é possível que a atual temporada consagre a McLaren de Lando Norris e Oscar Piastri, mas não é improvável que o título volte a ficar com o holandês Max Verstappen, genro de Nelson Piquet, tetracampeão pela Red Bull, de 2021 a 2024. Antes deles, deu o britânico Lewis Hamilton, da Mercedes, em seis oportunidades — interrompido uma única vez no topo por Nico Rosberg, condutor de pedigree, companheiro de equipe.

Mas, afinal, por que é possível sinalizar um novo tempo, como se fosse a última volta de embates um tanto sem graça? A resposta: em 2026, a Federação Internacional de Automobilismo, a FIA, aprovou um pacote de mudanças que promete equilibrar o circo. Os carros serão menores, mais estreitos, com até 30 quilos a menos; os pneus também vão diminuir; o efeito solo, desenho que autoriza o fenômeno aerodinâmico a alimentar velocidade, será limitado. Além disso, em passo atrelado aos humores do mundo preocupado com as mudanças climáticas, o motor terá metade da potência vinda do componente elétrico, e a outra metade, da combustão. Do ponto de vista prático, do casamento das

ADEUS À HEGEMONIA?

Desde 2010, o número de campeões por década diminuiu — a ideia é que, a partir do ano que vem, haja maior variedade, como em temporadas passadas



Fonte: *FIA*

duas forças motrizes, os bólidos chegarão com menos potência ao fim de grandes retas. A saída será beber de estratégias, resultado de muito estudo e planos de corrida detalhados. Dito de outro modo, vai tudo começar praticamente zerado, igualando Davi e Golias. “É possível imaginar mais equilíbrio, mas não se deve desdenhar do risco de manutenção da desigualdade, porque toda grande mudança tende a manter o status quo”, diz Felipe Giaffone, automobilista e comentarista de televisão.

O movimento democrático é janela de oportunidade para Gabriel Bortoleto, o primeiro brasileiro do grid depois de oito anos. A Audi, de equipe e motor próprios, acaba de comprar a Sauber, que abriga Bortoleto. Pode vir surpresa no ano que vem, em decorrência natural de um 2025 esperançoso. Mesmo sem brigar no topo da tabela do campeonato de pilotos, a performance do sucessor de Felipe Massa chama a atenção. Seus 19 pontos somados até agora já superam os 4 que a dupla da Sauber conquistou na última temporada completa. No GP do México, ele largou em 16º e alcançou a zona de pontuação para terminar na décima posição. Celebre-se, também, nesse novo horizonte, o retorno da Ford, depois de 22 anos ausente.

Não se sabe, ainda, se as normas de fato entregarão variedade nas conquistas, mas espera-se que sim, em retomada de tempos muito mais interessantes, como os anos 1990 *(veja no gráfico ao lado),* em que os troféus passaram pelas mãos de sete nomes, de Ayrton Senna para Nigel Mansell, dele para Alain Prost, passando por Michael Schumacher,

ines249

RUDY CAREZZEVOLI/GETTY IMAGES

NA PISTA Gabriel Bortoleto: primeiro brasileiro na categoria desde Felipe Massa

Damon Hill, Jacques Villeneuve e Mika Häkkinen. Se isso acontecer, a popularidade da F1 tende a crescer — e não por acaso a Globo decidiu recomprar o direito de transmissão, em parceria com o SporTV, subtraindo a festa da Band. A diversidade de nomes, insista-se, seria a cereja de um bolo que, a rigor, tem crescido, desde que o conservador Bernie Ecclestone pediu o chapéu, cedendo a exploração das provas para o grupo americano Liberty Media, que inventou a série *Dirigir para Viver*, na Netflix, atalho para rejuvenescimento da marca, com aumento de 10% de audiência ao ano e aceleração do público feminino que, apenas em Interlagos, de 2021 para este ano, de acordo com os ingressos vendidos, saltou de 20% dos compradores para 37%. É bom indício para a bandeirada de novos tempos. ■

A SEGUNDA MÃO É UM LUXO

A turma da geração Z, atenta a questões de sustentabilidade, faz crescer o mercado de brechós, que virou negócio bilionário e segue evoluindo em ritmo forte **VALÉRIA FRANÇA**

FG TRADE/GETTY IMAGES

CUIDADO Jovens entre 15 e 28 anos: mais senso crítico e consciência ambiental fazem com que busquem alternativas

REVOLUÇÃO é palavra desgastada, mas há sim uma revolução em andamento no mundo da moda: o mercado de brechós deixou de representar economia alternativa para se tornar símbolo de transformação cultural e ambiental, além de negócio lucrativo com ações na bolsa. Virou sinônimo de estilo de vida conectado à sustentabilidade e à consciência coletiva. A virada de chave tem a ver com a combinação de dois movimentos. O primeiro: a urgência ambiental, no combate a qualquer tipo de desperdício, sobretudo em um setor que é o segundo mais poluidor do mundo, atrás apenas do petróleo, responsável por gerar 92 milhões de toneladas de resíduo têxtil por ano. O segundo ponto: a roupa de segunda mão representa a possibilidade de se vestir de forma autêntica, como quer a geração Z, formada por jovens entre 15 e 28 anos.

Relatórios da Boston Consulting Group (BCG) e da Vestiaire Collective, plataforma de usados de grife, mostram que 32% do guarda-roupa da juventude é de segunda mão, um percentual que sobe para 40% no Brasil. Diferentemente das gerações anteriores, a Z tem outra relação com os bens materiais. Priorizam a experiência, a flexibilidade e o respeito à Terra, e nada do luxo pelo luxo. É um consumidor que preza muito mais a liberdade do que o status. “Essa geração tem um forte senso crítico”, diz Bruna Vasconi, de 45 anos, sócia-fundadora do Peça Rara, brechó que nasceu em Brasília e hoje tem 130 lojas espalhadas pelo Brasil. “Eles só compram roupas novas quando esgotam

ines249

EVOLUÇÃO DOS USADOS

Como as roupas recicladas estão virando ouro na mão dos jovens

360 bilhões

DE DÓLARES É QUANTO O MERCADO GLOBAL DE REVENDA PREVÊ ATINGIR ATÉ 2030

10%

AO ANO É QUANTO O SETOR CRESCE, E ESTÁ SE EXPANDINDO TRÊS VEZES MAIS RÁPIDO QUE O DE VESTIMENTAS NOVAS

todas as possibilidades de encontrar a peça usada." Esses jovens também vendem nos brechós, depois, parte das próprias compras para conseguir renda extra e reinvestir em uma viagem ou trocar de celular.

É por isso que o mercado nacional de roupas usadas cresce 25% ao ano, com uma velocidade três vezes maior do que o de peças novas. Para aproveitar os bons ventos, o setor investiu na modernização. As grandes redes possuem etiquetas inteligentes, controle de estoque, comércio ele-

MARCELO SOUBHIA/AGÊNCIA FOTOSITE

INOVAÇÃO Coleção de Marcelo Sommer: estilista fez o primeiro desfile da SPFW com looks recriados

trônico, além de vender roupas em perfeito estado. Nada disso lembra o antigo “mercado de pulgas”, reconhecido pelo cheiro de naftalina e pelo característico amontoado de peças, etiquetadas com preços escritos a mão. Há, é claro, o empurrão das redes sociais. O formato de plataforma como o Instagram e o Pinterest valoriza a curadoria, com apoio em fotos criativas e ofertas baratas e imediatas. Eis a estratégia, por exemplo, da Enjoei, uma das maiores redes de comércio eletrônico da chamada moda circular do país.

O preconceito com as roupas de segunda mão ainda existe, mas é bem menor do que no passado. A mais recente edição da São Paulo Fashion Week, em outubro, trouxe para as passarelas um desfile inteiro com peças recicladas. Há mais de uma década focado no mercado circular, o estilista Marcelo Sommer fechou parceria com o brechó Capricho à Toa. De lá, partiram roupas que serviram de base para novas modelagens, que receberam intervenções com tecidos sustentáveis e rastreáveis da Lenzing Ecovero e da Têxtil Carmem. "Antes de colocar os modelos na passarela, 40% da coleção já estava vendida", diz Sommer, que faz uma coleção por ano. "O processo criativo é demorado, porque envolve pesquisa e desenvolvimento." Mas, como são peças únicas, acabam atraindo um público que gosta de exclusividade.

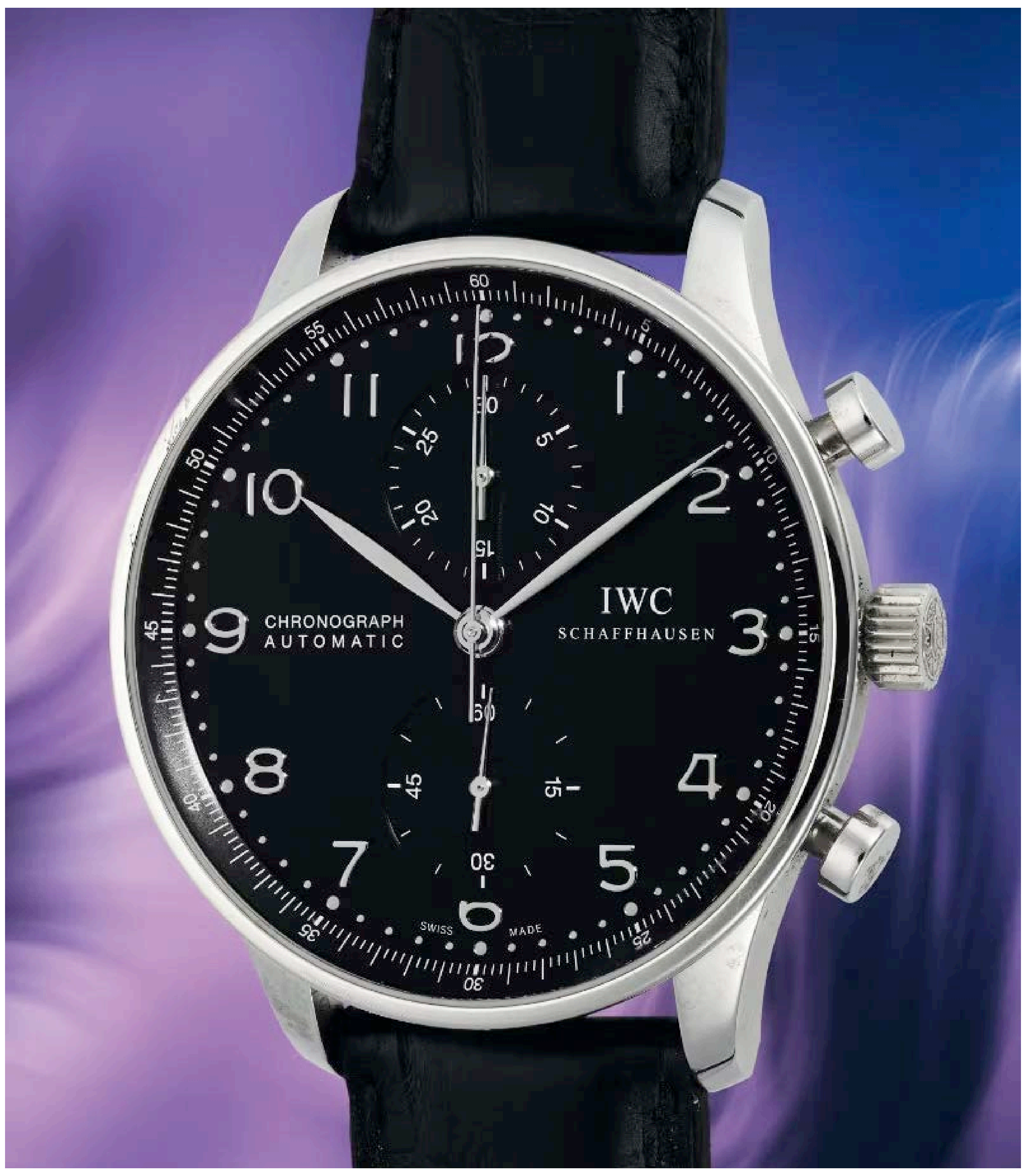
Estima-se que o faturamento global de segunda mão movimente entre 320 e 360 bilhões de dólares até 2030. "Nos Estados Unidos, onde doar faz parte da cultura, o setor cresce duas vezes mais que o brasileiro", diz Denise Pini, dona do Capricho à Toa, que está entre os mais antigos brechós do Brasil. Se houver dúvida na adesão à tendência, há quem faça contas: a produção de uma calça jeans consome pelo menos 5 000 litros de água. O argumento faz o preconceito de qualquer um ir pelo ralo. Como diz um clássico do cantor Belchior, é a velha roupa colorida — e ela nunca esteve tão em moda. ■

INSTAGRAM @PHILLIPSWATCHES

PATRIMÔNIOS À VENDA

O leilão dos relógios de Francis Ford Coppola, levados ao martelo para tirá-lo da bancarrota, representa uma tendência no mercado de objetos pessoais de famosos

SIMONE BLANES



PHILLIPS/BACS & RUSSO

PODEROSOS MODELOS Uma das peças suíças do diretor americano: para salvá-lo da megalomania

DARIA UMA excelente logline para um filme, aquela frase curta, de uma ou duas linhas, que resume a trama: Francis Ford Coppola está falido. A instabilidade financeira, aliás, esteve sempre no roteiro da vida do cineasta da trilogia *O Poderoso Chefão* e *Apocalypse Now*. Agora, o Armagedom pode ser posto na conta de *Megalópolis*, de 2024, épico de ficção científica que imagina os Estados Unidos como Roma em colapso. “Não tenho dinheiro nenhum”, disse em entrevista recente.

A produção custou 120 milhões de dólares, mas a bilheteria não chegou a 14 milhões de dólares. O diretor já havia posto à venda duas vinícolas de sua propriedade na Califórnia. Mais quebrado ainda, acaba de anunciar o leilão de sete relógios no início de dezembro. A joia da coroa foi desenhada por Coppola em parceria com o mestre relojoeiro francês François-Paul Journe, criador de apenas 800 peças por ano, que sozinho pode ir ao martelo por 1 milhão de dólares. A noitada de vendas não o salvará da bancarrota, tampouco o fará perder a hora, mas é símbolo de um interessante momento: a onda de famosos que se desfazem de objetos pessoais — muitas vezes por necessidade financeira, mas outras para esvaziar armários e tocar a vida com alguma (alguma, vá lá) frugalidade. Além da benemerência.

No ano passado, um leilão da memorabilia de Elton John — incluindo os famosos óculos e as celebradas botas — alcançou o equivalente a 100 milhões de reais. O dinheiro foi doado para entidades benemerentes no controle da aids. No

ines249

Brasil, a atriz Vera Fischer também organizou um lote de objetos pessoais, como pinturas e óculos, de modo a oferecer o valor da venda para o Retiro dos Artistas. Seria fácil, é verdade, atribuir a tendência ao gosto por conseguir alguma simplicidade e muito dinheiro para doação, motivos louváveis. Convém, contudo, enxergar o movimento do ponto de vista psicológico, especialmente para os compradores.

Por que, enfim, leilões de itens famosos geram tanto interesse? A resposta é óbvia: ter um bem histórico fascina. É o que o teórico da comunicação Walter Benjamin (1892-1940) batizou de “aura”. O conceito é simples. Um objeto de valor artístico e cultural tem aura própria, motivo pelo qual apreciar *Mona Lisa,* no Louvre, não é a mesma coisa que ver uma reprodução em casa.

DOAÇÃO Uma das chamativas botas de Elton John: pelo controle da aids

MAX MUMBY/INDIGO/GETTY IMAGES

CHRISTIE'S

ines249

INSTAGRAM VERAFISCHEROFICIAL

LEILÃO NAIARA SANTOS

AJUDA A atriz Vera Fischer e um de seus óculos: dinheiro arrecadado para o Retiro dos Artistas, no Rio de Janeiro

Há que se considerar, no jogo, este que agora será iluminado pelos relógios de Coppola, o interesse das grandes casas de leilões. Nos últimos anos, elas têm crescido com transações de coleções privadas, mais charmosas, de consumo mais imediato, e certamente midiáticas. Na Sotheby's, a maior casa de leilões do mundo, essas transações aumentaram 17% em valor no ano passado. Na Christie's, a segunda maior, o aumento foi de 41%; as vendas privadas representam hoje quase 30% da receita total, em comparação com apenas 12% há uma década. É o caso, portanto, de cravar: a necessidade é a mãe do leilão. ■

TADEU BRUNELLI/TBFOTO

AJUDEI NA REDEMOCRATIZAÇÃO

Aos 80 anos, a chef de cozinha Ida Maria Frank reflete sobre sua militância na juventude e sua atuação na política

A GASTRONOMIA sempre fez parte da minha vida. Desde criança lembro de ficar ao lado do fogão de lenha da casa. Mas só fui trabalhar no setor de alimentos bem mais tarde. Nasci na Bahia, filha de mãe brasileira e pai suíço, que veio ao país para trabalhar na produção de charutos. Meu avô, pai de minha mãe, era um personagem muito interessante. Coronel que tinha muitas terras na região, controlava o comércio de couro no Rio São Francisco. Curiosamente, durante a revolução de 1930, ele ficou do lado dos revolucionários. E tinha a proteção do grupo de Lampião por todas as vezes que acobertou o bando em suas terras.

Quando criança, estudei em uma escola católica. Nessa época, ainda menina, ajudava os padres e as freiras nos finais de semana, quando eles levavam comida e outros mantimentos para as comunidades de Alagados, que viviam sobre palafitas. Não era uma atividade obrigatória, mas eu gostava de estar presente. Vi famílias inteiras dormindo em uma única cama e aquilo me deixou impactada. Na faculdade, no final dos anos 1960, militei em organizações de esquerda, primeiro na Ação Popular, depois no Movimento de Libertação Popular, de resistência à ditadura. O princípio era o entendimento da democracia como valor universal.

Por conta da minha militância, fui perseguida pela ditadura. Da primeira vez, eu e meu então marido, o professor de história István Jancsó, conseguimos fugir. Um agente da Polícia Federal foi até a universidade pegar o endereço de algumas pessoas, inclusive o nosso. O bedel escutou o pedido e estranhou. Ao chegar em casa, foi aconselhado pela esposa a nos avisar. Assim, conseguimos fugir. Ficamos um ano em Paris. Na volta, fomos presos. Durante duas semanas, sofri torturas físicas e psicológicas. Lembranças daquele período sumiram da minha memória. Ainda bem. Penso que, de alguma forma, ajudei na redemocratização do Brasil. Coloquei meu tijolinho nessa construção.

Passei outra temporada na França. Conheci amigos que levei para a vida, como Sebastião Salgado. Vi quando ele fez todo tipo de serviço para cuidar dos filhos, inclusive vender botões para camisas. Vi também quando ele publicou fotos impactantes na revista *Paris Match*. Ele era predestinado. Estava na hora certa, no lugar certo, e registrou o atentado que o então presidente americano Ronald Reagan sofreu. Depois, sua carreira decolou. Continuei muito amiga dele e de Lélia, sua esposa, uma mulher fenomenal. Estive em suas exéquias e participei da cerimônia no Instituto Terra, em Minas Gerais.

E também estudei na Lenôtre, uma das principais escolas de gastronomia do mundo, e voltei ao Brasil decidida a abrir um restaurante. Antes, ainda atuei na política. Fui vereadora pelo MDB com a bandeira de ajudar as crianças e as mulheres. Abri uma comissão de inquérito sobre as creches no governo de Orestes Quércia, o que foi decisivo, creio, para voltar o olhar do poder público e da sociedade para essa população.

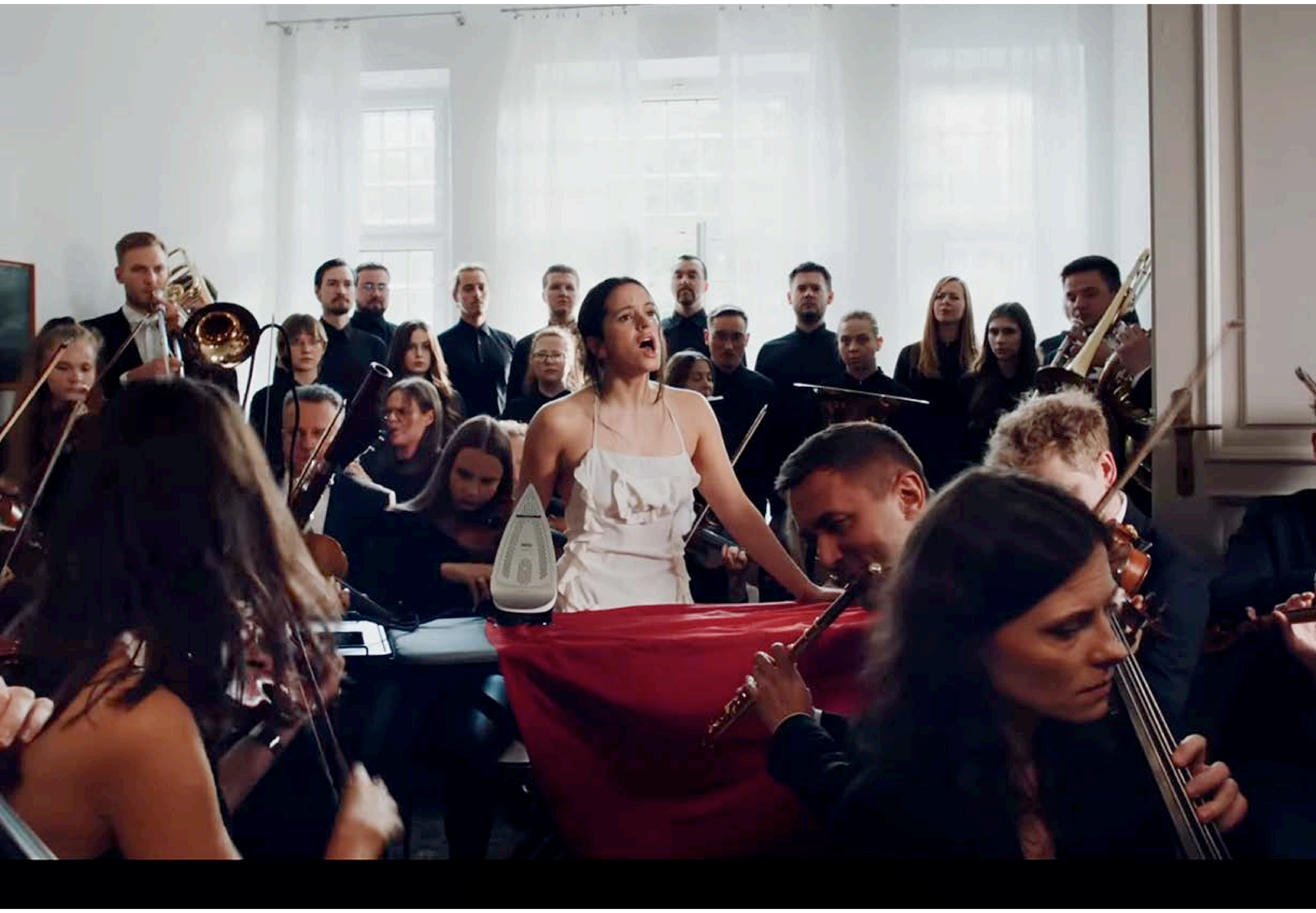
Há mais ou menos trinta anos, decidi finalmente abrir meu restaurante. Comecei com um bistrô francês, Maria's, no bairro do Itaim, em São Paulo. Eu e minha filha, Maria Virgínia, dividimos as tarefas. Durante um tempo, deu certo. Mas eu já tinha mais idade e estava em busca de um sócio. Conheci o Paulo de Barros, que topou trabalhar comigo, mas disse que dominava a culinária italiana. Eu já tinha vontade de fazer a mudança, então seguimos. Assim, fechamos o restaurante por uma semana, trocamos os estofados e o nome na porta e reabrimos com um menu italiano. Assim nasceu o Due Cuochi Cucina, que hoje completa vinte anos e tem quatro unidades. Ninguém vive 80 anos impunemente *(risos).* São muitas histórias. ■

Depoimento a André Sollitto

O SAGRADO E O PROFANO

Com orquestra e pose de diva, a espanhola Rosalía torna-se a mais nova representante de um filão que já rendeu muitos sucessos, o do casamento entre o erudito e o pop

THIAGO GELLI



OUSADIA Rosalía no clipe de *Berghain*: canto lírico, versos em espanhol e participação de Björk

DIVULGAÇÃO

Ao entrar em casa, a cantora Rosalía abre as cortinas da sala. Assim que a luz ilumina o ambiente, músicos da Orquestra Impressione de Varsóvia acompanhados de um coral começam a tocar de forma frenética e imponente a canção *Berghain*, novo single da jovem espanhola de 33 anos, conhecida até aqui por baladas pop com toques de flamenco e reggaeton. No vídeo de promoção do lançamento, ela continua a executar tarefas domésticas e cotidianas, como passar a roupa e andar de ônibus, mas seguida de perto e de forma claustrofóbica pela multidão musical. As imagens surpreendentes por si só ganham corpo quando Rosalía abre a boca invocando um belíssimo canto lírico em alemão. Elementos de arte sacra no cenário reforçam o tom solene da produção que, pasmem, ganha ainda versos em espanhol, uma participação fantasiosa da islandesa Björk — através de um pássaro — e termina em um rap eletrônico assinado pelo artista experimental americano Yves Tumor. Faixa do novo álbum de Rosalía, *Lux*, a mistura rocambolesca funciona: além de angariar elogios para a cantora, *Berghain* chegou ao top 10 da parada mundial do Spotify e passou de 60 milhões de reproduções nas redes da artista em uma semana.

Ao flertar com a ópera, Rosalía se transformou na nova representante de um filão que tem uma tradição de grandes sucessos, unindo, por assim dizer, o sagrado e o profano. A mistura herege começou com a obra conceitual *Tommy,* do grupo inglês The Who. As músicas desse disco inovador narram a saga de um garoto cego, surdo e mudo que era campeão de flipe-

ines249

KEYSTONE/HULTON/GETTY IMAGES

DESEJO Freddie Mercury: o sonho dele era cantar com Montserrat Caballé

rama jogando apenas por meio das vibrações na máquina. Outro grupo britânico, o Queen, foi responsável pelo acachapante hit *Bohemian Rhapsody*: a canção de seis minutos sem refrão é organizada em cinco segmentos e cheia de referências a trabalhos do cânone teatral, como *O Barbeiro de Sevilha*. Mais tarde, o vocalista Freddie Mercury realizou o grande sonho de sua vida, gravando um dueto com a cantora lírica Montserrat Caballé. A mistura chegou inclusive ao universo country, como comprovou o bem-sucedido dueto dentre John Denver e Plácido Domingo em *Perhaps Love*. No teatro musical, a mistura rendeu enormes sucessos nos anos 70 como o espetáculo *Jesus Cristo Superstar*, de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice.

Aos poucos, como mostra Rosalía, essa trilha vai sendo retomada. Beyoncé, por exemplo, estudou técnicas da ópera e canta a ária *Caro Mio Ben* no álbum *Cowboy Carter*. Ariana Grande exibe no filme *Wicked* os dotes líricos que seu trabalho de estrela pop esconde. Até Billie Eilish, conhecida por baladas introspectivas sussurradas, carrega no DNA uma bagagem do tipo: antes do estrelato, fez parte do coro infantil de uma montagem de *Carmen* em Los Angeles. No TikTok, aliás, há todo um movimento curioso de fãs da geração Z que transforma as faixas dessas cantoras da atualidade em versões operísticas. Na seara do rock pauleira, a influência do canto lírico é nítida: o que não faltam nesse campo são vocalistas caprichando na empostação e nas poses de barítonos ensandecidos.

Muitos críticos não levam a sério o cruzamento entre o pop e o erudito, dizendo que a mistura transforma em pastiche uma nobre arte surgida na Itália há quatro séculos. A ópera combina música, drama e rigor técnico. Trágicas ou cômicas, as obras são tão intensas e complexas que desafiaram os mais importantes compositores e cantores da história, de Amadeus Mozart a Giacomo Puccini. A influência do gênero é imensurável, mas tentar emulá-lo para gravações é uma tarefa que poucos querem enfrentar.

Formada na Escola Superior de Música de Catalunha, Rosalía topou o desafio. Ela pode não ser uma cantora de ópera, mas segura bem as pontas. No disco *Lux*, ela esbanja conhecimentos técnicos. Com dezoito faixas, o álbum é dividido em quatro movimentos, cantado em treze línguas e composto com base em diferentes santas católicas. Ela tece uma história pseudolinear que amarra etapas da canonização e encara o esoterismo

KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES

MASON POOLE/DISNEY

ESTUDANTES Beyoncé e Billie Eilish: ópera esteve na formação de ambas

mais como possibilidade de transcendência do que como doutrina. Na décima primeira faixa, *La Yugular*, por exemplo, canta em árabe e coopta a crença islâmica de que todos partiram de uma só alma. Sobra espaço até mesmo para um sensível fado, *Memória*, com a portuguesa Carminho. Já com *Mio Cristo*, diz ter orgulhado a avó fã de Pavarotti: “Para ela, música de verdade significa uma voz com formação clássica. Cresci pensando que um dia faria algo para deixá-la feliz”, confessou ao site NPR. Seu combustível principal, contudo, é o desejo de testar outros campos. “É necessário um outro jeito de fazer pop. É o que Björk e Kate Bush já provaram, e preciso acreditar que é o que faço, ou não estarei realizada”, pontuou. Beber nas fontes da música erudita representa o novo ato dela nessa direção. ■

MENTE BRILHANTE

De volta à franquia *Truque de Mestre*, Jesse Eisenberg deita e rola na pele do mágico golpista — papel que reforça o bom estereótipo que o acompanha: o do cara genial

TRILOGIA O elenco de ilusionistas no filme: geração chega para renovar e aprender com os veteranos da série

PARIS FILMES

“NUNCA presuma que você é a pessoa mais inteligente da sala — prove”, diz Atlas, o ilusionista interpretado por Jesse Eisenberg em ***Truque de Mestre: o 3º Ato*** *(Now You See Me: Now You Don’t,* Estados Unidos, 2025), que estreia nos cinemas na quinta-feira 13. Na cartilha pessoal do ator americano de 42 anos a frase fica um pouco diferente: “Se você não for a pessoa mais inteligente da sala, finja”. “Eu sou bom em parecer um gênio”, disse Eisenberg em entrevista a VEJA. “Nunca fui bem na escola nem seria capaz de fazer o que meus personagens fazem. Sou bom em interpretá-los.” Desde 2010, quando ganhou fama mundial ao encarnar Mark Zuckerberg no filme *A Rede Social*, o ator carrega consigo o estereótipo do tipo sagaz, inteligente e de difícil trato. A fama não o incomoda.

Ao longo da carreira, Eisenberg vem mostrando sua gama de habilidades na atuação, com nuances que vão do nerd metódico na comédia *Zumbilândia* ao médico brilhante da minissérie *A Nova Vida de Toby*, até o vilão Lex Luthor em *Liga da Justiça*. Entre todos eles, o ator tem um favorito. “Eu interpreto muitos caras problemáticos e tristes, isso me afeta. Quando estou na pele do Atlas, um mágico arrogante e de autoestima elevada, eu me sinto o maioral”, afirma, referindo-se ao personagem da franquia.

Iniciada em 2013, *Truque de Mestre* é o tipo de saga de alto orçamento que rende bons frutos financeiros a seus envolvidos sem desmoralizá-los com um roteiro indigente. Na trama, ilusionistas aplicam golpes altos e depois repartem os lucros com a plateia de seus espetáculos. O elenco estrelado conta ainda com Morgan Freeman, Woody Harrelson, Isla Fisher e Dave Franco. Uma nova geração chega agora para esquentar o cenário, encabeçada por Justice Smith, Dominic Sessa e Ariana Greenblatt. Juntos, eles vão disputar um diamante caríssimo com uma criminosa bilionária.

A experiência nos sets elaborados da saga serve de inspiração para Eisenberg, que, além de "gênio fake", é também um jovem diretor e roteirista em ascensão. "Hoje me sinto menos pressionado como ator, pois sei como um set funciona", afirma ele sobre estar dos dois lados da câmera. Com o sucesso de *A Verdadeira Dor*, que lhe rendeu uma indicação de melhor roteiro no Oscar este ano, o ator se prepara para conduzir um projeto mais ambicioso: "É um musical com Paul Giamatti e Julianne Moore ambientado no universo do teatro, com elementos de surrealismo. Mas não passa perto da extravagância de *Truque de Mestre*". Como se vê, Eisenberg apenas finge que não é o mais esperto da sala. ■

Raquel Carneiro

POETA FRAAGMENTADO

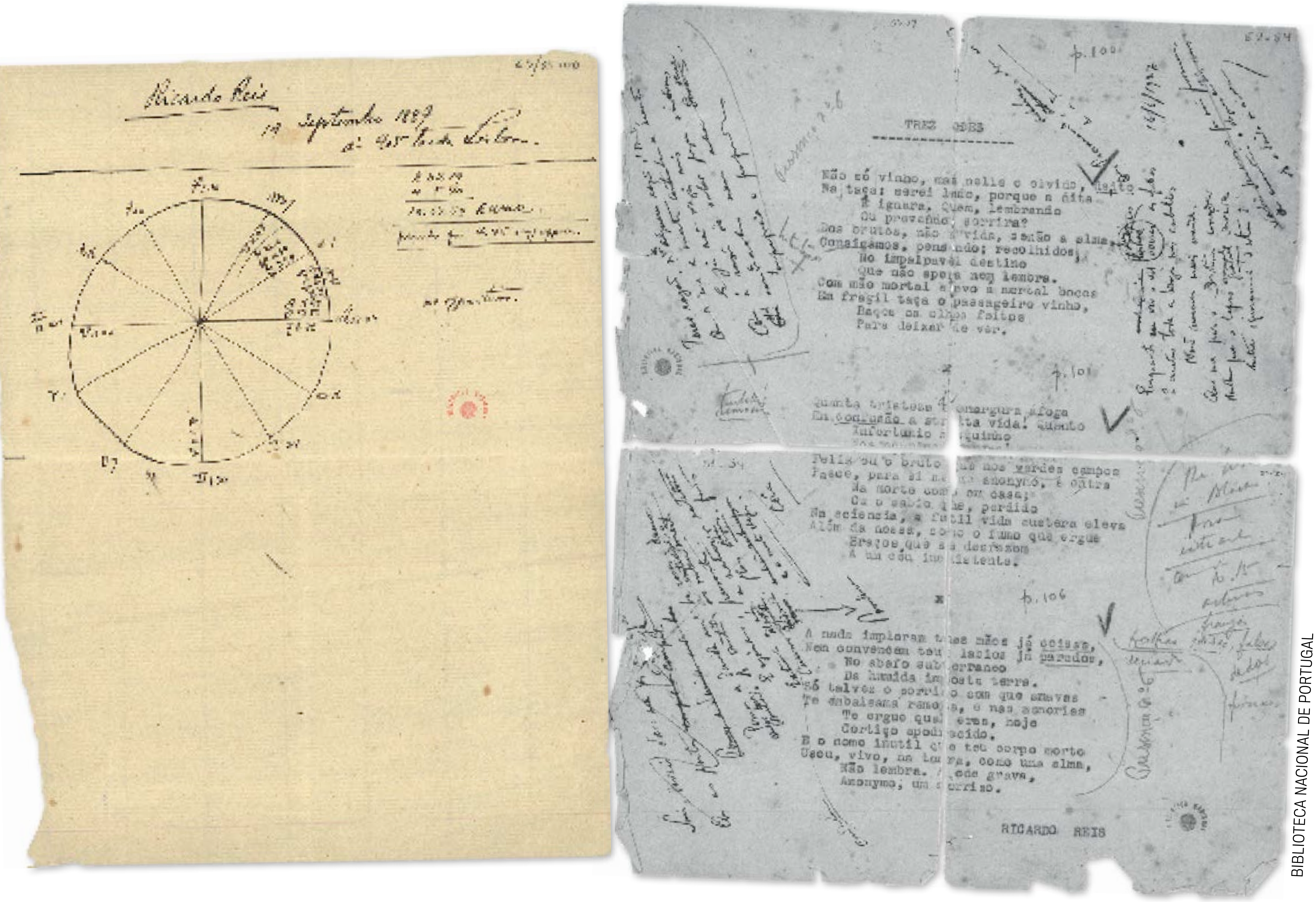
Uma antologia completa, com material inédito de Ricardo Reis, expõe a genialidade de Fernando Pessoa na criação de seus heterônimos **BÁRBARA BIGAS**

CASA FERNANDO PESSOA

AUTOR PÓSTUMO Pessoa: ele publicou pouco de sua obra em vida

NASCIDO em Lisboa em 1888, Fernando Pessoa veio ao mundo em uma época de ressentimentos. Portugal imaginava como o país estaria se o sucesso das expedições marítimas tivesse se convertido em riqueza para a sociedade portuguesa — ao contrário de seu uso para a ostentação da corte e o pagamento de dívidas a outros países. Na vida pessoal, o poeta presenciou acontecimentos sombrios. Quando criança perdeu o pai e o irmão mais novo, ainda bebê, para a tuberculose e viu a mãe trocando a melancolia do luto pela euforia de um novo romance. Tornou-se reservado, discreto, com poucos amigos e quase nenhum envolvimento amoroso. Uma incógnita para muitos — e que até hoje instiga questões. Entre elas a notável capacidade do escritor em se dividir em heterônimos.

Poeta incomparável da língua portuguesa, desde menino Pessoa dizia conviver com essas personalidades, que não eram apenas amigos imaginários. “Eram gente”, anotou em uma de suas muitas obras nunca publicadas. Reside aí outra peculiaridade do autor. Desorganizado, ele escrevia em pedaços de papel soltos, aleatórios, e era dono de um baú de riquezas escritas que ainda estão sendo descobertas pouco a pouco. Dessa fonte acaba de sair a ***Obra Completa de Ricardo Reis,*** publicação da Tinta-da-China Brasil que chega às livrarias brasileiras neste sábado, 8. Organizado pelos pesquisadores colombianos Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe, a obra é a primeira no Brasil a reunir toda a poesia e prosa de Reis, um dos prin-



BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

MANUSCRITOS Mapa astral de Ricardo Reis *(acima)* e anotações: um baú de riquezas que ainda estão sendo descobertas pouco a pouco

cipais heterônimos de Pessoa, além de dois poemas inéditos e imagens de manuscritos e anotações. “Pessoa é nitidamente um autor póstumo. É muito mais um escritor nosso do que de sua época. Se torna nosso porque está a ser publicado, construído e conhecido nos dias de hoje”, defende Pizarro.

Como traço de seus métodos confusos, Pessoa não deu conta de apresentar Ricardo Reis totalmente em vida: foram menos de trinta poemas publicados, frente a uma obra de mais de 200 peças que viriam mais tarde. No perfil criado pelo autor, Reis era um médico português melancólico afinado ao classicismo grego. Era também um ano mais velho que Pessoa — interessado em astrologia, o poeta usava conhecimentos da área na criação de seus heterônimos. No livro há um pequeno mapa astral que define dia, local e horário do nascimento do personagem: a quem interessar possa, Ricardo Reis era virginiano.

A existência dos heterônimos de Fernando Pessoa, diferentes de seu poeta criador e entre si, recusa a simples alcunha de “pseudônimo”. Em 1928, ele cravou que “a obra pseudônima é do autor em sua própria pessoa, no nome que ele assina; a heterônima é do autor fora de sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele”. O trio de personas mais populares de sua obra deixa esse conceito claro: enquanto Reis era mais racional, Álvaro de Campos era emotivo e colérico, e Alberto Caeiro, um fleumático introspectivo. Segundo os pesquisadores, Reis traz a retroguarda que simboliza o equilíbrio em uma era de mudança social, marcada pela Primeira

fernando pessoa
obra completa de
ricardo reis
edição de jerónimo pizarro e jorge uribe
TINTA-DA-CHINA

OBRA COMPLETA DE RICARDO REIS, de Fernando Pessoa (Tinta-da-China Brasil, 520 págs., R$ 189,90)

ines249

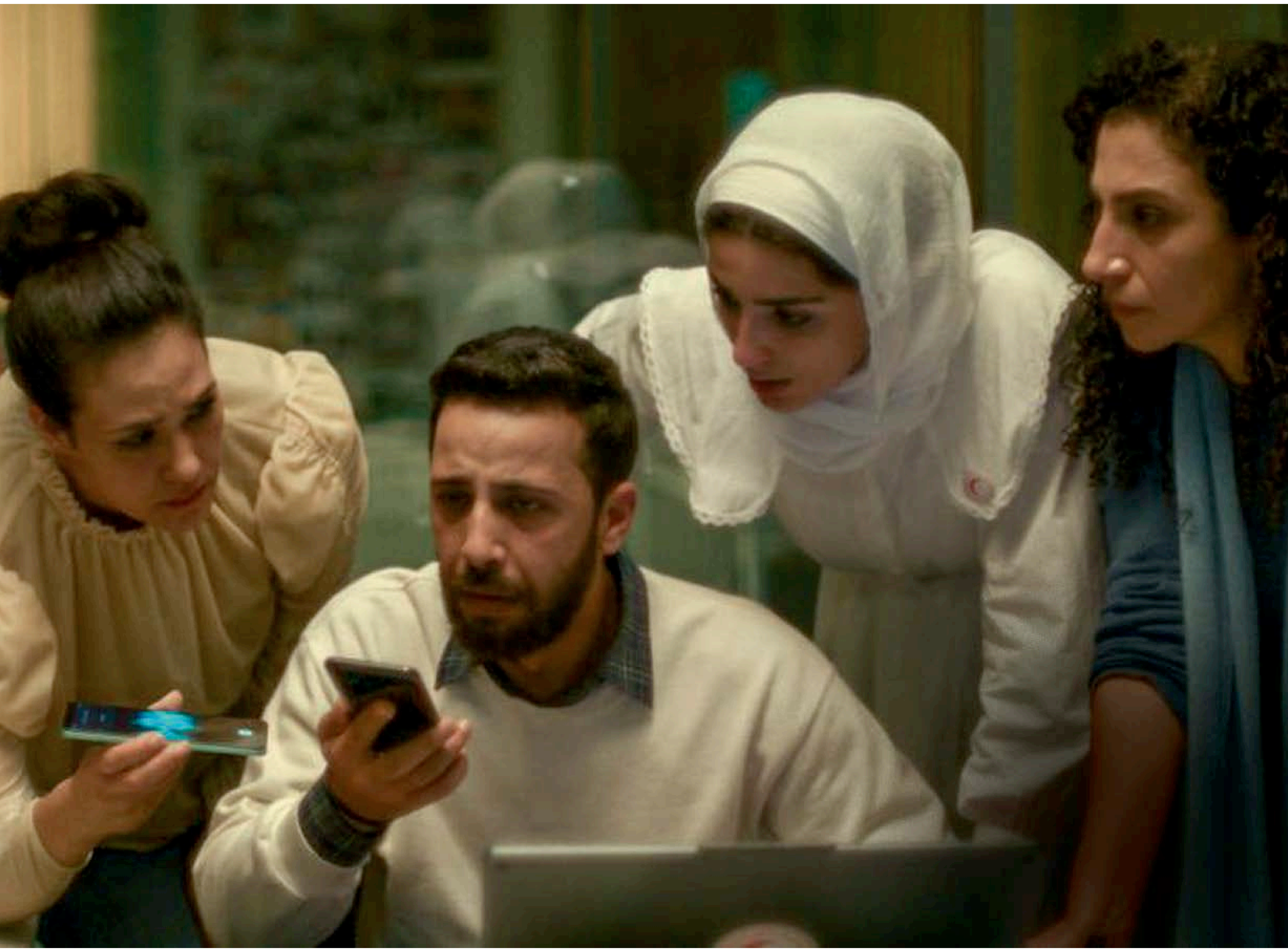
Guerra Mundial, que estourou no ano em que Pessoa publicou os primeiros textos de seus heterônimos.

Em *O Regresso dos Deuses*, ensaio escrito por Reis e António Mora, semi-heterônimo de Pessoa — ou seja, perfil mais próximo do autor original —, há a exaltação dos ideais gregos como um espelho ideal para o mundo moderno. "Tudo posterior à Grécia tem sido um erro e um desvio. As nossas instituições políticas sofrem do coletivismo romano e do sentimentalismo cristão", atestam. Assim como Pessoa culpava a Igreja Católica pela estagnação de Portugal, Reis era crítico da religião cristã e chegado aos ideais paganistas, acreditando que a divindade se manifestava por meio da natureza. Pessoa morreu em 1935, aos 47 anos, vítima de uma cirrose hepática, consequência do alcoolismo. Sofreu episódios de depressão e, sugerem estudiosos, pode ter sido acometido por distúrbios mentais que lhe deram o caráter fragmentado. Tais informações dão novo entendimento à frase de Ricardo Reis que diz: "para ser grande, sê inteiro". Assim, o inesquecível poeta foi tudo o que pôde. ■

GUERRA EM FOCO

Com o reforço do ótimo e angustiante *A Voz de Hind Rajab,* uma leva de filmes explora conflitos atuais enquanto eles ainda se desenrolam fora das telas

AMANDA CAPUANO



DESALENTO *A Voz de Hind Rajab:* criança clama por socorro em meio ao conflito entre Hamas e Israel

MATHILDE MARC/THE PARTY FILM SALES

A 15 QUILÔMETROS da cidade de Gaza, sob uma tenda montada em um campo de refugiados, cerca de 250 pessoas se reuniram diante de uma TV de 55 polegadas alimentada por um gerador para assistir a um dos filmes mais impactantes do ano: ***A Voz de Hind Rajab*** *(Sawt Hind Rajab,* Tunísia/França/Estados Unidos, 2025), que abriu o Festival Internacional de Cinema de Mulheres de Gaza no fim de outubro. Vencedor do Leão de Prata em Veneza, o longa retrata a história real da garota palestina de 5 anos cujo carro em que fugia com os tios e primos foi alvejado por militares israelenses em janeiro de 2024. Cercada por corpos, a criança que batiza o filme consegue contato por telefone com agentes da organização humanitária do Crescente Vermelho — que se esforçam para acalmá-la enquanto tentam, desesperadamente, liberar uma rota segura para que socorristas cheguem até ela. "Saudações aos amantes da vida em meio à morte", disse o presidente do festival em Gaza, Ezzaldeen Shalh, antes da sessão.

Dirigido pela tunisiana Kaouther Ben Hania e representante do país africano no Oscar, o longa que chega aos cinemas brasileiros em janeiro é o exemplar mais recente e emotivo de uma leva de tramas que correram contra o tempo para pontuar e denunciar os horrores de guerras ainda em curso — oferecendo recortes dramáticos entre o caos das coberturas ostensivas do noticiário e das redes sociais. Desse olhar atualíssimo e desafiador saíram também a série antológica *One Day in October*, da HBO Max, que dra-

ANTIPODE FILMS

DORES REAIS O documentário *Sem Chão (acima)* e a série dramatizada *One Day in October:* o perigo em cena

FOX ENTERTAINMENT STUDIOS

matiza o ataque do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023, que matou 1 200 pessoas, além de documentários como *20 Dias em Mariupol* e *Sem Chão* — ambos venceram o Oscar nos dois últimos anos ao retratar, respectivamente, os conflitos entre Rússia e Ucrânia, que totaliza até o momento 350 000 militares e 14 300 civis mortos, e entre Israel e Hamas — com mais de 67 000 vítimas que morreram, sendo a maioria delas civis palestinos.

Gênero recorrente no cinema, as dramatizações de guerra costumam olhar para os conflitos em retrospecto. Se hoje longas sobre o Holocausto ainda chocam com os horrores do passado, as tramas que se debruçam sobre o presente carregam o peso angustiante de serem consumidas ao mesmo tempo que os horrores vistos na tela se repetem nas zonas de conflito. Registrar esse ambiente violento não é fácil: diretora de *A Voz de Hind Rajab*, Ben Hania conheceu a história através de trechos do pedido de socorro da garota que viralizaram nas redes sociais. Depois de ouvir a gravação completa, trabalhou no filme por um ano, usando pedaços reais da ligação na trama. "Às vezes, o que você não vê é mais devastador do que o que você vê", explicou certa vez sobre a escolha de usar uma tela preta nas partes em que a voz de Hind é reproduzida. No caso dos documentários, a produção costuma ser mais rápida, mas é preciso colocar-se em perigo. Co-diretor de *Sem Chão*, Hamdan Ballal foi detido por soldados israelenses três semanas depois do Oscar. Ele alega que foi espancado e que ouviu deboche dos militares sobre o prêmio. Além da violência, há ainda a falta de estrutura causada pela guerra. Os jornalistas responsáveis por *20 Dias em Mariupol*, por exemplo, arriscaram a vida filmando a cidade sitiada por três semanas. Para enviar as imagens para a redação, se empoleiravam em escadas buscando algum sinal de internet. "Queria nunca ter feito esse filme", declarou o diretor Mstyslav Chernov ao receber o Oscar. Apesar da realidade dolorosa, o cinema se recusa a fechar os olhos. ■

ines249

WALCYR CARRASCO

MEUS LIVROS, MEU TESOURO

Como a leitura nos leva para outros mundos e outras emoções

NO FINAL de meu primeiro ano escolar, em um colégio público, tive boas notas e a professora me presenteou com um livro. Era *Simbad, o Marujo*, e eu li, gostei e nunca esqueci. Minha família não tinha o hábito da leitura. Meu pai, ferroviário, minha mãe, comerciante e dona de casa. Foi uma surpresa quando descobriram que havia um menino diferente na família. Um garoto que gostava de ler. E que, no aniversário, queria livros de presente. Sabiamente, me deram, a partir dali, todas as obras que podiam. Não eram muitas, porque o dinheiro era escasso. Mas todo mês eu tinha direito a comprar um novo exemplar. Descobri também a biblioteca pública e me tornei freguês! Assim, não me faltaram livros para ler.

Houve momentos de escândalo, como quando emprestei da vizinha os volumes das *Mil e Uma Noites*. Eram livros ricamente encadernados, que ela comprara para enfeitar a sala. Mas era, digamos, uma versão adulta, com detalhes *hard core*. Minha mãe descobriu (de repente meu interesse pela leitura tornou-se excessivo), proibiu-me de continuar a ler. Mas, para minha surpresa, em breve ela e as amigas trocavam os livros entre si, com risinhos escandalizados. Foi a primeira vez que senti, realmente, uma imensa revolta juvenil.

Minha paixão pelos livros começou quando emprestei *Reinações de Narizinho,* de Monteiro Lobato, de uma amiga. Hoje, o escritor é muito criticado pela maneira como trata o personagem de Tia Nastácia, sem dúvida racista. Mas devo muito a ele. Foi após a primeira leitura de *Reinações* que eu anunciei: "Quero ser escritor!". A família me avisou que a profissão era insegura, "melhor prestar concurso público". Mas eu tinha definido, já aos 11 anos, qual seria meu futuro: escrever! Amar os livros me formou como pessoa, pavimentou meu caminho para a vida. Mas há um segredo.

Hoje em dia se fala muito em como incentivar crianças e jovens a ler. Acho que uma boa maneira é se espelhar no meu caminho. Como meus pais não eram grandes intelec-

"Amar as obras me formou como pessoa, pavimentou meu caminho para a vida"

tuais, nem viviam agarrados a teorias sobre educação, simplesmente me deixavam ler o que eu quisesse — exceto pelo escândalo das *Mil e Uma Noites*, mas foi exceção. Então, para mim, a leitura transformou-se em uma diversão, uma maneira de viver aventuras com as quais nem sonhava, conhecer mundos diferentes, sentir emoções de personagens distantes de meu cotidiano de garoto do interior de São Paulo. A leitura só me fez crescer como pessoa e me formou como indivíduo. Principalmente, me fez pensar. Existe melhor escola do que aprender a pensar?

Não há fórmula para "ensinar" alguém a gostar de ler. Para gostar de um livro, a pessoa precisa apaixonar-se pelo tema, pela narrativa, rir ou chorar com o conteúdo. Mas quem gosta de um livro lerá outro. E outro e outro... até descobrir que um livro é o portal para outros mundos, outras vidas e emoções. Foi o que aconteceu comigo. Se eu não gostasse de ler, de uma coisa tenho certeza: eu não seria eu. ■

LIONSGATE FILMS

CINEMA

QUANDO O CÉU SE ENGANA

(*Good Fortune,* Estados Unidos, 2025. Em cartaz)

A vida de Arj (Aziz Ansari, também diretor do filme) está péssima. Sozinho e desempregado, ele mora no carro e passa a aceitar bicos em um aplicativo de prestação de serviço. É assim que seu caminho se cruza com o do bilionário Jeff (Seth Rogen). Ciente das lamúrias de Arj, um anjo de segun-

ines249

COMÉDIA Keanu Reeves e Sandra Oh: anjo muito atrapalhado interfere na vida de dois humanos opostos

da categoria, interpretado com sagacidade por Keanu Reeves, tenta mostrar para o rapaz que dinheiro não é tudo — para isso, troca a vida dele com a do ricaço. Arj adora a nova vida e não quer mais destrocar: afinal, dinheiro pode, sim, trazer um bocado de felicidade. O trio então embarca em uma jornada filosófica cômica, enquanto tentam entender qual o propósito da existência de cada um, para além de ter ou não privilégios — e poderes sobrenaturais.

CINEMA

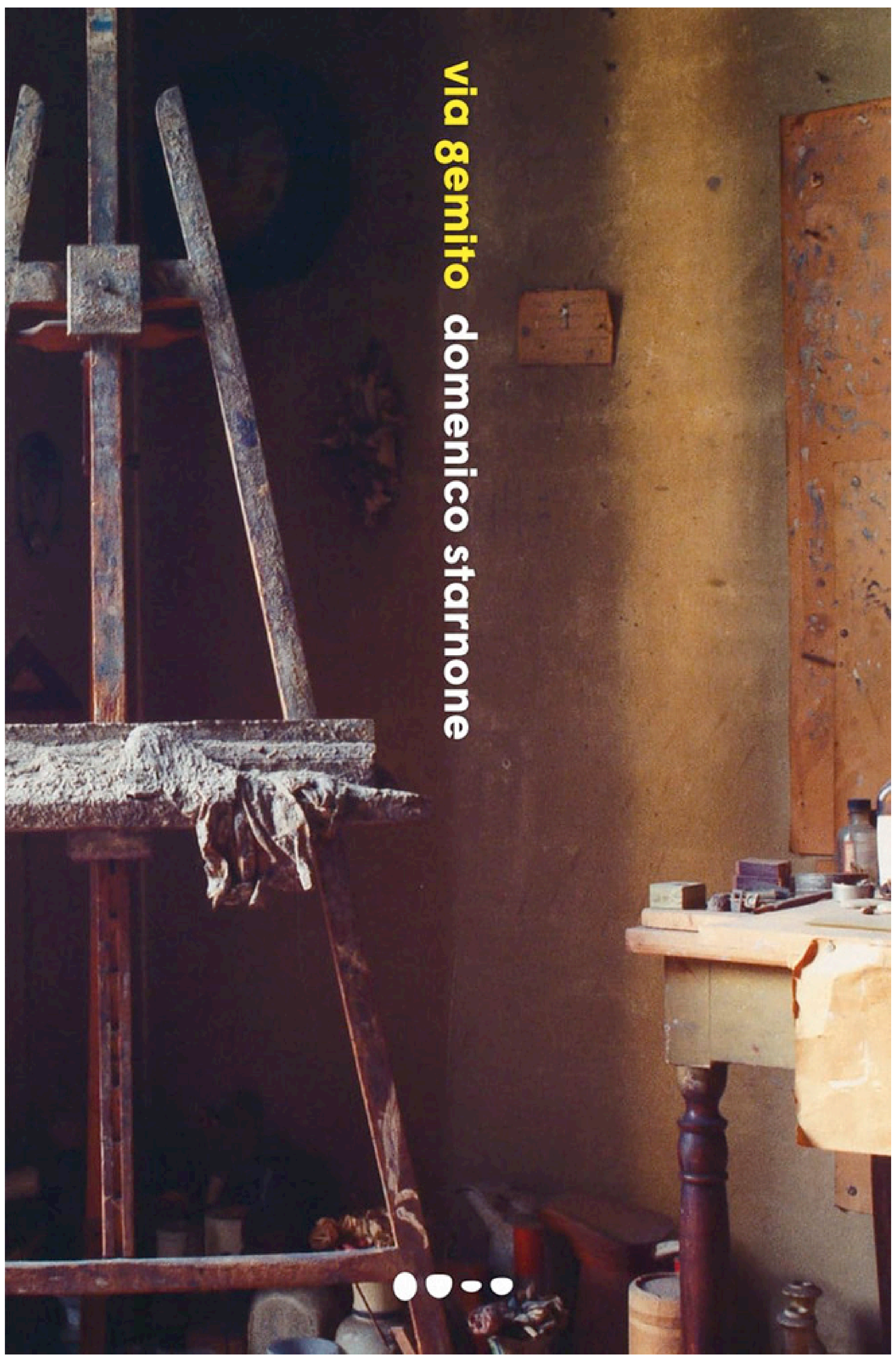
PREDADOR: TERRAS SELVAGENS

***(Predator: Badlands*, Estados Unidos, 2025. Em cartaz)**

Quase quarenta anos após o *Predador* original, a franquia de terror e ação parecia causa perdida e garantia de mediocridade — até Dan Trachtenberg aparecer. O cineasta americano assumiu as rédeas do universo em 2022 por meio do excelente *A Caçada* e continua a esbanjar criatividade em seu novo longa. Nele, um predador anômalo, menos invencível que seus pares, e uma androide defeituosa, vivida por Elle Fanning, se unem para desbravar um planeta letal, construído pelo diretor com muita atenção aos detalhes. Dentro do cenário, sequências pouco óbvias e diálogos bem-humorados prendem a atenção.

20TH CENTURY STUDIOS

ESTRANHA AMIZADE A robô Thia e o predador Dek: dupla se complementa



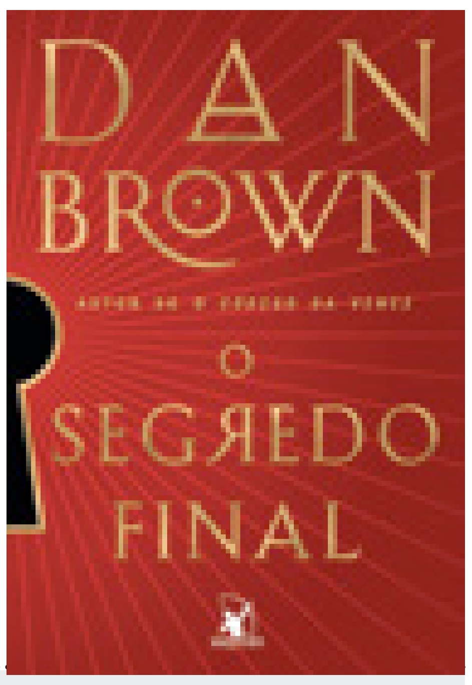
LIVRO

VIA GEMITO,

de Domenico Starnone (tradução de
Maurício Santana Dias; Todavia; 492 págs.;
R$ 139,90 e R$ 89,90 em e-book)

Estabelecido como um dos melhores autores italianos contemporâneos, Starnone alcançou o prestígio com esse livro, publicado originalmente em 2001 e que ganha agora uma tradução no Brasil. Na trama, o protagonista Federí, alter ego do escritor, relembra a trajetória do pai, um ferroviário que sonha em ser artista. Ambientado em Nápoles no período pós-guerra, o livro flui entre autobiografia e ficção e explora a perspectiva do filho em busca de compreender o genitor e as marcas emocionais deixadas por ele na construção de sua identidade. ■

FICÇÃO



1 **O SEGREDO FINAL**
Dan Brown [1 | 8] ARQUEIRO

2 **SE NÃO FOSSE VOCÊ**
Colleen Hoover [2 | 5#] GALERA RECORD

3 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [3 | 77#] ARQUEIRO

4 **A METAMORFOSE**
Franz Kafka [7 | 14#] VÁRIAS EDITORAS

5 **JANTAR SECRETO**
Raphael Montes [0 | 31#] COMPANHIA DAS LETRAS

6 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 181#] GALERA RECORD

7 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [0 | 30#] RECORD

8 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [0 | 43#] ROCCO

9 **ALCHEMISED**
SenLinYu [4 | 6] INTRÍNSECA

10 **A CABEÇA DO SANTO**
Socorro Acioli [9 | 21#] COMPANHIA DAS LETRAS

ines249

NÃO FICÇÃO

1 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [1 | 94#] VOZES

2 **COISA DE RICO**
Michel Alcoforado [2 | 13] TODAVIA

3 **TREMEMBÉ**
Ullisses Campbell [7 | 9] MATRIX

4 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [6 | 102#] VÁRIAS EDITORAS

5 **ANÁLISE**
Vera Iaconelli [9 | 15] ZAHAR

6 **O OUVIDOR DO BRASIL**
Ruy Castro [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

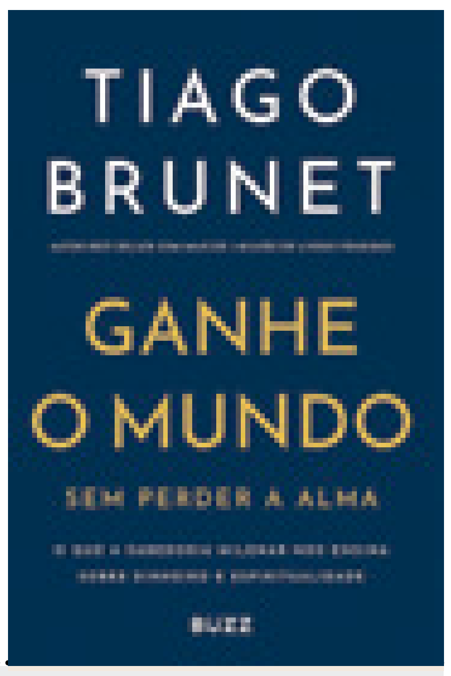
7 **QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA** Carolina Maria de Jesus [0 | 76#] ÁTICA

8 **NA CENA DO CRIME – POR TRÁS DA FITA AMARELA** Ricardo Salada [0 | 1] PRINCIPIS

9 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [10 | 50#] COMPANHIA DAS LETRAS

10 **TRUMP: A ARTE DA NEGOCIAÇÃO**
Donald Trump [8 | 3] CITADEL

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **GANHE O MUNDO SEM PERDER A ALMA**
Tiago Brunet [1 | 6] BUZZ

2 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [2 | 109#] HARPERCOLLINS BRASIL

3 **O PODER DO SUBCONSCIENTE**
Joseph Murphy [5 | 4#] BEST SELLER

4 **A ARTE DE GASTAR DINHEIRO**
Morgan Housel [0 | 1] HARPER BUSINESS

5 **CAFÉ COM DEUS PAI 2026**
Junior Rostirola [7 | 3#] VÉLOS

6 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [4 | 108#] ALTA LIFE

7 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [6 | 83#] ROCCO

8 **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [8 | 183#] SEXTANTE

9 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [10 | 129#] ALTA BOOKS

10 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER**
Ana Claudia Quintana Arantes [0 | 40#] SEXTANTE

ines249

INFANTOJUVENIL

AS
AVENTURAS
DE MIKE
Pé na estrada
GABRIEL DEARO & MANU DIGILIO
ILUSTRAÇÕES DE MACK

1 **AS AVENTURAS DE MIKE 5 – PÉ NA ESTRADA**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [1 | 5] OUTRO PLANETA

2 **DIÁRIO DE UM BANANA 20 – FESTA INSANA**
Jeff Kinney [0 | 1] VR

3 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 490#] VÁRIAS EDITORAS

4 **CRIATURAS IMPOSSÍVEIS**
Katherine Rundell [0 | 1] FARO EDITORIAL

5 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [3 | 71#] INTRÍNSECA

6 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO 2 – O SEGREDO DO FLOREANTE** Maidy Lacerda [4 | 12] OUTRO PLANETA

7 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [8 | 484#] ROCCO

8 **ALIADA DO VILÃO**
Hannah Nicole Maehrer [0 | 6#] ALT

9 **CORALINE**
Neil Gaiman [0 | 101#] INTRÍNSECA

10 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
Maidy Lacerda [0 | 16#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo /** Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, Paulus, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Selecta, Simples, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

AOS PEDAÇOS

SETE QUILÔMETROS separam a casa onde Jair Bolsonaro está em prisão domiciliar e o presídio da Papuda, cárcere de 5 000 condenados. Na semana passada, o governo de Brasília pediu uma avaliação do seu quadro clínico. Quer saber se o "apenado" de 70 anos de idade, com sete cirurgias no histórico hospitalar dos últimos sete anos, pode ser socorrido no serviço médico do sistema penal, caso necessário.

A fantasmagoria da Papuda perturba o ex-presidente, conta quem o visitou recentemente. Ele não fala sobre a vizinha do bairro Jardim Botânico, em negação à realidade da sentença de 27 anos e três meses de prisão por crimes em série contra a Constituição — um deles, tentativa de golpe de Estado.

Sua melhor chance para evitá-la é obter do Supremo Tribunal Federal ordem de prisão domiciliar por razões médicas. Há precedente. Os juízes fizeram coisa parecida em maio: aceitaram o argumento do ronco noturno como sintoma de risco à saúde de outro ex-presidente. Condenado a oito anos e dez meses de cadeia por corrupção, Fernando Collor está há cinco meses aprisionado num apartamento de cobertura de frente para o mar em Maceió.

Enquanto isso, esvaem-se as perspectivas de influência do clã Bolsonaro. Estão fracionadas as forças da direita que ajudaram a elegê-lo em 2018, com retórica renovada e ativismo pleno em redes sociais, reassumindo seu lugar na paisagem política.

Evidência disso está na certificação da Justiça Eleitoral na semana passada concedida ao partido Missão, o trigésimo na constelação brasileira. Consolida o Movimento Brasil Livre, que apareceu nas ruas de São Paulo num sábado ensolarado do inverno de onze anos atrás, em protesto contra o reformismo de Lula e Dilma, do Partido dos Trabalhadores e organizações satélites.

Os fundadores do partido Missão se tornaram pioneiros no novo racha da direita já na campanha presidencial de 2018. Pagaram o preço da rejeição à idolatria a Bolsonaro ("Mito" na propaganda, irônica redução do apelido "Palmito") e da contestação em público: "O capitão-deputado não é um liberal", repetiam em palanques e entrevistas.

A conversão do MBL em partido representa uma tentativa de escapar do moedor em que boa parte dos grupos políticos de direita se submeteu ao apoiar Bolsonaro, o seu projeto de hegemonia política familiar e, ainda, relativizar a conspirata condimentada por plano de assassinatos para se manter no poder. Tudo a pretexto do antipetismo.

“MBL vira partido e tenta escapar do moedor em que parte da direita se meteu com Bolsonaro”

Aparentemente, uma parte da direita brasileira optou por se alinhar — por ação ou omissão — à política de interferência do governo Donald Trump na América do Sul. O resultado é o flerte desses grupos com a intervenção externa na política e na economia nacional.

Encobrem-se a histórica incompetência e a falta de propostas realistas dos governos para lidar com máfias do narcotráfico e do banditismo policial com a propaganda de ações legislativas esdrúxulas, mas conectadas ao arsenal de leis extraterritoriais de Washington.

É o caso, por exemplo, do projeto que equipara gangues criminosas a organizações terroristas. Tem o aval do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, e conta com o fervor do secretário de Segurança, Guilherme Derrite.

Ex-policial militar, com envolvimento em dezena de homicídios, Derrite é deputado federal licenciado e planeja retornar à Câmara para relatar o projeto classificando facções do crime como terroristas. Ele supõe que a aprovação ajudaria a alavancar sua candidatura ao Senado no ano que vem. A hipótese é razoável, porque “terrorismo” define com precisão o sentimento de insegurança, de intimidação e de violência de um terço dos brasileiros, que residem em áreas sob a ditadura do narcotráfico e de milícias.

O problema é o custo político derivado desse entusiasmo do governador paulista e de seu secretário, eventual beneficiário. Seria inconstitucional, dizem juízes do STF antevendo uma batalha judicial. E, principalmente, deixaria o Brasil numa situação bem esquisita. Se transformaria num país onde máfias criminosas como o Primeiro Comando da Capital (PCC) e o Comando Vermelho (CV) estariam classificadas como grupos terroristas; porém, organizações políticas proscritas nos Estados Unidos e na Europa, como Hezbollah, Boko Haram, Hamas e Farc, continuariam isentas em solo brasileiro.

O bolsonarismo derrete. Parte da direita brasileira navega sem bússola e sem rumo. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA**

NOVIDADE

ACQUA AROMA
CASACLAUDIA

Acqua Aroma e Casa Claudia criaram uma coleção exclusiva de aromatizadores de ambientes, com uma fragrância sofisticada que traduz o estilo e bom gosto: *velvet cherry*

Escaneie o
QR Code e
compre agora

www.acquaaroma.com.br
@acquaaroma

1 *Difusor de aromas 350mL.* **2** *Difusor Cristal 200g.* **3** *Essência Concentrada 20mL.*

O Bradesco não te liga pedindo para instalar aplicativos ou transferir dinheiro para uma conta segura.
bradesco
Você primeiro.
bradesco
Busque por:
Segurança Bradesco
Fuja de cilada financeira.